



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RENATO MESQUITA RODOLFO

**A UNIVERSIDADE (FEDERAL) DO CEARÁ ENTRE O BENFICA E A
GENTILÂNDIA: ESPAÇOS, LUGARES E MEMÓRIAS (1956-1967)**

Fortaleza

2015

RENATO MESQUITA RODOLFO

A UNIVERSIDADE (FEDERAL) DO CEARÁ ENTRE O BENFICA E A
GENTILÂNDIA: ESPAÇOS, LUGARES E MEMÓRIAS (1956-1967)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História Social. Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- R597u Rodolfo, Renato Mesquita.
A Universidade (Federal) do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia : espaços, lugares e memórias (1956-1967) / Renato Mesquita Rodolfo. – 2015.
166 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: História social.
Orientação: Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira.
- 1.Bairros – Aspectos sociais – Fortaleza(CE) – 1956-1967. 2.Benfica(Fortaleza,CE) – Usos e costumes – 1956-1967. 3.Vida urbana – Benfica(Fortaleza,CE) – 1956-1967. 4.Espaços públicos – Aspectos sociais – Benfica(Fortaleza,CE) – 1956-1967. 5.Universidades e faculdades públicas – Aspectos sociais – Benfica(Fortaleza,CE) – 1956-1967. 6.Universidade Federal do Ceará. I.Título.

RENATO MESQUITA RODOLFO

A UNIVERSIDADE (FEDERAL) DO CEARÁ ENTRE O BENFICA E A
GENTILÂNDIA: ESPAÇOS, LUGARES E MEMÓRIAS (1956-1967)

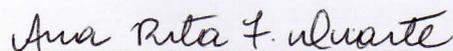
Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
Social do Departamento de História da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em História Social. Área de
concentração: História Social.

Aprovada em: 11/06/2015

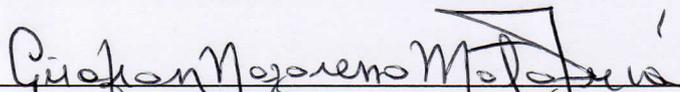
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof.ª Dr.ª Ana Rita Fonteles Duarte
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. Gisafra Nazareno Mota Jucá
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha esposa Nayara Melo

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro dado por meio da bolsa e da manutenção desta durante todo o curso.

Ao Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira, pelas excelentes orientações, frente a frente ou à distância, que foram muito importantes para a concretização desse trabalho e para o engrandecimento pessoal e profissional. Também pelo apoio constante, compreensão e amizade que foram igualmente importantes.

Aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Ana Rita Fonteles Duarte, Prof. Dr. Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho (por ocasião do exame de qualificação) e Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá pelas contribuições à dissertação.

Aos integrantes do Memorial da UFC, em especial ao Sr. Assis Martins e à Josiane Vieira, pela constante ajuda na busca de fontes, nos contatos e nas sugestões.

Aos professores e professoras que ministraram as disciplinas no decorrer do mestrado e que de muito engrandeceram o presente trabalho.

À coordenação da Pós-Graduação.

Aos colegas/amigos do GEPPM, pelas discussões sempre pertinentes, pelas contribuições e sugestões que vieram a se incorporar e engrandecer o presente texto. Também pelos momentos de confraternização e descontração que foram importantíssimos para se desprender um pouco das leituras, pesquisas e escritas.

Aos colegas/amigos da turma de mestrado pela força nos momentos de angústia, pelas alegrias nos momentos de confraternização, pelo companheirismo que resistiu ao fim das aulas e por partilharmos as mais variadas sensações no decorrer do curso. Em especial ao Anderson Galvão por ter sido a ponte aérea de textos no momento em que a distância se mostrou uma dificuldade.

Ao Zildemar, Anderson Galvão (mais uma vez) e Emanuela (Maninha), por facilitarem os contatos iniciais com os entrevistados/narradores que foram de enorme importância na realização desse trabalho.

Aos entrevistados, pelo tempo dispendido, pelas narrativas, muitas vezes encantadoras, e pela concessão sem ressalvas para o uso na composição do presente texto.

Ao Prof. Pós-Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho, pelas discussões, sugestões de textos e contribuições que compuseram partes importantes desse trabalho.

Aos amigos/irmãos de sempre: Israel, Vicente, Victor, Paulo, Gustavo, João Paulo e Pedro, pelos momentos musicais/éticos/teórico-filosóficos. Em especial ao Israel, pelo presente que possibilitou a corporificação da profusão de sentimentos que é uma dissertação de mestrado.

Aos amigos/companheiros/padrinhos/irmãos: Rafael, Jelliffer, Edson e Karol, pela amizade acima de tudo, pelo carinho e companheirismo que se mantiveram mesmo à distância.

À minha família, em especial às minhas duas mães, Zélia e Franci, pela criação, educação e carinho. Ao meu tio, Alber, pelas conversas despreziosas.

À minha esposa, Nayara Melo, pelo apoio diário, pela compreensão incondicional, pelo estímulo constante, pela parceria de sempre. Te amo.

RESUMO

Este trabalho analisa a instalação da Universidade (Federal) do Ceará e o espaço ocupado por ela no Benfica e na Gentilândia, atentando para as relações espaciais e mnemônicas que implicaram nessa inserção. Desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória (GEPPM/UFC-Cnpq), a pesquisa toma como marco de ocupação desses espaços pela Universidade, fundada em 1954, a aquisição e posterior inauguração da atual sede da Reitoria em junho de 1956, no bairro Benfica. A partir desse ponto a instituição empreendeu uma política de expansão ao redor de sua sede administrativa imprimindo modificações que alteraram as dinâmicas do viver, do morar e do passar no bairro. Historicamente, o espaço ocupado pela Universidade fora marcado por fases distintas de ocupação e deslocamentos ditados pela experiência de modernização pela qual passava a cidade de Fortaleza. No contexto em que a Universidade se insere, alguns membros da elite que havia se fixado no Benfica, entre o final do século XIX e início do século XX, estavam se mudando para a Aldeota e Praia de Iracema, facilitando a inserção da instituição no bairro. Ao mesmo tempo que a Universidade do Ceará foi se expandindo e se apropriando de imóveis no Benfica, outras dinâmicas e sensibilidades operaram a nova configuração daquele espaço. As intervenções operadas pela referida instituição possibilitaram a formação de um novo referencial para o Benfica, o de bairro universitário. Esse referencial, por sua vez, baseou-se em memórias construídas junto às atividades universitárias, tendo em vista que essas ações foram impondo no bairro fixos e fluxos universitários. Buscou-se identificar, ao longo do presente trabalho, como esse referencial foi se formando e as implicações dessa formação na relação dos moradores com o bairro e com a Universidade, tendo em vista que as memórias desses sujeitos amparam-se também num contexto anterior à inserção dessa instituição e resistiram, em alguns casos, às imposições dela.

Palavras-chave: Cidade. Memória Universidade Federal do Ceará. Benfica. Gentilândia.

RESUMÉ

Ce travail analyse l'installation de l'Université (Fédérale) du Ceará et l'espace occupé par cette institution dans le quartier Benfica et le quartier Gentilândia à Fortaleza, en faisant attention aux relations spatiales et mnémoniques qui a entraîné dans cet encart. Développé au sein du *Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória* (GEPPM/UFC-CNPq), la recherche prend comme point de référence pour remplir ces espaces par l'Université, fondée en 1954, l'acquisition et l'inauguration ultérieure du siège actuel de son Rectorat en juin 1956, dans le quartier Benfica. A partir de là, l'institution a entrepris une politique d'expansion autour de son siège administratif, les modifications qui ont modifié la dynamique de la vie, le vivre et le promener dans le quartier. Historiquement, l'espace occupé par l'Université a été marquée par des phases distinctes d'occupation et de déplacement imposées par la modernisation de l'expérience qui a adopté la ville de Fortaleza. Dans le contexte dans lequel l'Université est insérée, certains membres de l'élite qui avait été fixé dans le quartier Benfica, entre la fin du XIXe siècle et début du XXe siècle, se déplaçant au quartier Aldeota et le quartier Praia de Iracema, en facilitant l'insertion de l'institution dans le quartier Benfica. Alors que l'Université du Ceará était en expansion et de l'appropriation des biens immobiliers dans le quartier Benfica, d'autres dynamiques et sensibilités exploités la nouvelle configuration de cet espace. Les interventions faites par cette institution ont permis la formation d'un nouveau cadre pour le quartier Benfica, l'un de quartier universitaire. Cette référence, à son tour, reposait sur souvenirs construits avec des activités universitaires, considérant que ces actions s'imposaient dans les flux et fixes académiques. Cherchant à identifier, tout au long de ce travail, que ce cadre se formait et les implications de cette formation dans la relation des habitants avec le quartier et avec l'Université, étant donné que les souvenirs de ces sujets sont également renforcent un contexte plus tôt pour l'inclusion de cette institution et résisté dans certains cas, les impositions de lui.

Mots-clés : Ville. Mémoire. Université Fédéral du Ceará. Benfica. Gentilândia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Mapa de Fortaleza com as delimitações dos bairros.....	43
Figura 2	–	Planta da Cidade de Fortaleza Capital da Província do Ceará Levantada por Adolpho Herbster 1888.....	44
Figura 3	–	Mapa das linhas de bondes de Fortaleza em 1910.....	46
Figura 4	–	Mapa de Localização das Instituições de Ensino Superior de Fortaleza em 1956.....	64
Figura 5	–	Mapa de apropriação da UFC no Benfica por ordem cronológica.....	82

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Família Gentil em frente à fachada da antiga chácara.....	50
Fotografia 2 – Palacete da Família Gentil.....	50
Fotografia 3 – Vista aérea da Reitoria e Concha Acústica da Universidade do Ceará.....	55
Fotografia 4 – Desfile de abertura dos II Jogos Universitários do Ceará promovidos pelo Diretório Central dos Estudantes.....	72
Fotografia 5 – Maquete das novas unidades instaladas em torno da Reitoria.....	83
Fotografia 6 – Fachada da Reitoria da Universidade do Ceará.....	88
Fotografia 7 – “SOLENIDADE DE COLAÇÃO DE GRAU. Presentes tôdas as Escolas e Faculdades, realizou-se pela primeira vez no Ceará uma Solenidade Única de Colação de Grau”.....	97
Fotografia 8 – “Integrado por 60 figurantes, o Coral de Howard levou à Concha Acústica cêrca de 6.000 pessoas, lotando por completo as dependências do grande auditório universitário”.....	97
Fotografia 9 – Casa de José Tomé de Saboia e Silva.....	103
Fotografia 10 – Prédio da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará.....	104
Fotografia 11 – Imóvel que pertencia a Carlos Gracie, no momento de sua venda à Universidade.....	107
Fotografia 12 – “Inauguração da Avenida da Universidade, nas proximidades da Reitoria, pela Senhora Martins Filho”.....	111
Fotografia 13 – “Flagrante colhido por ocasião de uma das aulas ministradas pelo Prof. Luís Motta, durante o Curso de Extensão Universitária de Matemática”.....	120
Fotografia 14 – “Abol Foutouhi, Adido Cultural Norte-Americano, após transmitir ao Prof. Martins Filho um convite do seu govêrno para visitar os EE. UU.”.....	122
Fotografia 15 – “Gymnasium Universitário, inaugurado por ocasião das festividades de aniversário da Universidade do Ceará”.....	123
Fotografia 16 – “O Gymnasium Universitário viveu um de seus grandes dias por ocasião da abertura dos IV Jogos Universitários, dos quais	

participaram representações de tôdas as unidades universitárias”	124
Fotografia 17 – “A Senhora Martins Filho inaugura a cabeça em bronze do Reitor Martins Filho, nos jardins da Reitoria”	132
Fotografia 18 – Lateral do prédio da Faculdade de Direito de 1938 e anexo inaugurado em 1959.....	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População do Município de Fortaleza – 1900-1960.....	53
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Associação Cearense de Imprensa
ACL	Academia Cearense de Letras
AESI	Assessoria Espacial de Segurança e Informação
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
CAEN	Centro de Aperfeiçoamento dos Economistas do Nordeste
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
Clã	Clube de Literatura e Arte
CEPRON	Centro de Produtividade do Nordeste
CETREDE	Centro de Treinamento e Desenvolvimento
CEU	Clube do Estudante Universitário
FAO	Food and Agriculture Organization
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FEAACS	Faculdade de Economia, Administração, Atuariais, Contábeis e Secretariado
GEPPM	Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória
MAUC	Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
MEC	Ministério da Educação
OPENO	Operação Nordeste
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PET	Programa de Educação Tutorial
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
ProExt	Programa de Extensão Universitária
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progresista
PUDINE	Programa Universitário de Desenvolvimento do Nordeste
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UC	Universidade do Ceará
UDN	União Democrática Nacional
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
URCA	Universidade Regional do Cariri
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
SCAP	Sociedade Cearense de Artes Pláticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A UNIVERSIDADE (FEDERAL) DO CEARÁ ENTRE O BENFICA E A GENTILÂNDIA	22
2.1 A criação da Universidade do Ceará.....	22
2.2 O Benfica e a Gentilândia	41
3 LUGARES NA CIDADE.....	62
3.1 A Universidade na cidade e no bairro	62
3.2 Referenciais físicos e simbólicos	86
4 UFC, BENFICA E GENTILÂNDIA COMO ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO	112
4.1 Memórias da Universidade, memórias na Universidade	112
4.1.1 O Boletim da Universidade do Ceará como dispositivo de memória	112
4.1.2 Antônio Martins Filho entre as memórias de si e as memórias da Universidade.....	125
4.2 Memórias do bairro, memórias no bairro.....	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
BIBLIOGRAFIA	158
FONTES	163

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intenção principal discutir os aspectos espaciais e mnemônicos em torno da instalação da Universidade Federal do Ceará, então Universidade do Ceará¹, no Benfica e na Gentilândia. As vivências enquanto aluno do curso de História, entre 2007 e 2010, frequentando diariamente o Campus do Benfica e, principalmente, a participação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória (GEPPM/UFC-CNPq) suscitaram as primeiras questões acerca da construção de um projeto de pesquisa que resultou nessa dissertação.

O caminhar e vivenciar os espaços de uma universidade inserida nas dinâmicas dos bairros Benfica e Gentilândia levaram ao questionamento inicial: como a UFC se inseriu nesse espaço? Participar do GEPPM possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre essa intervenção operada pela referida instituição. Dentro do grupo são desenvolvidos projetos e atividades que buscam localizar e problematizar a Universidade na cidade e no bairro: o *Inventário de referências culturais do Benfica*, é um projeto desenvolvido por membros do grupo – contou com o financiamento do Governo Federal, por meio do Programa de Extensão Universitária (ProExt) – na intenção de se identificar os diversos referenciais presentes no bairro (acadêmico, político partidário, esportivo, musical, arquitetônico, de vizinhança, etc.); e a *Trilha do Benfica* que é uma atividade desenvolvida em conjunto com o Programa de Educação Tutorial do Departamento de História (PET-História) visando a inserção e ambientação de novos alunos no espaço do Campus do Benfica por meio de trilhas urbanas, que contemplam alguns equipamentos da UFC, e de discussões feitas sobre os espaços universitários e dos bairros.

Partindo dessas experiências, na vida acadêmica e no GEPPM, o presente trabalho focalizou-se em alguns aspectos levantados pelos referidos projetos e atividades, na intenção de historicizar e problematizar a construção do espaço da UFC nos bairros e como isso interferiu/interfere nas dinâmicas do morar, do viver e do circular por esses espaços.

¹ Optou-se por usar as seguintes menções referentes à instituição: Universidade Federal do Ceará referindo-se ao período posterior a 1965; Universidade do Ceará referindo-se ao contexto que vai das primeiras ações para sua fundação, em 1947, até a mudança na nomenclatura, em 1965; e Universidade (Federal) do Ceará quando se faz referência à instituição abrangendo os dois momentos.

Amparada nas justificativas de centralização das instituições de ensino superior do Ceará e de desenvolvimento regional do Nordeste, a então Universidade do Ceará (Universidade Federal do Ceará a partir de 1965) foi fundada em dezembro de 1954. A instalação da instituição ocorreu em junho de 1955 e no ano seguinte adquiriu a sede da atual Reitoria, no Benfica. A partir dessa aquisição o referido bairro tornou-se o foco principal das ações de apropriação imobiliária e expansão das unidades didáticas, administrativas e culturais da Universidade.

A UC se fixou entre dois bairros, o Benfica e a Gentilândia. O primeiro característico por ter sido um dos destinos de parte da elite fortalezense que estava se deslocando do Centro no final do século XIX e começo do XX, para onde puderam construir grandes residências com vastos terrenos rodeando-as, margeando a Avenida Visconde de Cauípe, atual Avenida da Universidade. A Gentilândia, por sua vez, formou-se a partir do seccionamento de parte dos terrenos de propriedade de José Gentil Alves de Carvalho no Benfica, nos quais foram construídas pequenas residências, dispostas em vilas, destinadas à locação. Nesse ambiente partilhado por membros da elite da época e por sujeitos dos setores médios da sociedade, trabalhadores assalariados que eram os principais locatários dos pequenos imóveis, a Universidade do Ceará se inseriu a partir de 1956. A ocupação da Universidade nesses espaços foi facilitada, em parte, pelo deslocamento que estava sendo feito por parte dessa elite que ali residiu em direção à Aldeota e à Praia de Iracema.

Entre 1956 e 1967, concentra-se o maior número de imóveis adquiridos pela referida instituição no Benfica e na Gentilândia. Caracterizando esse momento como a expansão e fixação da Universidade no bairro. Após esse período as dificuldades de compra de mais imóveis vieram por conta da significativa quantidade de pequenas residências e do aumento do valor desses imóveis. Aliado a isso estavam também as intenções do governo militar em concentrar a Universidade em um único centro, que seria no bairro do Alagadiço, o que viria a ser o Campus do Pici. Buscou-se perceber de que maneiras essa ocupação e apropriação dos espaços foi sendo feita e como ela foi interferindo nas dinâmicas dos bairros em perspectiva com o processo de construção de suas memórias.

Segundo o geógrafo Milton Santos, o espaço de convívio dos sujeitos não deve ser compreendido como simplesmente um cenário, mas sim como um processo de construção, um campo de disputas, de conflitos, de vivências, nos quais são

estabelecidos os chamados fluxos (relações sociais, culturais, econômicas, etc.) e fixos (edificações e vias) (2012a). Sendo assim, ao pensar o Benfica e/ou a Gentilândia e a inserção da Universidade do Ceará no referido contexto, como as intervenções operadas e impostas por essa instituição modificaram as dinâmicas preexistentes? De que maneiras a Universidade do Ceará (UC) foi estabelecendo fluxos, construindo referenciais para si e para o lugar ocupado por ela, não só no bairro, mas na cidade como um todo? Michel de Certeau afirma que o “espaço é o lugar praticado” (2011a: 184). Que práticas se mantiveram, foram modificadas ou se estabeleceram com a inserção da Universidade nos bairros? Baseando-se em Santos e Certeau, buscou-se responder essas questões ao longo do presente texto, na intenção de identificar as maneiras pelas quais a referida instituição ocupou os espaços e neles foi impondo seus fixos e fluxos em meio às dinâmicas existentes no bairro.

Dentro das Ciências Humanas, os estudos sobre as memórias e das relações das memórias com os espaços vem se consolidando desde as contribuições de Maurice Halbwachs (1990), na década de 1930, chegando em Aleida Assmann (2011). O sociólogo francês, Halbwachs, ao pensar a memória como construída socialmente, ampliou as análises acerca desse aspecto humanos, que até então era explorado somente pela Psicologia e pela Medicina. Ao pensar *a memória coletiva e o espaço* ele afirmou que

Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. (1990: 136).

As relações entre os indivíduos e as pedras estão além da materialidade, diz respeito diz respeito também ao sensível e ao simbólico. Corroborando com Halbwachs, Assmann afirma que o solo tem, ao mesmo tempo, valor financeiro e valor afetivo, posto que mesmo quando se destrói determinada edificação, os referenciais e sentimentos podem se manter (2011). Desse modo, as práticas dos sujeitos nos espaços criam referenciais que são amparados por memórias e sensibilidades. Isso ocorre com o Benfica e com a Gentilândia, posto que as vivências dos sujeitos nesses bairros residenciais possibilitaram a formação de referenciais e o estabelecimento de sensibilidades de acordo com as formas de praticar os espaços de cada sujeito.

Aproximando os conceitos dos dois teóricos com o presente trabalho, como as memórias sobre o bairro podem ter resistido frente às intervenções nos espaços? Que lembranças ampararam esses referenciais que permaneceram frente à ocupação empreendida pela Universidade? Que memórias se construíram, resistiram, conflitaram, dialogaram em detrimento à ocupação da Universidade do Ceará nos espaços do bairro?

As fontes que possibilitaram a feitura desse trabalho abrangem várias tipologias, tentando perceber como as memórias podem estar presentes nesses meios e como eles servem/serviram de suporte mnemônico. O Boletim da Universidade, é um periódico que existiu entre 1956 e meados da década de 1980 (não foi possível precisar o último), era publicado bimestralmente e tinha a função de registro das atividades universitárias, segundo o que se pôde perceber analisando a escrita deles e com a coleta de informações sobre essas publicações. Entre 1956 e 1967 foram produzidos 65 boletins que foram digitalizados e inventariados para facilitar a leitura e análise deles. A circulação desse periódico restringia-se às bibliotecas, coordenação dos cursos e a alguns professores, apesar de o acesso não ser vedado, pode-se dizer que ele era mais uma forma de registro das atividades acadêmicas do que um veículo de comunicação interna. Essa fonte mostrou-se de grande importância desde a sua produção até o seu conteúdo, tendo em vista que ao publicar esse periódico e atribuir a ele a tarefa de registro, lançou-se o questionamento inicial: o que se buscava registrar por meio dessa escrita? Com a leitura dessa fonte também se pôde ver como a instituição registrava suas ações, como se mostrava e como produziu discursos sobre si mesma. De certa forma, também foi uma maneira de construir memórias sobre a própria instituição. Além do registro escrito contido nos boletins, as publicações também tinham fotografias que, na maioria das vezes, complementava algum texto informativo. A formação de um acervo fotográfico e ao capturar determinados instantes, eventos e equipamentos, entendeu-se aqui como parte desse projeto de registro e construção das memórias acerca da/e pela Universidade. Mais do que pôde ser visto nos boletins, o recurso fotográfico foi largamente usado durante o referido período, mas a reprodução e o uso dessas imagens – que estão arquivadas no Museu da Arte da UFC (MAUC) – no presente trabalho não foi possível devido à condição de digitalização e catalogação em que elas se encontram. Não se pode separar essas iniciativas dos anseios do então Reitor,

Antônio Martins Filho, tendo em vista que o mesmo tinha grande experiência no ramo gráfico. Os quatro mandatos consecutivos dele ocupando o cargo de Reitor dessa universidade e o grande número atividades de registro dos acontecimentos universitários também são fortes marcas dessa época e estão inseridas no referido recorte temporal. Isso não pode ser visto como algo desprezioso, pois os boletins e o que neles deveria constar estavam carregados de intenções. Os boletins foram, ao mesmo tempo, registros das atividades acadêmicas e a construção da imagem e das memórias da Universidade (Federal) do Ceará.

As relações de Antônio Martins Filho com a escrita e o ramo gráfico foram levadas em consideração, tendo em vista que sua produção acerca de suas memórias e sobre o que ele denominou por História da UFC também são tomadas como fonte. *Por uma Universidade do Ceará* (1949), *História abreviada da UFC* (1996), os três volumes de suas memórias – *Menoridade* (1991), *Maioridade* (I-1993; II-1994) e *Maturidade* (1994) – e *O Outro lado da história* são tomados tanto como produção sobre a Universidade, quanto como produção sobre si mesmo. A produção escrita de Martins Filho possibilitou que se atrelasse a ele uma certa autoridade para falar sobre a criação e os primeiros anos da referida instituição. Como Martins Filho construiu a sua trajetória enquanto liderança no movimento de criação da Universidade do Ceará, enquanto Reitor e, posteriormente, Reitor Agregado? De que maneira ele influenciou nas ações de publicação e registro das atividades universitárias? Ao passo que ele produzia essas escritas, confundindo-se sujeito e Universidade, construíam-se também memórias dele, sobre si mesmo e sobre a instituição.

Os periódicos que circulavam em Fortaleza no período em questão também se mostraram importantes fontes, tanto como veículos informativos das ações para a criação da Universidade e, depois disso, das atividades promovidas pela instituição, quanto como um campo² do qual Martins Filho fazia parte enquanto membro da Associação Cearense de Imprensa (ACI) e pelo seu relacionamento com os proprietários e editores dos jornais da época, como *O Povo*, por meio de Paulo Sarazate, e *O Nordeste* (jornal católico), por meio do Arcebispo Dom Lustosa. Martins

² Tomando como base o conceito de *campo* de Bourdieu, que o define como um enquadramento de sujeitos que se agrupam em detrimento de relações políticas, intelectuais, artísticas, etc., estabelecendo delimitações e identidades entre si. Nesse caso, os sujeitos que controlavam os periódicos que circulavam em Fortaleza no referido período faziam parte, pode-se dizer, de um campo e fazer parte dele seria uma forma de ter seus ideais difundidos. (Cf. BOURDIEU, 2010).

Filho, como foi exposto no presente trabalho, circulava por diversos campos existentes à época. O *Gazeta de Notícias* e *O Povo* foram os jornais onde se encontrou com maior frequência referências sobre a Universidade do Ceará. Esses veículos midiáticos foram tomados como forma de inserção da instituição na cidade, por meio daquilo que era veiculado sobre ela, ou seja, uma forma pela qual a Universidade era noticiada. O uso dos periódicos foi bastante restrito, devido à dificuldade do acesso a eles por conta do fechamento sumário do principal órgão de arquivamento dessa tipologia de fonte, a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, prejudicando a pesquisa, mas não a inviabilizando.

Para apreender as impressões dos moradores do Benfica e da Gentilândia os livros de memórias *Benfica de ontem e de hoje* de Francisco de Andrade Barroso (2004) e *Rua Carapinima: ecos e ícones* de Paulo Maria de Aragão foram de grande importância, juntamente à produção das fontes orais por meio da metodologia da História Oral. Os livros de memórias foram tomados aqui como produções também carregadas de intenções, não de uma forma a polarizar, colocando a Universidade (Federal) do Ceará de um lado e os moradores memorialistas de outro, mas buscando identificar como os referenciais espaciais e as memórias que os sustentam são permeáveis e interferem umas nas outras. As narrativas orais, por sua vez não podem ser equiparadas aos livros, posto que elas vieram à tona por meio de um processo produtivo no qual o entrevistador fez questionamentos ao narrador, desse modo, o entrevistador se posicionou como um agente na evocação das memórias (ALBERTI, 2004). Produzir e analisar as fontes orais permitiu a identificação de referenciais diversos entre os narradores moradores. Foram também realizadas entrevistas com funcionários e ex-funcionários da UFC com o intuito de identificar nessas narrativas perspectivas e impressões daqueles que estavam inseridos e participaram do processo de criação e expansão da Universidade no bairro.

No primeiro capítulo buscou-se historicizar as ações de criação da Universidade do Ceará, salientando e aprofundando no contexto político, cultural e educacional nacional e local. Problematizando quais mecanismos foram operados naquilo que se pode chamar de projeto de universidade, identificando os envolvidos para além de Martins Filho, os percursos feitos por ele na difusão do seu intento e na (re)afirmação e construção dele enquanto o líder do movimento de criação da Universidade do Ceará e, posteriormente, Reitor dessa instituição. Na segunda parte

do capítulo, fez-se a construção do contexto espacial dos bairros Benfica e Gentilândia. Fazendo um percurso desde o povoamento, na segunda metade do século XIX, até o momento que antecede à instalação da então Universidade do Ceará, atentando para os fluxos e fixos que foram se estabelecendo nos bairros e para os referenciais construídos em cada momento. Isso possibilita ao leitor uma ambientação do que eram esses bairros em Fortaleza no início do século XX.

No segundo capítulo as discussões em torno das espacialidades são aprofundadas, atentando para as formas que a Universidade do Ceará se inseria na dinâmica urbana de Fortaleza e do bairro. As maneiras que a Universidade foi construindo as imagens de si, como a imprensa e outros meios de divulgação das ações universitária também construíam imagens sobre a instituição são analisados na intenção de perceber os mecanismos que permitiram tanto a inserção quanto a consolidação da recém-criada instituição de ensino superior na cidade. A promoção de eventos culturais, artísticos, esportivos, solenidades oficiais, dentre outros, foram aqui interpretadas como formas de inserção e demarcação de espaços por parte da Universidade. Essas atividades e a ocupação do solo por parte da instituição possibilitaram a construção e a afirmação de espaços universitários como pontos referenciais (físicos e/ou simbólicos) no Benfica, na Gentilândia e na cidade.

Por último, no terceiro capítulo, buscou-se analisar as formas pelas quais a Universidade (Federal) do Ceará construiu narrativas e registrou suas atividades enquanto instituição de ensino superior. Os Boletins da Universidade do Ceará, as fotografias presentes neles e as memórias de Antônio Martins Filho foram as principais fontes usadas no primeiro tópico do capítulo. Por meio delas se buscou perceber como a instituição e o seu primeiro Reitor construíram as imagens de si e como isso possibilitou a formação de referenciais sobre a Universidade entre o Benfica e a Gentilândia. Como a instituição foi se apropriando do bairro e como o bairro também se apropriou dela? No segundo tópico procurou-se identificar, com a análise dos relatos orais dos moradores em diálogo com as escritas memorialísticas, as percepções sobre o bairro e as implicações decorrentes da instalação da referida instituição nesses espaços. Quais memórias sobre aspectos característicos dos bairros resistiram frente às apropriações e intervenções da Universidade? De que maneiras essas memórias se relacionam?

2 A UNIVERSIDADE (FEDERAL) DO CEARÁ ENTRE O BENFICA E A GENTILÂNDIA

2.1 A criação da Universidade do Ceará

A Universidade do Ceará foi criada pela lei número 2.373 de 16 de dezembro de 1954. Essa lei foi assinada pelo então Presidente da República, João Café Filho. Cerca de dez anos separam as primeiras demonstrações de interesse para a criação dessa instituição da assinatura da lei federal que sancionou sua fundação. Uma das primeiras menções a uma universidade no Ceará teria sido feita em 1944 e Raimundo Girão expôs por meio dessas breves palavras um pouco do contexto e dos anseios da época:

É de ver que tamanha animação e tão exuberantes afirmações de potencialidade da inteligência cearense não deviam conservar-se em desajustada dispersão. Na realidade, não podiam furtar-se ao imperativo de forças que tendiam a aproximá-las e, finalmente, a aglutiná-las para formarem um organismo mais homogêneo e duradouro de maior capacidade de coordenação e realização.
Teria que vir a Universidade do Ceará. (GIRÃO apud VIEIRA; FARIAS, 2002: 243).

Lendo atentamente as palavras de Girão, pode-se perceber a insatisfação com o contexto do período. Segundo ele, o momento de sua escrita se deu num contexto de dispersão no qual as forças da potencialidade intelectual cearense se dissipavam por conta do desajuste causado pela descentralização. A dispersão e o desajuste reclamados por Girão relacionam-se às várias instituições de ensino superior de Fortaleza nessa época. Enumerando as existentes no referido período, tem-se as seguintes instituições: 1 - Faculdade de Direito do Ceará (1903); 2 - Faculdade de Farmácia e Odontologia (1916); 3 - Escola de Agronomia (1918); 4 - Faculdade de Ciências Econômicas (1938); e 5 - Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943). Além de serem institucionalmente separadas e independentes a tutela desses estabelecimentos também era diversa, variando entre o governo estadual (1), federal (3), igreja (5) e havia também aquelas que eram particulares, formadas por associações (2 e 4).

Para Girão, o que poderia sanar a dispersão e o desajuste seria a centralização dessas instituições e o que possibilitaria essa centralização seria uma universidade. Mas quem ansiava por uma universidade no Ceará? Quem seriam os sujeitos

insatisfeitos com a dispersão das instituições de ensino superior de Fortaleza? Ela viria apenas para sanar o problema da dispersão, para homogeneizar as instituições?

Chama a atenção que os grupos que faziam parte dessas instituições ocupavam espaços para além dos acadêmicos. Esses sujeitos circulavam entre agremiações e organizações como o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Academia Cearense de Letras (ACL), Associação Cearense de Imprensa (ACI), lecionavam em mais de uma instituição de ensino superior, alguns ensinavam também no Liceu do Ceará, participavam da política de forma direta, exercendo cargos no legislativo e/ou executivo. Desse modo, não só a responsabilidade pela tutela dessas instituições, mas também a circulação desses sujeitos e os ambientes ocupados por eles repercutiam no posicionamento e na hierarquia institucional.

Essas agremiações, clubes, grupos, associações, instituições, etc. entram no conceito de *campo* do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo ele,

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOUDIEU, 1989: 179).

Ou seja, é por meio de agrupamentos políticos, intelectuais, artísticos, entre outros que se forma o *campo*. Seguindo o raciocínio de Bourdieu, o campo se estabelece e se delimita com a noção de si e do outro (distinções e oposições), ou seja, é uma espécie de fronteira invisível que se põe por meio das atividades de cada grupo. Pensando no contexto de Fortaleza, o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Clã³, a Associação Cearense de Imprensa, o Rotary Club de Fortaleza e as Instituições de Ensino seriam *campos*, cada um com suas distinções e fronteiras definidas, mas, dependendo de cada sujeito, essas fronteiras podem ser permeáveis. No caso de Antônio Martins Filho, o seu trânsito era possível por todos esses citados e mais alguns outros, o que resultou na facilidade de diálogo com outros sujeitos desses diversos *campos*. Nesse percurso intelectual e também político

³ Clã era uma designação ao Clube de Literatura e Arte formado em Fortaleza no início da década de 1940 por intelectuais a partir do 1º Congresso de Escritores Cearenses. Formado inicialmente por Fran Martins, Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Eduardo Campos, Antônio Martins Filho, João Clímaco Bezerra, Aluizio Medeiros e Artur Eduardo Benevides. Desse grupo se originou a Revista Clã de Cultura e as Edições Clã ou Cooperativa Editora Clã, essa revista era um periódico que circulou em Fortaleza entre 1946 e 1988, com 29 números publicados sem sequenciamento fixo. (Cf. ANDRADE, 2009; FARIAS, 2003).

realizado por Martins Filho, as suas intenções de criação da Universidade do Ceará e o apoio para tal projeto ganharam a força e o apoio necessário.

A primeira universidade a ser criada e se firmar enquanto instituição de ensino superior foi a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920. Ela foi criada a partir da aglutinação das seguintes instituições: Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (CUNHA, 2007a: 190). Entre 1920 e 1945, foram criadas outras quatro: Universidade de Minas Gerais (1927); Universidade Técnica do Rio Grande do Sul (1927); Universidade de São Paulo (1934); e Universidade Católica, no Rio de Janeiro (1940). (CUNHA, 2007a: 207).

Desse modo, no referido período em que se localiza a fala de Girão, o Brasil possuía cinco universidades espalhadas em seu território, concentradas nas regiões Sul e Sudeste. Dessas, duas foram formadas a partir da aglutinação de diferentes instituições de ensino superior, a Universidade do Rio de Janeiro e a Universidade de Minas Gerais. Isso demonstra que o jurista cearense estava atento às movimentações de criação de outras universidades no Brasil.

Martins Filho, em exposição de motivos para a criação da Universidade do Ceará, redigida para ser entregue ao então Governador Faustino de Albuquerque, usa como uma das justificativas de criação da referida instituição o contexto do período.

É interessante salientar, entretanto, que as idéias sistematizadas naquelas leis não ficaram unicamente no pape; ao contrário, os problemas ali suscitados eram situados e discutidos na própria vida real, razão porque, em breve tempo, constituíram-se a Universidade de São Paulo, a Universidade do Rio Grande do Sul, a Universidade da Bahia, a de Minas Gerais, e, mais recentemente, a Universidade do Recife, além de várias outras que seria desnecessário enumerar. Chega a vez, e já não vem cêdo, da Universidade do Ceará. (MARTINS FILHO, 2004a: 61).

No extrato do texto aqui citado, nota-se o uso do contexto de criação de universidades no país para justificar a criação de uma no Ceará. No Nordeste, a Universidade do Ceará viria a ser a terceira fundada, em 1954, no Brasil, foi a sétima universidade criada sob a tutela do governo federal. Os interessados em sua criação estavam atentos aos acontecimentos referentes a esses assuntos no país e buscavam se inserir nesse contexto.

Segundo Antônio Martins Filho, o tema da criação de uma universidade no Ceará teria aparecido primeiramente num relatório feito para a refederalização da Faculdade de Direito em 1944.

[...] no ano de 1944, o médico cearense Dr. Antônio Xavier de Oliveira encaminhou ao Ministério da Educação e Saúde um relatório sobre a federalização da Faculdade de Direito do Ceará.

Naquele documento foi mencionada a idéia da criação de uma universidade com sede em Fortaleza, sendo esta a primeira vez que o importante assunto foi ventilado em documento oficial.

A partir de então, em nenhum momento a criação da Universidade deixou de ser objeto das cogitações de importantes setores da opinião pública do Estado, notadamente dos professores e alunos das escolas superiores existentes. (MARTINS FILHO, 1996: 15).

Essa é tida como a primeira vez que foi mencionada a referida ideia em um documento oficial. Ou seja, a partir daquele momento, os sujeitos envolvidos nessas iniciativas passaram a buscar formas diferentes de amparo aos ideais pretendidos. Martins Filho, ao escrever sobre o relatório do médico Antônio Xavier de Oliveira, caracteriza a menção feita sobre a necessidade de criação de uma universidade como “o importante assunto”, qualificando o tema sem citar os escritos do médico no referido relatório. Seria uma forma de levar para um período anterior à 1947 o que se pode chamar de “desejo de criação” da universidade? Para Martins Filho a criação da Universidade do Ceará era assunto importante, mas para Antônio Xavier de Oliveira também o seria? A questão fica sem resposta, tendo em vista que não é feita nenhuma citação do documento, nem se teve acesso ao relatório redigido pelo médico.

A partir de sua narrativa, Martins Filho determina como marco temporal para o início das atividades de criação da Universidade do Ceará o referido relatório, ao escrever que “a partir de então, em nenhum momento a criação da Universidade deixou de ser objeto das cogitações de importantes setores da opinião pública do Estado” ele estabelece um ponto de partida e, ao mesmo tempo, generaliza a referida vontade aos importantes setores da opinião pública. Sabe-se que grande parte dos alunos e professores das instituições de ensino superior daquele período faziam parte de um pequeno grupo que, em sua maioria, advinha de famílias de setores médios e altos da sociedade do período (VIEIRA; FARIAS, 2002). Essas características também podem ser constatadas ao confrontar nomes citados nas fontes como sendo de docentes da Faculdade de Direito com a lista de vereadores, deputados, secretários e membros do executivo do Ceará, tais como: João Otávio Lobo, Raimundo Girão, Eduardo Girão, Menezes Pimentel, Manuel Antônio de Andrade Furtado, Dolor

Barreira, Cláudio Martins, Fran Martins, Manoel Albano, entre outros. Possivelmente, Martins Filho buscou qualificar e justificar a vontade e as ações de criação da Universidade do Ceará por meio desse marco temporal e do seletivo grupo.

Os sujeitos citados no parágrafo anterior também se inserem no conceito de *campo* de Bourdieu (1989), tendo em vista os espaços ocupados por eles dentro das agremiações, instituições, associações, clubes, etc. Para exemplificar: João Otávio Lobo além de professor, era Deputado Federal; Raimundo Girão era membro do Instituto do Ceará, do Rotary Club, da ACL, da ACI, advogado e havia sido prefeito nomeado de Fortaleza entre 1933 e 1934. Eduardo Girão, Fran Martins e Dolor Barreira, semelhante a Raimundo Girão, também tiveram atuação em *campos* diversos. Desse modo, ao relacionar-se e se aproximar desses sujeitos, Martins Filho também circulava por esses *campos* e poderia difundir suas intenções e encontrar apoio para elas.

Entre 1944 e 1947 há um intervalo nessas ações, pelo menos no que diz respeito às fontes utilizadas. É bastante provável que essa interrupção tenha relação com o desenrolar das mudanças políticas, como o fim da Segunda Guerra e a saída de Getúlio Vargas da Presidência da República em 1945. Com o fim da chamada Ditadura do Estado Novo, o sistema político local que sustentava o governo de Vargas foi mudado para atender as aspirações da nova gestão. O período que compreende esse intervalo foi bastante conturbado para a política do Ceará e de sua capital. Entre outubro de 1945 e março de 1947 o Ceará teve seis interventores estaduais diferentes (líderes do governo estadual, nomeados pelo governo federal), pois mesmo tendo sido reestabelecida a democracia em 1945, as eleições diretas para o Governo do Estado ocorreram dois anos depois. De certa forma, essa instabilidade política em nível estadual pode ter prejudicado o andamento das iniciativas para a criação da Universidade do Ceará. Segundo Parente, esse momento se caracteriza como sendo uma vertente dentro que se pode chamar de “governo dos coronéis” no Ceará que se estende até 1986. O autor divide esse período em duas fases: a primeira entre 1945 e 1964, o período da chamada “experiência democrática”; e a segunda entre 1964 e 1986, compreendendo o período ditatorial (PARENTE, 2007). Essa primeira fase, que predomina dentro do recorte temporal da pesquisa, foi marcada pela fragilidade dos partidos políticos recém-criados e das alianças firmadas entre eles. As alianças,

normalmente, estavam mais relacionadas aos conchavos de interesses e ligações pessoais do que de interesses e filiações partidárias.

Em 1947 a intenção de criação da Universidade do Ceará ganha força com a visita do então Ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani. Nesse momento Antônio Martins Filho, escritor, editor, advogado e catedrático da Faculdade de Direito é escolhido para liderar as atividades para tornar possível a criação de uma Universidade estadual no Ceará. Além de suas atividades profissionais, Martins Filho também era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, da Associação Cearense de Imprensa, da Academia Cearense de Letras e do Grupo Clã.

O Ministro Clemente Mariani esteve em Fortaleza entre os dias 16 e 19 de junho de 1947 e em meio às várias atividades por ele realizadas estava a visita à Faculdade de Direito do Ceará. Na ocasião dessa visita o Ministro proferiu uma palestra aos discentes e docentes presentes. No momento da palestra feita pelo Ministro na Faculdade de Direito foi entregue a ele uma solicitação para a criação da Universidade com cerca de dez mil assinaturas de estudantes, professores, políticos e intelectuais (MARTINS FILHO, 1983: 21). Em resposta à solicitação o Ministro Clemente Mariani discursou:

Agitais, nesse momento, jovens estudantes cearenses, o problema da fundação da vossa Universidade e seria desnecessário dizer-vos com que simpatia vos acompanha os passos o governo federal. Certamente não pretendeis que vô-la ofereça, como um régio dom. O problema da criação de uma Universidade, ainda que seja no papel já não é mais assim assunto para divertimento de um Ministro. (MARTINS FILHO, 1983: 21).

Antônio Martins Filho, nascido no Crato em 1904, mudou-se de Caxias (onde havia exercido o ofício de vendedor e representante comercial), no Maranhão, para Fortaleza em 1937. No momento de sua chegada à capital do Estado do Ceará, seus irmãos, José Martins d'Alvarez, Cláudio Martins e Francisco Martins, ocupavam importantes lugares dentro da cena política, acadêmica e literária da cidade. José, sob o pseudônimo de Martins d'Alvarez, e Francisco, Fran Martins, destacavam-se no meio literário, sendo, na época da chegada de Martins Filho, importantes escritores que tinham fácil circulação no meio literário da cidade. Fran Martins também se destacava enquanto acadêmico de Direito. Cláudio Martins, por sua vez, ocupava o cargo de Oficial de Gabinete do Secretário da Fazenda, Coronel Tibúrcio Cavalcante, e também acadêmico do curso de Direito (MARTINS FILHO, 1993). Desse modo,

Martins Filho, ao chegar em Fortaleza, tinha, de certa forma, ingresso facilitado em diferentes círculos da sociedade da época.

Iniciou suas atividades profissionais na capital do Ceará montando um escritório comercial no qual era representante de diversas marcas e empresas no Ceará, Maranhão e Piauí. Em 1938 adquiriu a Editora Fortaleza e por meio dessa se inseriu no meio gráfico da cidade. Enquanto proprietário dessa editora, Martins Filho publicou livros de sua autoria, como *O Ceará* (em 1939) juntamente com Raimundo Girão, e também de outros autores, publicou outros gêneros impressos: periódicos como o *Almanaque do Ceará*, que esteve sob a responsabilidade de publicação e elaboração por parte da Editora Fortaleza e de Martins Filho e Raimundo Girão entre 1938 e 1946; a Revista do Instituto do Ceará; o jornal *O Contabilista*; a revista *Valor*, entre outros. Em 1938 ingressou no Liceu do Ceará como professor da disciplina de Economia e Estatística, por meio do auxílio de Andrade Furtado, então Secretário do Interior e Justiça no governo do interventor Francisco de Meneses Pimentel. Nesse mesmo ano, com a indicação de Raimundo Girão, passou a integrar o *Rotary Club* de Fortaleza que, segundo o próprio Martins Filho, “era um clube de serviço bastante fechado, composto de apenas vinte e dois sócios, que representavam um corte transversal nas principais atividades profissionais em Fortaleza” (MARTINS FILHO, 1993: 215). Ao mesmo tempo em que qualificava os rotários, Martins Filho, também se qualificava, tendo em vista que estava compartilhando do mesmo espaço e deveria cumprir os mesmos requisitos, ou pelo menos se aproximar disso. Em 1942 tornou-se sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Na ocasião da solenidade de ingresso no referido instituto foi proferido um breve discurso com teor biográfico que se findou com as seguintes qualificações atribuídas a Antônio Martins Filho:

Destaca-se Antônio Martins por uma fisionomia muito interessante, por que dinâmica. Êste o sainete indiscutível do seu espírito: dinâmico, vibrátil, empreendedor.

Os indecisos, meus Srs., perdem metade do seu viver; os enérgicos duplicam-no. Eis um moço do gênio de Liszt na sua arte, que tudo concebia e efetuava. Vêde, que momento! Recebe a investidura de cavalheiro, não apenas escafandrista da História, do grêmio, no regaço amigo da nossa instituição. Todo o homem esforçado é professor de energia e dos melhores arquitetos da Nacionalidade. (GOMES, 1943: 238).

Em 1943 tornou-se professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará e da Faculdade de Direito do Ceará. Ocupando também o cargo

de diretor da Associação Cearense de Imprensa (ACI) e membro da Academia Cearense de Letras (ACL). Desse modo, Martins Filho foi ocupando diversos espaços e *campos* dentro da cidade. A escolha de seu nome para liderar as ações de criação da Universidade do Ceará não foi feita aleatoriamente. Os lugares ocupados por ele dentro dos círculos gráfico, literário, acadêmico, educacional, rotário e do Instituto do Ceará agregavam valores bastante significativos a sua pessoa e reuniram um vasto número de apoiadores. Além desses espaços por ele ocupados se pode levar em consideração as relações estabelecidas também dentro do meio político, tendo em vista que grande parte dos legisladores e membros do Executivo cearense e fortalezense partilhavam de alguns desses espaços, eram colegas de trabalho, amigos, pessoas próximas de Martins Filho. Desse modo, as relações estabelecidas entre esses sujeitos e os espaços em que ele podia circular facilitavam suas atividades e o seu trânsito para a realização do referido intento.

“Interessante, dinâmico, vibrátil, empreendedor, enérgico, escafandrista da História e arquiteto da nacionalidade”, qualificações essas dadas a Martins Filho no momento de seu ingresso no Instituto Histórico do Ceará. O discurso que o trecho supracitado foi extraído era de qualificação e exaltação, sendo prática corriqueira que pode ser notada com a leitura de outros números da revista do Instituto Histórico do Ceará celebrando a entrada de novos membros. Mesmo sendo algo constantemente feito àqueles que passavam a fazer parte dessa instituição, pode-se dizer que as qualidades reunidas, as atividades exercidas e os espaços que ele circulava formavam a imagem de um sujeito empreendedor do ramo editorial, educacional, comercial e jurídico. Vale ressaltar que as observações feitas acerca desse sujeito podem ser tomadas como justificativas para a entrada dele no quadro de membros do Instituto Histórico do Ceará, ao mesmo tempo em que também constroem e reforçam a imagem de Martins Filho perante seus pares. Interpreta-se aqui esse discurso como uma exposição de motivos para a inserção e apresentação do novo membro.

Segundo o relato oral de Antônio Martins Filho feito em 1994, concedido ao Núcleo de Documentação Histórica da UFC (Nudoc), após o referido pronunciamento do então Ministro da Educação e Saúde (Clemente Mariani), o governador eleito, Des. Faustino de Albuquerque, assumiu o cargo e afirmou por meio da imprensa que “no governo do desembargador Faustino, a universidade vai sair” (MARTINS FILHO, 2004b: 23). Ou seja, a partir daquele momento as intenções de criação da

Universidade do Ceará se tornaram públicas por meio do compromisso assumido pelo então governador. Nesse contexto, a figura de Martins Filho se inseriu nessas movimentações que buscavam possibilitar a criação da instituição. Sua participação, segundo o próprio Martins Filho, passou a ser efetiva após o compromisso firmado com Faustino de Albuquerque. O ex-reitor narrou a sua inserção nessas iniciativas da seguinte forma:

Daí em diante, foi a minha oportunidade de me incorporar ao movimento. Fui ao Governador e expus-lhe:

– “Desembargador, também tenho a ideia de trabalhar pela universidade para o Ceará, se o senhor quer concretizar esta ideia, estou a seu serviço”.

Diante disso, Faustino me elegeu representante do Governo do Estado no movimento Pró-Universidade do Ceará, que deveria ser uma universidade estadual. Na Faculdade de Direito acharam alguns professores que aquilo era uma ideia muito difícil de ser concretizada, mas como havia um apologista, um entusiasta do movimento, atiraram sobre as costas desse professor a responsabilidade. (MARTINS FILHO, 2004b: 24).

A escolha de Martins Filho para liderar as ações de criação da Universidade do Ceará não se deu somente pelo fato de ele ter se mostrado disposto a isso ao então Governador, vale ressaltar que a posição de empreendedor do ramo educacional, gráfico e jurídico ocupada por ele favoreceu bastante a escolha, sem esquecer dos referidos *campos* em que ele circulava com certa facilidade nessa época. A “oportunidade de se incorporar ao movimento” apareceu no momento da reunião com o então Governador, ou seja, sob a chancela do governo do Estado, ele foi escolhido para liderar as ações de criação da Universidade do Ceará. De certo modo, foi escolha de Faustino de Albuquerque, mas também foi uma ação por parte de Martins Filho de se dispor oferecendo seus préstimos para tal empreitada. Em sua narrativa, Martins Filho, coloca a “culpa” da sobrecarga de serviços naquilo que ele deixou parecer como comodidade por parte de seus colegas, tendo em vista que ele havia assumido a frente do movimento para a criação da universidade. Isso pode ser interpretado de duas formas: o desinteresse por parte de seus pares; ou a autopromoção por parte dele. Vale ressaltar que ele mesmo afirmou que a partir de 1944 o assunto da criação de uma Universidade no Ceará passara a ser pauta constante entre os “importantes setores da opinião pública do Estado, notadamente dos professores e alunos das escolas superiores existentes” (MARTINS FILHO, 1996: 15). O peso da responsabilidade de liderar o movimento de criação da Universidade do Ceará foi deixado pelos seus pares para Martins Filho, ou foi ele mesmo quem se colocou nessa posição? Era ao mesmo tempo uma posição sobrecarregada e privilegiada essa

ocupada por Martins Filho. Percebe-se também a intenção dele em construir a imagem de si como sendo esse sujeito forte que sustentou praticamente sozinho essa empreitada. Não se busca o desmerecimento dos seus méritos, mas as narrativas produzidas por ele são entendidas como parte desse projeto de construção e afirmação de sua imagem como idealizador, fundador e Reitor da Universidade do Ceará.

O lugar da narrativa de Martins Filho e o que ele mesmo criou e construiu para si e sobre si estão bem definidos, já que sua posição era de liderança e de narrador. Ao narrar, o autor não dá posições somente para aquilo que narra, mas também posiciona a si mesmo dentro de sua escrita. O memorialista, normalmente, pretende-se um narrador observador e o seu posicionamento pode ser identificado na tessitura da escrita. A narrativa, mesmo se pretendendo memorialística/autobiográfica, é um processo criativo no qual o autor constrói um “eu” do passado narrado pelo “eu” do presente da escrita. Esses dois sujeitos são iguais e diferentes ao mesmo tempo, a igualdade está posta pela identificação formal, já a diferença está na distância temporal e nas vivências acumuladas (LEJEUNE, 2008). Há entre os dois uma distinção naquilo que Koselleck define por *espaço de experiência*⁴, tendo em vista que o “eu” que narra está carregado de vivências que o “eu” do passado não vivenciou ainda. Desse modo, o olhar que o “eu” narrador lança para o “eu” narrado é carregado de valores e experiências que não faziam parte do sujeito naquele momento. O autor ao narrar a sua história de vida também constrói por meio dessa narrativa uma imagem de si mesmo (CANDAU, 2012). No terceiro capítulo a escrita memorialística de Martins Filho será trabalhada com maior profundidade.

Retomando as iniciativas para a criação da Universidade do Ceará a partir de 1948, Martins Filho colocou-se à disposição do Governo do Estado do Ceará para buscar, juntamente ao ministério da Educação e Saúde e à Direção do Ensino Superior a efetiva criação dessa instituição. Jurandy Lodi (Diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação), em carta dirigida ao então Governador, Faustino de Albuquerque relatou como teria sido o contato estabelecido entre ele e o representante do governo cearense para a criação de uma universidade:

Rio, 13 de outubro de 1948.

⁴ Extrato de tempo que corresponde a um passado recente, o qual o sujeito tem como base para identificar a si mesmo, os outros e o seu lugar no tempo e no espaço. (Cf. KOSELLECK, 2006).

Meu caro Governador,
Entre tantos e tantos motivos para alegria, quis meu bondoso amigo proporcionar-me mais uma, agora, com a presença do professor Martins Filho.

Durante os dias em que esse pertinaz batalhador das cousas do Ceará esteve no Rio, inúmeras foram as questões que propôs e que debateu, todas colimando o bem da coletividade cearense, em especial o ensino superior, que todos sonhamos ver, aí, aglutinado na visão de uma brilhante Universidade do Ceará.

Nenhum esforço poupou ele, de nenhum cansaço se livrou; de nenhum trabalho se esquivou. Foi obstinação do professor Martins Filho a mobilidade incessante, no reunir elementos, que pudessem levar aos amigos daí, para a todos evidenciar quanto é possível a concretização da idéia, uma vez assentados os alicerces firmes, que se resumem na estrita observância da lei e dos trabalhos já empreendidos nesse setor, pelos elementos do Ministério da Educação.

Jurandyr Lodi. (MARTINS FILHO, 1993: 303-304).

Martins Filho foi positivamente qualificado, por parte do Diretor do Ensino Superior, enquanto pessoa apta para prosseguir nas ações para a efetiva criação da Universidade do Ceará. Por meio de sua carta, Jurandyr Lodi, mostrou a disposição por parte do Ministério da Educação e, conseqüentemente, por parte do governo federal. Desse modo, as atividades iniciadas em 1947, para a criação de uma universidade no Ceará, pareciam bem lograr naquilo que intentavam. Por meio da imprensa e de conferências essas iniciativas e possibilidades em torno da criação dessa instituição vinham a público e eram discutidas em lugares e níveis diversos, tais como em entrevistas concedidas a periódicos, conferências e palestras sobre o tema, proferidas, por exemplo, no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU)⁵ e no Instituto do Ceará. Em entrevista concedida ao jornal *O Povo*, em 15 de outubro de 1948, Martins Filho mencionou a importância da unidade administrativa:

Já não devemos discutir, hoje em dia, a importância do ensino universitário em relação àquele ministrado em Faculdades isoladas, em Escolas Superiores insuficientes, técnica e economicamente, sem unidade e sem estímulo para atingirem ao seu alto desiderato.

A Universidade não é, como muita gente pensa, um requinte de vaidade, uma demonstração de exibicionismo intelectual, senão, hoje como ontem, uma necessidade que se impõe aos interesses educativos da coletividade.

Dando ao ensino superior unidade administrativa e didática, cria um ambiente propício ao desenvolvimento uniforme do ensino em todas as suas modalidades, possibilita meios para a melhor aprendizagem técnico-científica, favorece e estimula o campo da pesquisa, estreitando os laços de solidariedade humana no terreno cultural e social, contribuindo por todos os meios para a defesa e engrandecimento da civilização. (*O POVO*, 15/10/1948: 2).

⁵ Instituição privada responsável pelo ensino de língua inglesa e intercâmbio cultural, fundada em 1943. (Cf. <www.ibeuce.com.br/institucional/mensagem-do-presidente/historico>).

A unidade administrativa tão fortemente reclamada pode ser considerado como o principal ponto no projeto de criação da Universidade do Ceará nesse primeiro momento. Unificar as instituições, para os interessados nisso, possibilitaria um esforço mais concentrado no desenvolvimento do ensino superior no Estado. É também notório que a entrevista concedida por Martins Filho era uma fala direcionada aos possíveis opositores ou descrentes na criação da Universidade, ou seja, a ideia de criação dessa instituição não era compartilhada e apoiada por todos. Quem seriam os opositores e/ou descrentes?

Ao início do ano de 1949 os estudantes da Faculdade de Medicina do Ceará entraram em forte conflito com o Governo do Estado, no qual os estudantes entraram em confronto direto com a Polícia Militar. A partir dessa situação a direção da Faculdade de Direito em acordo entre professores e alunos declarou apoio aos estudantes de Medicina. Sendo Martins Filho membro da Faculdade de Direito, optou por apoiar seus colegas (MARTINS FILHO, 1993). Segundo o próprio Martins Filho, ao se declarar como apoiador dos estudantes no embate com o Governo do Estado do Ceará, Faustino de Albuquerque desfez as iniciativas tomadas e os acordos firmados até aquele momento, no que dizia respeito à criação da Universidade do Ceará.

Entre a vinda do então Ministro Clemente Mariani, em 1947, e o desacordo entre os estudantes e o Governador Faustino de Albuquerque, em 1949, a criação da Universidade do Ceará esteve em pauta, tendo inclusive apoio na Assembleia Legislativa do Ceará e no Congresso Federal. Em dezembro de 1949, foi publicado pela Editora do Instituto do Ceará, um livro de Martins Filho, *Uma Universidade para o Ceará*. Essa obra se posiciona temporalmente posterior aos fatores que marcaram as primeiras atividades para a efetiva criação da Universidade e o fim do projeto sem a sua concretização. A narrativa é dividida em três partes: “Medidas preliminares”; “Propagação da idéia”; e “Documentário”. Na primeira parte a narrativa se pauta nos eventos cronológicos referentes aos ideais e às mobilizações feitas para a fundação da Universidade do Ceará. Na segunda parte são reproduzidos dois discursos: uma entrevista concedida ao jornal *O Povo*, publicada na edição do dia 15 de outubro de 1948; e o texto de uma conferência proferida no IBEU no dia 11 de novembro de 1948, ambos de Martins Filho. A terceira parte foi composta por alguns documentos oficiais que tratavam de assuntos referentes à fundação da Universidade do Ceará e que

foram produzidos pelo então Governador do Estado, pelo Diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação e Saúde, pelo Ministro da referida pasta, por Martins Filho e pelo diretor da Faculdade de Direito.

Sua narrativa se posiciona como uma exposição de motivos em que Martins Filho detalha os fatos a partir de seus julgamentos e escolhas, provavelmente na intenção de demonstrar que o insucesso da fundação da Universidade do Ceará em 1949 não era de responsabilidade dele.

A narração sucinta que venho fazer e os comentários bordados em relação ao projeto de lei enviado ao Poder Legislativo, não significam de minha parte uma oposição despropositada à criação da Universidade do Ceará. Ao contrário disso, continuo a acreditar que se trata de uma idéia em marcha, a qual, constituindo patrimônio comum, não pode sofrer solução de continuidade em sua efetivação. É mister prestigiá-la, pois, desde que firme os seus fundamentos no respeito à lei e reflita o desejo de atender aos altos interesses da causa da educação nacional. (MARTINS FILHO, 2004a: 27).

Ao ler no primeiro parágrafo que “não significam de minha parte uma oposição despropositada”, pode-se levantar a questão que em algum momento essa acusação pode ter recaído sobre Martins Filho. Era sabido, não só pela comunidade acadêmica da época, mas por grande parte da sociedade também, que ele estava à frente das iniciativas de criação da Universidade do Ceará, mas ao reforçar o seu compromisso com a causa e ao negar a sua “oposição despropositada”, pode ter sido uma forma de responder aos críticos da época. Seria também despropositada a publicação de um livro com esse texto? Provavelmente não. A intenção poderia ser a de demonstrar que mesmo não se concretizando a fundação da Universidade do Ceará, Martins Filho queria expor que o seu compromisso com essa causa estava mantido, ao mesmo tempo em que também buscava se isentar de culpa no insucesso da empreitada.

Entre 1949 e 1953, as atividades relacionadas à criação de uma universidade no Ceará foram apaziguadas. Retomando aquela que seria tentativa para a efetiva criação da instituição em 1953.

Assim, iniciado o ano de 1953 e já prevalecendo a convicção de que o Estado do Ceará se achava impossibilitado de arcar com a responsabilidade de manter uma Universidade, só nos restava apelar para o Governo Federal, como única solução viável para a concretização dos nossos objetivos. Em três de março de 1953, concedi uma entrevista ao “Correio do Ceará”, conclamando os intelectuais, professores e a classe acadêmica, no sentido de trabalharmos para que a Universidade fosse instalada com o coroamento do Primeiro Congresso Nacional de Ensino Jurídico a ser realizado em Fortaleza, no mês de outubro, em comemoração ao cinquentenário de

fundação da Faculdade de Direito do Ceará. (MARTINS FILHO, 1993: 381-382).

Surgiu naquele momento, segundo Martins Filho, a única solução para a criação da Universidade do Ceará, a tutela da instituição sendo feita por parte do Governo Federal. Tendo a noção de que para essa nova investida ter êxito se fazia necessário um coro que afirmasse e justificasse a necessidade de uma universidade no Ceará, Martins Filho conclamou os intelectuais, professores e a classe acadêmica, meio nos quais tinha circulação livre, constante e influente. Mais uma vez, ele fez uso de sua posição de fácil trânsito entre os *campos* intelectual, acadêmico e político para reforçar essa que seria a última investida na busca da fundação da Universidade do Ceará, tendo em vista o êxito logrado. Além do contato estabelecido localmente, Martins Filho, dirigiu-se ao Ministro da Educação e Saúde, por intermédio do Chefe do Gabinete⁶ desse Ministério, que era cearense, do Crato e amigo dos seus irmãos Cláudio e Fran Martins. Esse contato, para ele, foi bastante satisfatório, pois o Ministro da Educação se mostrou favorável à possibilidade de criação da almejada instituição. Juntamente com Álvaro Costa e Paulo Bonavides, Martins Filho redigiu o documento que reunia as justificativas para a criação da Universidade do Ceará a ser entregue para o Conselho Nacional de Educação, depois para a Diretoria do Ensino Superior, onde seria redigido o anteprojeto de lei que seria encaminhado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, para a aprovação por parte do Legislativo Federal no dia 30 de setembro de 1953. (MARTINS FILHO, 1993: 383). Nesse momento, uniu-se ao discurso de unidade administrativa a justificativa de desenvolvimento do Nordeste, isso se mostrou na prática com a parceria firmada entre a Universidade e o recém-criado Banco do Nordeste do Brasil (BNB) (1953). Desse modo, os propósitos principais da Universidade (Federal) do Ceará eram a centralização das instituições de ensino superior existentes em Fortaleza e a formação de pessoal capacitado destinado à resolução dos principais problemas do Nordeste, visando o desenvolvimento da região.

O ano de 1954 iniciou-se de forma conturbada politicamente. Segundo Martins Filho, o processo de criação da Universidade do Ceará estava parado na Câmara dos Deputados. Além disso, “havia uma efervescência extraordinária na política nacional e eu [Martins Filho] temia que com o advento provável de um golpe, o Congresso

⁶ O nome desse sujeito não pôde ser identificado, pois o próprio autor não tinha essa informação mantida nas lembranças. (Cf. MARTINS FILHO, 1993).

deixasse de funcionar e o nosso processo de criação de Universidade fosse definitivamente arquivado” (MARINS FILHO, 1993: 388). Segundo Jorge Ferreira (2011), entre a redemocratização, em 1945, e o golpe civil-militar, em 1964, ocorreram três momentos de crise que ameaçaram as bases da democracia, esses momentos teriam ocorrido em 1954, 1955 e 1961. Tomando como base o primeiro momento de crise constatado pelo autor, para confrontar o que relatou Martins Filho, Ferreira afirma que o governo de Getúlio Vargas conseguiu se manter bem até 1952, recuperando a economia, principalmente por meio do protecionismo comercial. Mas a partir de 1953, Vargas, começou a enfrentar problemas de ordem externa e interna. As relações econômicas entre o Brasil e os EUA estavam se tornando dificultosas. O republicano Eisenhower havia assumido a presidência dos Estados Unidos e passou a impor determinações fortes em relação ao Brasil, cobrando o pagamento das dívidas contraídas pelo país e vetando a entrada do café – principal produto exportado pelo país – brasileiro no mercado norte-americano. Internamente, as relações entre Getúlio e seus opositores, UDN (União Democrática Nacional) e PCB (Partido Comunista Brasileiro), tornava-se cada vez mais dificultosas. Por meio do uso amplo da mídia, os udenistas passaram a denegrir a imagem do então presidente comparando o governo daquele momento com o anterior, trazendo à tona o período ditatorial no qual ele esteve no poder (FERREIRA, 2011). Essas disputas políticas se acirraram e envolveram também as Forças Armadas, que tinham como principal influenciadora a Escola Superior de Guerra⁷, bastante alinhada aos interesses americanos e avessa ao protecionismo e nacionalismo característico de Getúlio Vargas (VIZENTINI, 2011).

O ponto alto dessa crise política do governo Vargas se deu com o atentado contra o seu principal opositor, Carlos Lacerda, culminando no suicídio do Presidente da República dias depois. O alvo do atentado da rua Toneleiros era o udenista Lacerda, mas o projétil que deveria atingi-lo acertou sua segurança, tendo o verdadeiro alvo sido atingido no pé. Após esse ocorrido, as bases do governo de Getúlio Vargas ruíram e grande parte da imprensa se posicionou em favor de Lacerda atacando o então Presidente da República de forma violenta e direta diariamente. Em

⁷ A Escola Superior de Guerra era um grupo dentro das Forças Armadas que se alinhava aos interesses norte-americanos, tanto econômica quanto militarmente. Os membros desse grupo defendiam a entrada do capital estrangeiro, especialmente dos EUA, no mercado brasileiro e o alinhamento com políticas de proteção e alianças militares com o governo norte-americano. (Cf. VIZENTINI, 2011).

meio a pressão exercida sobre dele e a quase inexistência de apoio político, Getúlio Vargas finda, ao menos para ele, essa situação ao suicidar-se.

Na manhã de 24 de agosto, depois de preparar minha aula, dirigi-me para a Faculdade de Direito. Às 9 horas precisamente, entrei em classe e determinei que fosse feita a chama dos alunos. Esta tarefa, porém não chegou a ser concluída, em virtude de uma notícia que nos deixou atônitos.

Com efeito, um dos meus alunos ingressou na classe de maneira inusitada e foi logo me inquirindo:

– Professor, não sabe do ocorrido?

Com a minha resposta negativa, o estudante, dirigindo-se aos seus colegas, declarou que o rádio estava anunciando que o Presidente Vargas havia se suicidado.

[...] Acompanhando atentamente a marcha dos acontecimentos, nunca imaginei que o ato de desespero do Presidente Vargas iria, muito em breve, interferir no meu destino, tornando-me candidato à Reitoria e, em consequência, o primeiro dirigente da Universidade do Ceará. (MARTINS FILHO, 1993: 389-390).

No trecho acima extraído da narrativa de Martins Filho é perceptível a temporalidade do momento do escrito com o momento do acontecido. Como poderia o sujeito que acabara de receber a notícia do suicídio de Vargas ter alguma noção do porvir, que por conta disso ele viria a ser o Reitor? É o autor olhando para si enquanto personagem de sua narrativa, sendo os dois os mesmos sujeitos em tempos diferentes (CANDAU, 2011). O processo de lembrança e esquecimento referente à memória se mostra permeado de temporalidades que não condizem somente ao foco daquilo que se narra. O autor, no momento da escrita, deixou escapar percepções do personagem que são posteriores àquelas do momento narrado. Em que sentido o suicídio de Vargas possibilitou que Martins Filho conseguisse se tornar candidato e finalmente Reitor da Universidade do Ceará?

João Café Filho, o vice de Getúlio, era do PSP (Partido Social Progressista), amigo e colega de profissão (jornalista) do então Governador eleito do Ceará, Paulo Sarasate, da UDN (União Democrática Nacional). Nacionalmente, esses partidos não eram aliados, mas as relações políticas interpartidárias no Ceará, Segundo Parente (2007), estavam pautadas mais em alianças pessoais do que em legenda e poderiam variar de acordo com as eleições. Parente afirma que no Ceará desse período houve uma forma diferenciada de “coronelismo”, tendo em vista que não havia uma ou mais famílias que eram detentoras de grandes riquezas e bens perenes, já que a constância das secas acarretava na inconstância de ganhos. Desse modo, as relações e alianças pessoais, na maioria dos casos, eram mais importantes que as partidárias, no que se refere aos benefícios advindos desses acordos. Seria por meio da influência de

Sarazate e de outros apoiadores que a nomeação de Martins Filho aconteceria. Seus apoiadores foram de fundamental importância para a sua nomeação, tendo em vista que outras alianças foram feitas na intenção de ser escolhido outro nome para administrar a Universidade do Ceará.

Segundo Martins Filho, nas vésperas da assinatura da lei que decretaria a fundação da Universidade do Ceará, havia uma disputa entre ele e o Deputado João Otávio Lobo (PSD – Partido Social Democrático) para ocupar a Reitoria, disputa essa travada, segundo ele, por meio de indicações políticas e de alianças pessoais.

Em dado momento o Diretor da Faculdade [de Direito], Professor Andrade Furtado, chamou-me ao seu gabinete e me recomendou calma. Para simplificar o diálogo, Andrade me informou que Menezes Pimentel, acompanhado de outros deputados do PSD, havia conseguido uma promessa formal do Presidente Getúlio Vargas, no sentido da nomeação do professor João Otávio Lobo para o cargo de Reitor. (MARTINS FILHO, 1983: 28)

Os conchavos políticos estavam sendo acionados na intenção de se conseguir a ocupação do principal cargo administrativo da Universidade do Ceará, atestando conflitos na escolha do primeiro Reitor. Percebe-se que a escolha de Martins Filho para esse cargo não foi algo compartilhado e aceito por todos. Mas ele, por sua vez, também tinha seus apoiadores, entre eles o então Governador Paulo Sarasate:

A essa altura dos acontecimentos, fui surpreendido, num dia de domingo, por uma mensagem do governador Paulo Sarasate, recomendando-me comparecer ao Náutico Atlético Cearense, antes das 20 horas e ali permanecer até que chegasse o Presidente Café Filho, a quem ele, Governador, iria apresentar-me. Atendi prontamente àquele alvitre, que me pareceu duplamente promissor.

[...] Quando chegou a vez de minha apresentação, declarou o Presidente que já me conhecia como professor e como jornalista, esboçando aquele sorriso de homem bom e simples que lhe era característico.

A partir de então, considerei-me tacitamente o candidato do Governador do Estado do Ceará ao cargo de Reitor da Universidade (MARTINS FILHO, 1983: 37-38).

Em sua narrativa, num momento anterior ao extraído, Martins Filho cita mais um apoiador que teria levado o seu nome ao então Presidente da República, Omar O'Grady, empresário da construção civil de Fortaleza. De certa forma, as práticas políticas da época se apresentam por meio da narração, os conchavos políticos e as alianças pessoais aconteciam também por meios extraoficiais. Não há uma ilegalidade na prática, mas ela não é feita às claras e escancarada ao grande público, de certa forma é algo que fica externo à oficialidade documentada.

A nomeação de Martins Filho para o cargo de Reitor da Universidade do Ceará era bastante interessante para Paulo Sarasate, pois era uma forma de se contrapor à possível nomeação de João Otávio Lobo do PSD – opositor do Governo do Estado. Segundo Parente (2007), nas eleições de 1954 e na formação das alianças políticas após os resultados, a UDN e o PSD configuraram-se como opositores. Ou seja, o apoio dado a ele pelo então Governador estava carregado de interesses políticos. Martins Filho escreveu que Paulo Sarasate “dizia também que, como Governador, não poderia perder a Universidade que, se ficasse nas mãos do Professor João Otávio Lobo, estaria conseqüentemente sob o controle do PSD” (MARTINS FILHO, 1983: 40). A Universidade recém-criada e os interesses em torno da distribuição dos cargos e a disputa pelo controle administrativo da instituição se faziam presentes, as alianças políticas e pessoais vinham à tona, os interesses no controle da instituição que estava se construindo se mostravam.

Antônio Martins Filho foi nomeado pelo Presidente da República João Café Filho como o primeiro Reitor da Universidade do Ceará, em maio de 1955, tendo sido o mais votado da lista tríplice composta pelos Professores Renato Braga (Escola de Agronomia) e João Otávio Lobo (Faculdade de Direito). Numa disputa entre as instituições de ensino existentes há época, a Faculdade de Direito se privilegiou com essa nomeação, a Reitoria funcionou nas dependências dessa faculdade até a mudança para o palacete da família Gentil, no Benfica, onde se fixou até o presente momento.

Entende-se a criação de uma Universidade como o estabelecimento de um espaço de produção de conhecimento, no caso do Ceará (e de outros estados), era também um lugar de centralização do ensino superior. Os espaços, segundo Michel de Certeau (2011a) em a *Invenção do Cotidiano*, são formados também pelas relações sociais, não só pela sua constituição física. Para ele, é a partir das práticas exercidas pelos sujeitos nos lugares que eles se tornam espaços. Pensando no espaço de produção do conhecimento que a Universidade do Ceará passaria a representar, pode-se dizer que era também espaço político, público, cultural e uma infinidade de outros, tendo em vista que essas definições dependem dos usos e das sensibilidades dos sujeitos. No momento de sua criação, percebe-se que os interesses políticos estavam próximos dos interesses educacionais, tendo em vista a circulação de sujeitos e os acordos firmados por meio de partidos e alianças políticas

para a definição daquele que seria a principal figura de controle e administração institucional, o Reitor. Certeau afirma que os espaços são constituídos também pelas disputas, pelos conflitos. Por meio dos acordos e alianças firmadas para o controle dessa instituição e pelas pessoas que se mostravam interessadas nisso, pode-se dizer que nesse primeiro momento, a Universidade estava em meio a disputas pelo espaço que ela ocuparia. De certo modo, ter o controle sobre essa instituição não representava somente o controle sobre o ensino e a produção do conhecimento, esse equipamento público representava uma esfera de poder que englobava aspectos educacionais, políticos, culturais e econômicos. Nos próximos capítulos esses aspectos serão tratados de forma mais aprofundada.

O esforço de escrita empreendido por Antônio Martins Filho, contemporâneo às movimentações de criação da Universidade do Ceará e no período posterior a isso, demonstra que além de narrar o desenrolar desse processo, a partir da visão dele, também podem ser considerados como um trabalho de memória. Segundo Elizabethn Jelin (2002), trabalho de memória se enquadra numa ação direta para a construção de um discurso, monumento, ou qualquer outra coisa que seja feita com a intenção de registrar determinada memória e de que essa seja lembrada posteriormente.

El trabajo como rasgo distintivo de la condición humana pone a la persona y a la sociedad en un lugar activo y productivo. Uno es agente de transformación, y en el proceso se transforma a sí mismo y al mundo. La actividad agrega valor. Referirse entonces a que la memoria implica “trabajo” es incorporarla al quehacer que genera y transforma el mundo social. (JELIN, 2002: 14).

Para a autora, a relação do trabalho com os indivíduos e a sociedade se põe a partir da noção de ação e produção. Desse modo, o sujeito que empreende algum esforço para registrar um determinado acontecimento ligado a ele, direta ou indiretamente, está realizando um trabalho de memória. O empreendimento de Martins Filho em narrar os passos dados por ele e alguns envolvidos no processo de fundação e desenvolvimento da Universidade do Ceará encaixa-se nesse conceito estabelecido por Jelin, pois ultrapassa o propósito de informar ou de prestar contas do que fora feito. A narrativa produzida por Martins Filho foi elaborada na intenção de ordenar e ao mesmo tempo construir uma sequência lógica de acontecimentos que se pretendiam a contar a história da instituição, mas também registrar o “passo a passo” dos envolvidos na empreitada.

A criação da Universidade (Federal) do Ceará confunde-se, em muitos momentos, com as memórias de Martins Filho. Busca-se aqui perceber de que forma a instituição e o indivíduo se imbricam nas narrativas. A instalação da Universidade no Benfica e a consequente expansão de suas unidades acadêmicas e culturais nesse bairro estão fortemente ligadas ao período em que Martins Filho esteve à frente da instituição. Entre 1956 e 1967 terrenos e antigas residências foram compradas para abrigarem ou darem lugar aos órgãos universitários, mas que espaço era esse em que a Universidade do Ceará encontrou o ambiente propício e se instalou?

2.2 O Benfica e a Gentilândia

Os bairros Benfica e Gentilândia, em Fortaleza, localizam-se numa região próxima ao Centro⁸ da cidade, situando-se em meio a importantes vias que ligam diversos pontos da capital. Ambas as localidades serão tratadas dentro de um mesmo tópico, tendo em vista que as suas espacialidades, histórias e memórias estão fortemente entrelaçadas. A espacialidade oficial que compreende esses bairros foi estabelecida em época diferentes. A delimitação do Benfica, segundo apontou a pesquisa feita pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória, coordenada pelo prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira, sobre o bairro, o território dele é demarcado “ao Norte, pela rua Antônio Pompeu e rua Luís de Miranda; a Leste, pela rua Senador Pompeu e avenida dos Expedicionários; ao Sul, pela avenida do Imperador, rua Carapinima e avenida José Bastos” (NOGUEIRA, 2012: 232).

⁸ Convencionou-se no presente trabalho se referir ao Centro Histórico de Fortaleza como o Centro, tendo em vista que o mesmo não se localiza cartograficamente no centro da cidade.

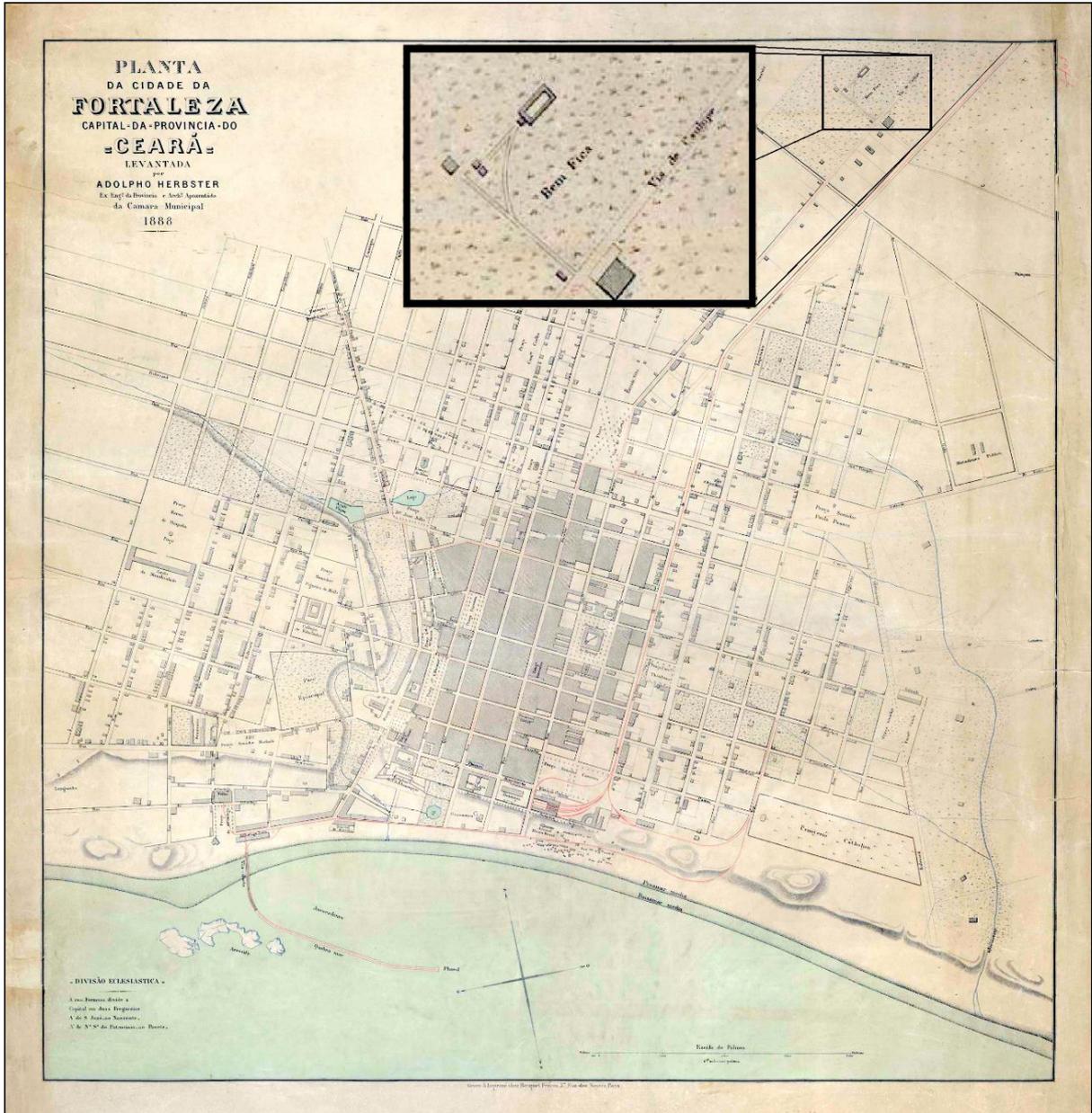
Figura 1 – Mapa de Fortaleza com as delimitações dos bairros.



Fonte: Wikipédia (<http://goo.gl/WzTKHO>).

A delimitação territorial do bairro Benfica – citada anteriormente e exposta no mapa data de 1946 (NOGUEIRA, 2012) – mostra a proximidade com o Centro de Fortaleza. O povoamento desse bairro tem início com o estabelecimento de chácaras e sítios em meados do século XIX. Na “Planta da cidade de Fortaleza Capital da Província do Ceará” confeccionada por Adolpho Herbster em 1888, o Benfica pode ser identificado na parte superior da planta, grafado no período como Bem Fica. Essa teria sido a primeira forma de se referir à localidade.

Figura 2 – Planta da Cidade de Fortaleza Capital da Província do Ceará Levantada por Adolpho Herbster 1888



Fonte: <http://goo.gl/oiom58> [Destaque ao Bem Fica modificado pelo autor].

No destaque dado ao “Bem Fica”, na planta, é perceptível que a concentração de imóveis é bem menor do que a verificada no Centro. O contrário acontece com a quantidade de árvores representadas pelo desenho. Ao fazer o trajeto com o olhar entre a Praça do Ferreira e o ponto final do bonde do Benfica, é notória a diminuição no número de edificações. A localidade apresentava uma quantidade bem menor de imóveis e muitas árvores. Pode-se dizer que a paisagem característica do Bem Fica é bastante diferente da paisagem do centro da cidade dessa época. O escritor

cearense Adolfo Caminha, em seu romance *A Normalista*⁹, cita o Benfica em diversos momentos e ao longo da narrativa vai descrevendo alguns aspectos do lugar.

Como sentia não ser ela [Maria do Carmo] a querida do Zuza! Ambos com vinte anos de idade, encarando a vida por um mesmo prisma: passeios a cavalo, toaletes de verão e de inverno, como nos figurinos, com chácara no Benfica, um faetonte para virem à cidade, vacas de leite... Um maná! (CAMINHA, 1985: 29).

No trecho extraído, o autor ressalta aquilo que seria de interesse dos jovens – Zuza e Maria do Carmo – daquele período: andar a cavalo, toaletes de verão e inverno, chácara no Benfica e uma carruagem para vir à cidade. O livro *A Normalista* foi publicado em 1893 e tinha como cenário a cidade de Fortaleza dessa época. Percebe-se na narrativa de Caminha a qualificação da localidade por meio da relação estabelecida com os anseios de uma juventude que vislumbrava a proximidade da vida adulta e traçava seus objetivos de modo de viver, morar e gozar a vida. Localidade essa que estava aos poucos se tornando mais atrativa para setores médios e altos da sociedade da época. Trata-se de uma obra ficcional, mas a narrativa se mostra de acordo com as movimentações populacionais da época. Pode-se afirmar que Adolfo Caminha estava atento a esses aspectos e quis trazer isso ao seu enredo.

Lídia e Loureiro, outro casal de *A Normalista*, foram morar no Benfica numa casa “de porta e janela” (CAMINHA, 1985: 98), após casarem-se. Além desse aspecto de interesse de moradia, o Benfica se mostrava como um ambiente mais saudável, mais agradável, àquela época longe do Centro de Fortaleza:

O palacete azul do Loureiro perdia-se num fundo de verdura. À direita, lá longe, na esquina de um grande sítio, passava a linha de bonds. E que frescura! Dava vontade à gente pecar muitas vezes por dia, como Adão no Paraíso, ali assim, naquele pedacinho do Ceará, sem seca e sem política, entretendo relações sentimentais com a natureza agreste e sincera.

[...]

— Escolhi este local por ser muito isolado da civilização. Detesto o ruído da cidade...

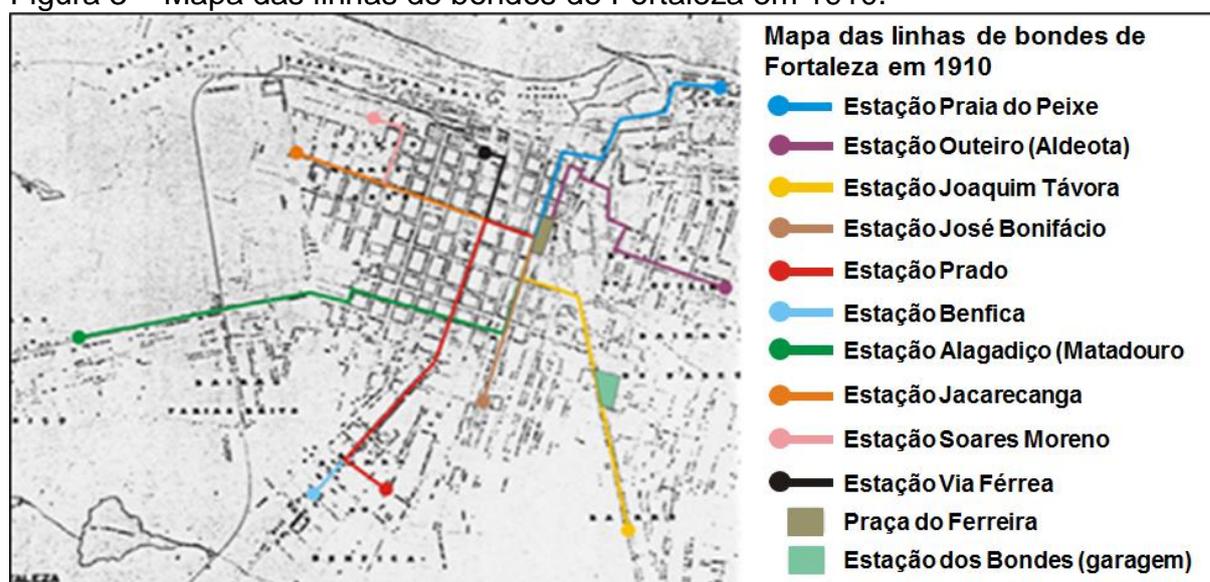
— Tens também a tua veia poética, hein?

— Qual veia poética! Isso de versos não é comigo. Tenho até horror à poesia. O que eu quero é sossego, o bem-estar, o conforto...

⁹ *A Normalista* tem como enredo principal a história de Maria do Carmo, órfã, criada pelo padrinho, João da Mata. A personagem principal e Zuza, estudante de direito em Recife e filho do Coronel Sousa Nunes, passaram a flertar um com o outro, o que causou desagrado ao padrinho de Maria do Carmo. João da Mata nutria forte paixão pela afilhada, a qual engravidaria do próprio padrinho, fato que a levaria a se afastar da cidade, pois era algo muito vergonhoso para a sociedade da época uma mulher solteira grávida. O contexto histórico em que se desenvolve o enredo é a cidade de Fortaleza no final do século XIX. (Cf. CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. São Paulo: Ática, 1985).

Percebe-se que esse espaço foi sendo construído amparado no discurso da tranquilidade, da presença do verde e do distanciamento dos ruídos e poluição da cidade. O verde, a calma, a ausência da seca e da política, faziam daquele lugar um “paraíso”. Na paisagem do Benfica dessa época era predominante a presença da natureza. Relacionando o extrato do livro de Adolfo Caminha com a Planta de Fortaleza feita por Herbster, pode-se dizer que há consonância entre as fontes apresentadas. A ideia de Benfica passada pelo que foi escrito no romance se aproxima do material representado na planta, a relativa distância do centro e a presença e predominância do verde na paisagem.

Figura 3 – Mapa das linhas de bondes de Fortaleza em 1910.



Fonte: MATOS, 2009: 160.

Levanta-se a questão sobre a noção de distante que se tinha, tendo em vista que não há uma grande separação em quilômetros entre o Centro e o Benfica e também havia a possibilidade de ir a essa parte da cidade de bonde. Vale ressaltar que os meios de transporte do período eram movidos por força animal, desse modo, a velocidade que se atingia era bastante modesta comparada aos automóveis que passariam a circular pela cidade posteriormente. A noção de distância que se tinha era medida pelas viagens feitas pelo bonde e outros meios de transporte movidos por tração animal, o que explica a noção de que o Benfica ficava longe do centro. O espaço e a percepção deste também poderiam ser influenciadores nessa sensação de distância, posto que o número e a concentração de edificações ia diminuindo ao longo do percurso, aumentando o intervalo entre um imóvel e outro. A relação tempo/espaço desse período pode ser definida dessa maneira, tomando como base

os referenciais da época. Para o contexto da escrita de *A Normalista* e da confecção da Planta de Fortaleza, o Benfica era um ponto distante do Centro, mas isso se devia também ao contexto, posto que a velocidade dos veículos e pouca variação na paisagem seriam fatores preponderantes nessa sensação.

Se por um lado havia o distanciamento, por outro não se perdia a facilidade do transporte. A dificuldade de locomoção e escassez de transporte público, segundo o historiador Gisafran Jucá (2011), – em seu trabalho *A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana* sobre a cidade de Fortaleza a partir de relatos orais de idosos – era (e continua sendo) uma constante em Fortaleza, tanto no período do referido romance quanto no referente à pesquisa. O Benfica, no entanto, mostra-se como um ambiente mais afastado do Centro, mas que permitia aos moradores ter a possibilidade de usar o transporte público com mais facilidade. Mesmo com o fim da circulação de bondes, em meados da década de 1940, o bairro continuaria a se beneficiar, a partir desse momento com a circulação de linhas de ônibus, tendo uma com ponto final no mesmo local em que parava o bonde (JUCÁ, 2011; 2000).

Outro questionamento que se pode fazer é sobre o que se definia por tranquilidade, tendo em vista a circulação de bens e pessoas – seja por meio da Avenida Visconde de Cauípe ou por meio dos bondes e, posteriormente, dos automóveis com motores movidos a combustão – deveria ter uma certa intensidade. Para se estabelecer essa qualificação para o Benfica, precisava-se de um referencial, nesse caso, pode-se dizer que a ideia de tranquilidade foi construída com base na comparação com o Centro de Fortaleza. O ambiente atrativo foi sendo construído amparado nessas ideias, como sendo um lugar para morar, longe dos ruídos e da intensa movimentação do Centro, mas perto o suficiente para ser atendido por transporte público e garantir o fácil trajeto entre o bairro e o Centro. Permitindo o exercício do trabalho em meio à movimentação e aos ruídos e a tranquilidade do morar no Benfica.

Pode-se notar, ao analisar o mapa da Figura 3 e a planta da Figura 2, que a concentração de vias e quadras mais bem delimitadas se dava no Centro da cidade, principalmente em decorrência do traçado estabelecido por Silva Paulet, em 1818, e afirmado e expandido pelo engenheiro Adolfo Herbster em 1875 (PONTE, 2010). Segundo o arquiteto José Liberal de Castro (1977), em seu *livro Fatores de Localização e de Expansão da Cidade da Fortaleza*, o Centro de Fortaleza abrigou

por vários anos grande parte da população de maior poder aquisitivo e, em menor número, o que se pode chamar de setor médio (profissionais liberais, comerciantes, funcionários públicos, etc.). Na virada do século XIX para o XX, nessa região estava se concentrando um número cada vez mais elevado de estabelecimentos comerciais e, em alguns casos, fabris. De certa forma, o aumento na circulação de pessoas, o barulho e a poluição produzida por conta dessas atividades acabou sendo um fator impulsionador para a mudança desses sujeitos para outros lugares. Esses que haviam se fixado no Centro, empreenderam deslocamentos que se direcionaram, principalmente, em dois sentidos: para o oeste, mudando-se para o Jacarecanga; e para o sul, construindo suas casas no Benfica. Antes disso, o Benfica era uma espécie de transição entre a Zona Agrícola¹⁰ e a Zona Urbana. Segundo o geógrafo Milton Santos (1993), há a possibilidade de conter aspectos urbanos num ambiente de atividade predominantemente agrícola e de haver elementos agrícolas num espaço predominantemente urbano. Desse modo, nos diálogos e nas transferências (econômicas, sociais, culturais, etc.) entre o que é agrícola e o que é urbano pode haver uma infinidade de permeabilidades. O Benfica poderia se enquadrar nessa definição de Santos, sendo essa Zona de Transição, tanto em relação a sua localização quanto em relação às possíveis atividades desenvolvidas no período.

Observando o mapa da Figura 3, percebe-se que ao mesmo tempo em que o bonde se aproximava dos pontos finais as vias e quadras bem demarcadas iam rareando. Com a mudança gradual de parte da elite e de setores médios da sociedade para o Benfica (também para o Jacarecanga), o bairro foi sofrendo transformações urbanísticas e estruturais que possibilitassem a moradia desses sujeitos. Silva (2010) também ressalta a existência de água potável e a facilidade de estabelecer-se um sistema de encanamento como algo que agregava valor imobiliário ao Benfica a atraía moradores para esse espaço. Juntando o transporte facilitado para o Centro, por meio dos bondes (até 1947) e dos ônibus (a partir de 1941), e o abastecimento de água potável e, em alguns casos, encanada, o Benfica transformou-se e consolidou-se como sendo esse espaço que – nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do XX – atrairia parte das famílias abastadas daquele período.

¹⁰ Para as análises de Milton Santos, a urbanização brasileira não pode ser dividida em rural e urbano, mas sim agrícola e urbano. Segundo ele, essa divisão deriva das implicações relacionadas à produção, o rural está mais ligado ao espaço, independente da atividade exercida nele. (Cf. SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993).

Segundo Castro (1977), Silva (2010) e Nogueira (2012) ao final do século XIX e início do XX, juntamente com os sítios e chácaras também foram erguidos imóveis maiores, com dois ou três pavimentos e vasta gleba no entorno das edificações, em sua maioria, margeando a então Avenida (ou Bulevar) Visconde de Cauípe – atual Avenida da Universidade. Os proprietários desses grandes imóveis eram parte da elite daquela época e seus imóveis demonstravam o seu poder aquisitivo por meio da arquitetura e do tamanho dos seus terrenos. Aos poucos, a Zona de Transição que era o Benfica foi incorporando formas diferentes de moradas e vivências, o processo de urbanização com a abertura e pavimentação de vias foi se intensificando, possivelmente por exigências e influências advindas dos abastados moradores. De certa forma, essas construções de grandes residências às margens da Avenida – que era também ponto final da linha de bonde e eixo de comunicação e transporte no sentido centro-sul – foram produzindo uma configuração visual típica para o bairro, uma espécie de paisagem do bairro.

Especialmente, o Benfica estava nessa transição entre a região urbana de maior consumo (o Centro) e uma das regiões de produção agrícola (serras do maciço de Baturité e Maranguape ao sul). A principal via de entrada desses gêneros era a então denominada Avenida Visconde de Cauípe, que interligava o Centro com Arronches (posteriormente Parangaba) e com as referidas regiões dos maciços.

Às margens da Avenida Visconde de Cauípe foram erguidos alguns imóveis que passaram a ser símbolo do poder aquisitivo das famílias que ali se estabeleceram. Entre essas, a família Gentil se posicionava como a mais conhecida e carregada de simbologia, tendo em vista o bairro que se formou dentro dos seus domínios imobiliários no Benfica. Segundo o economista Carlos Negreiros Viana (2007), – em seu artigo, *José Gentil Alves de Carvalho e o Banco Frota Gentil*, publicado na Revista do Instituto do Ceará – José Gentil Alves de Carvalho era um grande empresário, atuando em diversos ramos, vendas de tecidos, negociação de terras e imóveis, produtos alimentícios, entre outros, quando

Em 1906, ainda, transfere-se, com a família, de uma casa na Praça dos Voluntários, onde morava, para a chácara do Benfica, que antes já pertencera ao Comendador Garcia e a Henrique Kalkmann, onde construirá, em 1918, o belo palacete que, hoje, é a Reitoria da Universidade Federal do Ceará. (VIANA, 2007: 203).

Percebe-se que José Gentil e sua família estavam inseridos no referido movimento de transferência do Centro para o Benfica ou para o Jacarecanga. Na escrita de Viana, pode-se captar que a Família Gentil residira primeiramente numa chácara, o que atesta a característica do bairro desse período e em muito se assemelha ao referido cenário descrito por Adolfo Caminha. A construção do palacete, no mesmo lugar que ocupara a chácara, pode ser tomada como exemplo da transição entre um ambiente predominantemente agrícola para um em processo de urbanização.

Fotografia 1 – Família Gentil em frente à fachada da antiga chácara.



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] - <http://goo.gl/uwTprC>

Fotografia 2 – Palacete da Família Gentil



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] - <http://goo.gl/NuFWgX>

Mesmo não tendo as datas precisas dos registros fotográficos, pode-se determinar que a Fotografia 1 é anterior à 1918, período que, segundo Viana, iniciou-se a construção do palacete da família Gentil. Segundo o arquiteto Liberal de Castro (1987), o referido palacete se encaixa naquilo que se denomina por Ecletismo Arquitetônico. Castro afirma que o neoclassicismo e o romantismo buscaram representar obras arquitetônicas inspiradas em períodos passados, mas “com o tempo, chegara-se à conclusão de que não apenas se deveriam reproduzir isoladamente os estilos antigos, num exercício de historicismo, mas misturá-los, selecionando-se nele o que parecesse melhor” (1987: 214). Assim se caracterizava o Ecletismo, uma mescla de elementos arquitetônicos que se juntavam nas obras, de acordo com a estética. Segundo o autor, esse estilo se difundiu na França, a partir da remodelação de Paris, e se espalhou pela Europa e pelos países que eram influenciados pela ocidentalização mundial, chegando ao Brasil no contexto da Proclamação da República e durando até a Revolução de 1930 (CASTRO, 1987: 215), período que demarca também a chamada *Belle Époque*.

Em Fortaleza, esse período foi marcado por diversas intervenções urbanas e mudanças arquitetônicas. O livro *Fortaleza Belle Époque* do historiador Sebastião Rogério Ponte é um trabalho consagrado sobre essa temática e traz não somente as exemplificações do que foi feito na cidade, mas também problematiza essas remodelagens, as ideias de gestão da cidade, as ações urbanísticas e o viver na Fortaleza dessa época. A higienização e o aformoseamento de Fortaleza estavam em pauta nesse período e são os principais aspectos analisados por Sebastião Ponte. A planta de Adolpho Herbster é um exemplo dessas ações e da influência francesa, tendo em vista que as obras realizadas na capital da então província do Ceará foram fortemente inspiradas nas remodelagens urbanas de Haussmann em Paris (CASTRO, 1987; PONTE, 2010). Não somente no traçado de *boulevards* e no estabelecimento de uma malha viária ortogonal ficaram as modificações. As construções desse período, em sua maioria, apresentavam elementos ecléticos, típicos da *Belle Époque*. Há um grande número de exemplos desse estilo no Centro de Fortaleza e nos bairros Jacarecanga, Aldeota, Praia de Iracema e Benfica, grande parte desses imóveis abrigavam órgãos públicos ou pertenciam a membros da elite da época. É nesse contexto que o palacete da Família de José Gentil se insere e não seria o único exemplar arquitetônico eclético a ser erguido no Benfica, outras edificações seguindo

esse estilo foram construídas, em sua maioria, margeando a Avenida (ou *Boulevard*) Visconde de Cauípe.

Esse espaço estava a se constituir como um dos ocupados e demarcados pela elite que ali se estabelecia. Michel de Certeau afirma que “o espaço é um lugar praticado” (2011a). Desse modo, a prática exercida no lugar o transforma em espaço, não somente as formas edificadas ou o traçado das vias formam o espaço vivido pelos sujeitos, mas as práticas exercidas nele também o fazem. O Benfica pode ser pensado dessa forma, entendendo-se que para além das edificações suntuosas que ali foram edificadas há toda uma dinâmica que é estabelecida, inserida, sobreposta ou passa a conviver com outras preexistentes. Milton Santos (2012a), em *A Natureza do Espaço*, define o que ele chama de “fixos” e “fluxos” nas relações entre os sujeitos e o espaço. Segundo ele, “fixos” seria o construído (edifícios, ruas, vias de circulação, praças) e “fluxos” seriam as relações estabelecidas, a circularidade das ideias, da cultura, das formas de vivências e convivências. Pode-se dizer que no Benfica, a partir do momento em que parte da elite do referido período foi ali se firmando, novos fixos e novos fluxos foram se estabelecendo. Vias foram pavimentadas, o transporte de bens e pessoas foi se intensificando, imóveis foram erguidos e novas formas de viver e conviver nesse espaço foram se constituindo. Essas vivências desse período, resistiram algumas lembranças, memórias que são atravessadas por elementos do cotidiano como os empreendimentos imobiliários da família Gentil e, posteriormente, as intervenções da Universidade (Federal) do Ceará.

A fixação da família Gentil no palacete do Benfica acarretou, para a localidade, o estabelecimento de diferentes formas de lidar com o espaço. Após se estabelecer na chácara em 1906, José Gentil foi comprando imóveis e terrenos no entorno da sua residência. Alguns desses foram dados aos filhos e em outros foram construídas residências destinadas à locação, originando a chamada Vila Gentil que foi gerenciada pela Imobiliária José Gentil S.A. a partir de 1934 (VIANA, 2007: 204).

Pensando no contexto em que estava inserido esse investimento de José Gentil, após a virada do século XIX para o XX a população de Fortaleza cresceu rapidamente, de acordo com a tabela:

Tabela 1 – População do Município de Fortaleza – 1900-1960

Ano	População	Crescimento intercensitário %
1900	48.369	
1920	78.536	62,2
1940	180.165	129,2
1950	270.169	49,9
1960	514.813	90,5
1970	857.980	66,6

Fonte: SOUZA, 2009: 14.

É notório o vertiginoso crescimento populacional que se deu em Fortaleza de acordo com os referidos recenseamentos. Tal crescimento, segundo a geógrafa Maria Salete de Souza, deu-se em grande parte devido ao fluxo migratório de municípios do interior do Estado para a capital. De certa maneira, esse aumento no número de pessoas na cidade causou muitos transtornos, tendo em vista a sua precária estrutura viária, de moradia, de abastecimento de água e de saneamento básico (JUCÁ, 2000; 2011). O poder público e as obras de urbanização não acompanharam esse rápido crescimento. Ao mesmo tempo em que esses problemas se acirravam, outros setores da economia do período se beneficiaram com o rápido crescimento demográfico. Pedro Alberto Silva (2010), membro do Instituto do Ceará, em um artigo publicado na revista dessa instituição, *A Gentilândia e o bairro do Benfica*, fez um trabalho que cruzou memórias individuais e de pessoas próximas com a problematização historiográfica. Silva posicionou-se como morador da Vila Gentil e descreveu aspectos desse espaço vivenciado por ele. Segundo ele, José Gentil teria visto no setor imobiliário um bom investimento.

Empresário empreendedor, como já foi dito, o coronel Gentil vislumbrou no mercado imobiliário (década de 1930) uma boa oportunidade de aplicar parte de sua fortuna. Fortaleza era uma cidade relativamente pequena, crescendo, porém pobre. O trabalho assalariado pequeno preponderava na maioria da população, constituída por funcionários públicos, comerciantes, e outras atividades de pequena ou média renda. O poder aquisitivo de grande parte dela considerava a posse de uma casa própria como um desejo difícil de ser realizado. Não havia crédito fácil, apesar dos juros serem relativamente baixos. As pessoas consideradas ricas ou de posses possuíam suas

residências e imobilizavam parte de seu capital em casas para alugar. (SILVA, 2010: 21).

A empreitada de José Gentil possibilitou que esses sujeitos enumerados por Silva tivessem moradia no Benfica, mesmo não sendo própria, mas por meio da locação poderiam morar próximo ao Centro, ter um ambiente agradável para viver (uma das regiões mais arborizadas da cidade na época), água encanada e a facilidade do transporte, tanto com os bondes quanto com os ônibus. Pode-se acrescentar a isso as atividades esportivas e de lazer realizadas no perímetro do Benfica – com o Estádio Presidente Vargas (1941), o campo e hipódromo do Prado¹¹ (1927), o Clube Social Gentilândia¹² (1931), as praças, entre outras (BARROSO, 2004). O número significativo de escolas também agrega os fatores atrativos para o Benfica e Gentilândia – Colégio Santa Cecília (1928), Colégio Nossa Senhora das Graças/Ginásio Americano (1950), Grupo Escolar Rodolfo Teófilo (1923) (BARROSO, 2004) – tendo em vista que os filhos dos moradores do bairro teriam onde estudar, sem necessariamente se deslocar para o Centro. Das instituições numeradas o Grupo Escolar era o único público e todos só ofereciam o ensino primário (fundamental). Essa configuração do Benfica, provavelmente, era bastante agradável para os moradores, tendo em vista o que se poderia ter acesso no próprio bairro.

Pode-se afirmar que havia um grande interesse por morar nessa região, principalmente nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial. Martins Filho, em seu livro de memórias *Maioridade – Tomo I*, narra que ao chegar em Fortaleza em 1937, hospedou-se com a esposa, os cinco filhos e uma empregada doméstica na casa de sua mãe, no Benfica, na Avenida Visconde de Cauípe. Segundo ele, “a casa, imprensada entre várias outras do mesmo estilo, era pequena e estreita, tornando-se incômoda até mesmo para a família que nela residia” (MARTINS FILHO, 1993: 166), nesse caso, a mãe e os irmãos de Martins Filho. As dimensões dos domicílios construídos na Vila Gentil e em outras vilas variavam de acordo com o preço do aluguel, mas a grande parte era formada por casas de dimensões bastante modestas, como era o caso da pertencente à mãe de Martins Filho. Em outro momento, ele demonstrou a insatisfação por não ter conseguido morar próximo de sua mãe:

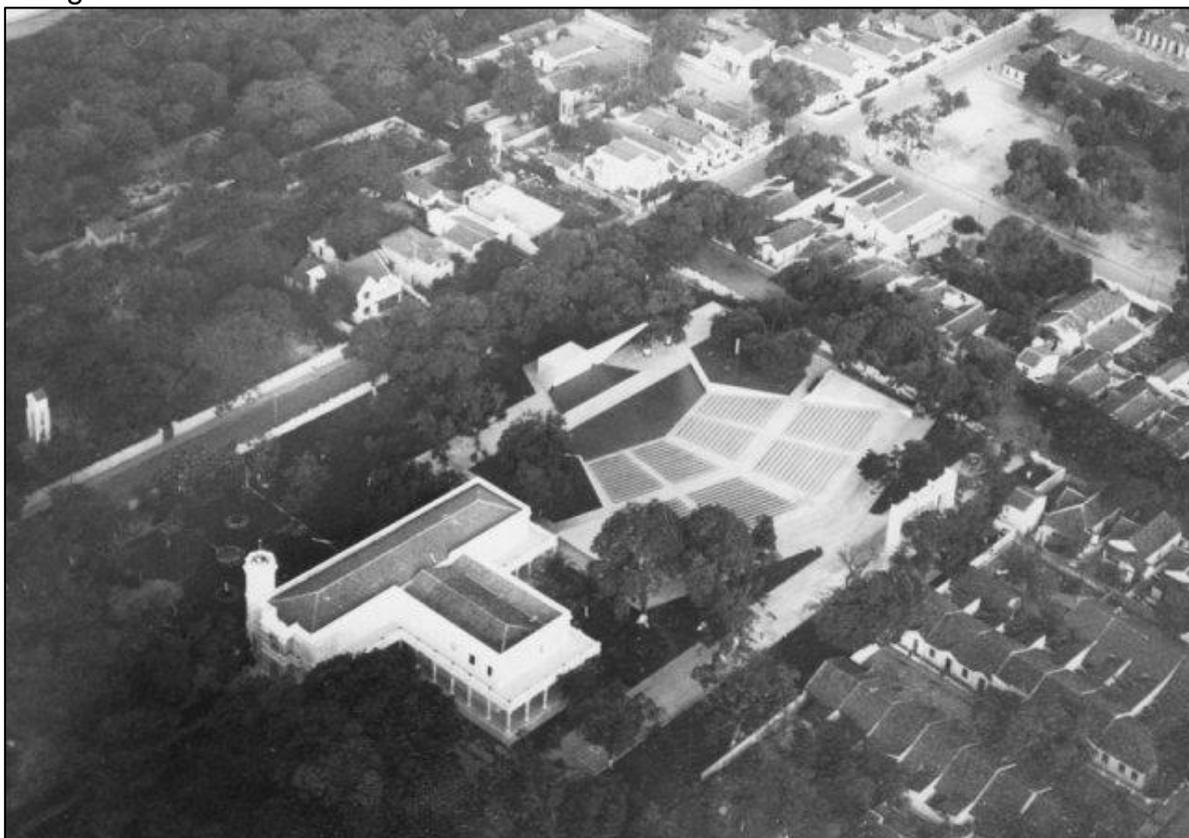
¹¹ Local onde se realizavam corridas de cavalo e partidas de futebol. Ocupava o espaço onde atualmente se encontra o Instituto Federal do Ceará (IFCE). Cf. BARROSO, 2004.

¹² Fundado por José Gentil Alves de Carvalho como um espaço para uso dos moradores da Gentilândia, servindo como um espaço de sociabilidade. Barroso afirma que esse clube não se destinava à prática do esporte, segundo ele, o único jogo possível era o de cartas de baralho. Cf. BARROSO, 2004.

Fiquei muito triste quando o funcionário [do Banco Frota Gentil] informou que, na Gentilândia, não havia nenhum prédio desocupado. Mas de logo acrescentou que na Praia, vizinho à casa do Senhor João Gentil, estava desocupado um prédio de dois pavimentos, que era alugado para temporada, pelo menos de um mês. (MARTINS FILHO, 1993: 167).

É provável que não houvesse na Gentilândia um imóvel disponível nas dimensões que Martins Filho ansiasse e que comportasse toda sua família, mas percebe-se que habitar nessa região da cidade era algo almejado por grande parte da população assalariada do período, como destacou Silva (2010). A intervenção realizada por José Gentil no Benfica, ocasionou a formação de uma territorialidade dentro de outra preestabelecida. A formação daquilo que passou a se denominar por Gentilândia se deu com a construção das vilas e com as vivências dos sujeitos que ali se fixaram. O espaço que se formou nesse bairro, em muito foi influenciado pelos imóveis construídos e destinados à locação, tendo em vista que no Benfica, não só a elite se estabeleceu, mas também alguns assalariados que locavam esses pequenos imóveis.

Fotografia 3 – Vista aérea da Reitoria e Concha Acústica da Universidade do Ceará



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] - <http://goo.gl/cnusJO>

Analisando a Fotografia 3 é possível identificar o prédio da Reitoria com o telhado formando um “T” e ao lado a Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre. Olhando

o entorno das dependências da Universidade se pode ver pelos telhados várias pequenas residências agrupadas em vilas, todas elas, provavelmente, pertencentes à Imobiliária José Gentil S.A. Essa configuração espacial que pode ser vista na Fotografia 3 foi modificada com a instalação da Universidade do Ceará, mas no momento em que foi feita a captura dessa imagem ainda era possível ver, parcialmente, como eram distribuídos os espaços num momento anterior à intervenção feita pela instituição no entorno da Reitoria. Tomando como base as divisórias dos telhados, pode-se contar cerca de quatorze pequenas residências na lateral da Reitoria. Pensando que cada casa dessa poderia abrigar em torno de quatro, cinco ou seis pessoas, pode-se supor que viveriam ali aproximadamente 60 a 80 pessoas.

Essa configuração espacial que pode ser vista na Fotografia 3 se estabeleceu, principalmente, por meio das intervenções e investimentos imobiliários de José Gentil. Vale ressaltar que ele não era o único a usar dos vastos terrenos no bairro para a construção de residências destinadas à locação, mas seu nome tornou-se hegemônico no que se refere a esse tipo de investimento, provavelmente por conta do número de residências e das ações realizadas no bairro.

Um convívio plural se consolidou nesse ambiente, os proprietários dos grandes imóveis e os locatários passaram a compartilhar de espaços que constituíam a dinâmica do bairro: as feiras livres nas praças, as missas e eventos promovidos pela igreja, a circulação pelas vias (SILVA, 2010). Essas formas de convívio e partilha de espaços comuns no Benfica e/ou na Gentilândia construíram aspectos que se encaixam na definição de bairro para Michel de Certeau:

Ora, o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. (CERTEAU, 2011b: 40).

O bairro, segundo o autor, seria esse espaço de transição entre o público e o privado, constituído por meio do convívio cotidiano e da partilha de aspectos que são comuns aos sujeitos que ali habitam. As formas de vivências que se estabeleceram nos referidos ambientes criaram esse sentimento em que o bairro é uma extensão, com as devidas proporções, da própria residência, tendo em vista que o convívio

cotidiano familiarizam os sujeitos entre si mesmos. Cria, de certa maneira, um ambiente em que o público e o privado se confundem. A geógrafa Ilaina Damasceno Pereira (2008), em sua dissertação de mestrado, *Lugares no bairro: uma etnografia no Benfica*, destaca que na análise de suas fontes (questionários sobre aspectos característicos do Benfica) foi bastante constante nas respostas dadas que o bairro era caracterizado como um espaço de “tradição, cultura e liberdade” (2008: 80-91). Segundo a autora, o aspecto tradicional estava relacionado ao convívio e o relacionamento entre os moradores, principalmente naquilo que se definiu por Gentilândia.

Da mesma forma que o presente esforço de escrita se construiu, o trabalho de Ilaina Pereira (2008) usou relatos orais e escritos memorialísticos de moradores do bairro para aguçar a percepção sobre as vivências e impressões desses sobre as mudanças e permanências nesse espaço com o passar dos anos. Um ponto que se mostra em comum é a noção de vizinhança que se construiu nesse espaço e sobre esse espaço. Cristiano Santos, 65 anos, corretor de imóveis, morador da Gentilândia, expôs em sua narrativa elementos que exemplificam esse sentimento de vizinhança:

Apesar de tudo, de toda essa onda de violência, de... inclusive alguns crimes já aconteceram aqui nos últimos 10 anos, coisa que não acontecia, que não é normal, aqui é um bairro onde as pessoas ainda colocam a cadeira na calçada pra conversar em fim de tarde, de noite, tá entendendo? É um bairro realmente bucólico, entende? (ENTREVISTA 1).

E acrescentou:

É então eu considero, eu sempre digo que sou nativo daqui, porque a minha infância, minha juventude, início de fase adulta foi aqui, aqui eu vivi, aqui eu tive infância né. Hoje eu vejo, a gente acompanha aí, a quantidade de crimes de jovens de 16 anos serem assassinados, envolvidos com droga e tal, porque eles não tiveram a infância que nós aqui, moradores, tivemos. Muito lugar pra se jogar bola, pra se criar, brincadeiras que não tinha essa... enredo também pros pais, a gente saía, vamos pra casa de fulano, e realmente nós íamos pra casa daquelas pessoas, entendeu? Então existia esse... eu trabalho com memória, eu sou um saudosista né? Eu tenho que me inspirar por essas coisas aí, os bons hábitos que eu tive, a educação e tal toda dentro do bairro. Um bairro altamente cultural, você sabe disso né? (ENTREVISTA 1).

Cristiano Santos fez um paralelo entre a situação presente e o passado, mas salientando que o ambiente da Gentilândia, mesmo com o passar dos anos, com o aumento da violência, mantinha-se bastante fiel ao que fora. O ato de sentar-se à calçada, de convivência entre vizinhos, das relações interfamiliares, aproxima-se muito da definição de bairro de Certeau. O privado e o público se permeiam e se

entrelaçam, um objeto que é típico do convívio domiciliar – a cadeira – ocupa parte do espaço de circulação pública – a calçada. As famílias estabeleciam relações entre si, estendendo a prática do cuidar e criar os filhos para além do círculo familiar, passando a vizinhança a exercer papel importante na formação e educação desses sujeitos. Cristiano Santos agrega ao valor desse convívio o fato de que a sua infância e a de seus amigos na Gentilândia foi preponderante para que eles não seguissem por caminhos adversos.

Colocar as cadeiras na calçada para conversar não é somente uma ação que é feita na intenção de estabelecer diálogo com outros sujeitos, mas é também uma forma de vigilância dos pares. Paulo Maria de Aragão, em seu livro, *Rua Carapinima: ecos e ícones*, fez um relato memorialístico – modificado a partir de sua dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Marcos – sobre as suas vivências no Benfica e suas redondezas. O autor destacou em sua escrita alguns pontos que se tornaram referências em sua trajetória no bairro:

Outro ponto favorito era reservado aos mais ousados: a Rua José Albano. Lá, valia tudo e a liberdade era ampla. Supõe-se que muitos bebês foram gerados naquele local. Eis a razão de um sem-número de casamentos apressados e de filhos dados como se fossem de sete meses de gestação. As comadres ficavam de olho na contagem de tempo após o casamento, esperando a chegada do primeiro filho do casal. (ARAGÃO, 2006: 98).

As comadres a que se referiu o autor eram as senhoras que colocavam suas cadeiras na calçada e punham-se a conversar e tomar nota sobre as atividades dos vizinhos. Aragão complementa:

Nos bairros, nos portões das casas, nas sombras das castanholeiras, as virgens se tornavam semivirgens, especialmente nos apagões provocados pelas panes da Usina Termoelétrica do Mucuripe. A pudicícia imposta como parte dos costumes revelava-se, muitas vezes, hipócrita. (ARAGÃO, 2006: 100).

A proximidade do contato entre os vizinhos, o ambiente quase familiar propiciava formas diversas de relacionamento entre si. Ao mesmo tempo em que se tinha a sensação de segurança e confiança, as vivências dos jovens da época, com os namoros escondidos aproveitando lugares mais escuros e menos movimentados também estavam presentes e não deixavam de ser formas de permeabilidades entre o público e o privado.

Francisco de Andrade Barroso (2004), em seu livro de memórias *O Benfica de ontem e de hoje*, fez um grande apanhado sobre os costumes, os moradores e suas

respectivas residências, enumeradas, rua por rua as quais fazem parte do traçado do bairro. O recorte temporal de sua narrativa ultrapassa o período vivido pelo autor, de certa forma, a sua escrita busca ser um memorial sobre o bairro, mas partindo do lugar de morador que o autor ocupa e de sua relação afetuosa com o espaço em que nasceu e cresceu. Desse modo, suas memórias, impressões e sentimentos se entrecruzam com o que ele levantou sobre o Benfica. Em diversos momentos de sua narrativa, os sujeitos apresentados são tratados como amigos, pelos apelidos de infância – “o amigo Mozart Pinto de Almeida”, “o Zemário”, “o Mundico” – são relacionados com vivências partilhadas entre eles e o autor: reuniões, jogos de futebol, momentos da vida escolar. São vivências que vieram à tona por meio da escrita e que representam também esse aspecto da vizinhança na Gentilândia e no Benfica. Segundo Barroso, José Gentil teria criado um clube social voltado para o uso e lazer (sem fins esportivos) de seus inquilinos, o *Clube Social Gentilândia*, ou *Gentilândia Club*, a partir dele alguns entusiastas do futebol daquela época que moravam próximo, incluindo o próprio autor, organizaram-se e formaram o *Gentilândia Atlético Clube* (1934-1968). Os jogos e os eventos promovidos pela organização do time movimentaram a juventude, principalmente entre os anos de 1934 e 1956, momento do auge do time, não somente no bairro, mas atingindo toda a cidade (BARROSO, 2004: 420-432).

Entre as fontes orais que foram produzidas para a feitura do presente trabalho, a entrevista realizada com o casal Maria do Socorro e João Monteiro Ventura – ambos com 88 anos de idade e moradores do Benfica desde 1952 – foi bastante interessante, tendo em vista que a construção das narrativas foi feita em conjunto, havendo muitos momentos em que um complementava a fala do outro. Residentes da Avenida da Universidade, número 3099, poucos metros os separam das dependências da UFC. Dona Socorro, como prefere ser chamada, é natural do município de Icó, filha do farmacêutico Walfrido Monteiro Sobrinho, que também foi prefeito dessa cidade por dois mandatos. O poder aquisitivo de seu pai permitiu que ele custeasse os estudos de todos os filhos até o Ensino Superior. No caso de Dona Socorro, que cursou Sociologia no Rio de Janeiro, segundo ela, graças às posses e ao apoio do pai. Em 1950, concluiu o curso superior e voltou para o Ceará, onde se fixou em Fortaleza. Ao ser indagada sobre a escolha do Benfica para a compra de um imóvel ela relatou da seguinte forma:

Ele ficou procurando casas, residências e tudo né? Ainda procurou uma lá perto do... Ali perto do cemitério [São João Batista], eu não sei que rua é aquela, naquelas ruas ali, né? Mas aí eu não gostei, meus irmãos também não. A gente ia ficar olhando o cemitério, não sei o que [risos]. Aí ele resolveu voltar e ofereceram... tinham muitas casas, é... expostas à venda né? Era da época do... desses Gentis, né? Do Gentil, aí eles estavam vendendo aí o papai comprou. Eles venderam muitas casas aqui. Tanto na Universidade, quanto na região. (ENTREVISTA 4).

Na narrativa de D. Socorro é possível identificar um contexto bastante diferente daquele reclamado por Martins Filho ao chegar em Fortaleza, em 1937. A fala dela, por sua vez, enquadra-se na movimentação de parte da elite fortalezense que estava de deslocando do Benfica e do Jacarecanga para a Aldeota e, em alguns casos, para a Praia de Iracema. Morar no centro não se mostrava interessante, tendo em vista que a região era próxima ao cemitério, mas a oferta de imóveis no Benfica e a condição financeira favorável de seu progenitor facilitaram a aquisição da residência. As lembranças de D. Socorro sobre o morar no bairro vêm à tona relacionadas à compra da residência também à apropriação da Universidade sobre alguns desses imóveis. A menção feita à Universidade se mostra como uma memória que se relaciona com a venda dos imóveis por parte da família Gentil. Durante o diálogo resultante da narrativa, não foi feita nenhuma menção questionamento direto sobre as ações da então Universidade do Ceará para a compra de imóveis pertencentes a essa família, mas lembranças referentes a isso foram evocadas. Henry Bergson, em *Matéria e memória*, afirma que “o passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes” (BERGSON, 1999: 84), desse modo, na narrativa de D. Socorro podem ser identificadas essas duas formas de lembranças. Por meio de mecanismos motores: ao ser questionada sobre a aquisição da casa em que reside no Benfica, ela estabeleceu uma relação direta com a sua lembrança de que o imóvel havia sido comprado da família Gentil. E por meio das lembranças independentes: ao inserir a Universidade na narrativa, mesmo sem haver uma solicitação direta. De certa forma, para D. Socorro, pensar nos edifícios da Universidade nesse bairro é também pensar, em parte, na família Gentil, por ter sido essa instituição a principal compradora dos grandes imóveis do Benfica, que parte deles pertencia à referida família.

Além do convívio e das relações que os moradores estabeleciam entre si, existiam outras formas se socializar, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios é um exemplo disso. A construção da igreja data de 1910 e a elevação à paróquia ocorreu

em 1934. Grande parte do custo das benfeitorias realizadas nesse período foram financiadas pelo capital de José Gentil e de outros fiéis depositários. Nas dependências da igreja eram realizadas quermesses e festividades para angariação de fundos para manutenção do templo e dos sacerdotes (SILVA, 2010). Esse espaço do sagrado se constituiu também como um espaço de sociabilidades entre os moradores do Benfica, da Gentilândia e dos demais bairros da cidade que ali vinham se congregar. D. Socorro, que trabalha juntamente com seu marido, Sr. João Monteiro, na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios como ministros de eucaristia há vários anos, narrou um pouco de suas memórias sobre as experiências vividas por meio do vínculo deles com a igreja:

Havia um trabalho de evangelização feito pela Igreja dos Remédios que era feito no bairro todo, com visitas às famílias, tinha uma equipe da pastoral familiar pra fazer visitas em toda a região. Não era ajuda financeira, era ajuda espiritual. A gente ajudava em casos de separação, de problemas de família, era muito bom. A gente conhecia muita gente aqui do bairro por conta desse trabalho da igreja. (ENTREVISTA 4).

As atividades as quais D. Socorro e Sr. João participavam permitiram a eles ter uma noção sobre o bairro que ia além da vizinhança. Por meio de atividades promovidas pela Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, era possível conhecer outros moradores do bairro, não só os vizinhos próximos. A igreja era também um ambiente em que se estabeleciam relações interpessoais. Com a elevação à paróquia em 1934, a região passou a gozar de certa independência e comodidade, os moradores não precisavam se deslocar até o Centro para a realização dos costumes cristãos (batismo, eucaristia, casamento, etc.).

Não somente da tranquilidade e bucolismo vivia o Benfica, a intensa circulação de bens, pessoas e veículos, principalmente na Avenida Visconde de Cauípe, contrastava com o ambiente calmo das vizinhanças que se estabeleceram nas partes mais distantes da referida avenida. Caminhões carregados de gêneros alimentícios vindos dos maciços de Baturité, Maranguape e de outras regiões ao sul de Fortaleza, os vendedores ambulantes que se beneficiavam com o trânsito de pedestres à espera dos ônibus que iam e voltavam de Parangaba ou do Centro, os carros de passeio que passavam com maior frequência no decorrer dos anos. As ideias de bairro bucólico, de convívio saudável e amistoso, de tranquilidade, foram construídas, principalmente, por meio das ações de José Gentil – com as vilas, o clube social, as praças – e das relações estabelecidas entre os sujeitos e suas práticas nos espaços existentes e nos

que foram construídos. A aquisição e locação de imóveis, pela família Gentil e posteriormente a venda desses, possibilitou, num primeiro momento, a ocupação desse espaço por parte de setores médios que depois tornaram-se proprietários. Desse modo, a vida do bairro e no bairro foi se formando desde a segunda metade do século XIX, apoiando-se nas práticas ali realizadas, nas referidos ideias e nas interferências espaciais. A dinâmica do Benfica e da Gentilândia era essa, variando entre a tranquilidade do viver e do caminhar em suas ruas e a agitação das festividades, dos jogos de futebol, das corridas no Prado e da circulação de bens e pessoas pela Avenida Visconde do Cauípe e Rua Carapinima. Com a fixação da Universidade do Ceará nesse espaço, novos fluxos e fixos e novas dinâmicas seriam inseridas ali.

3 LUGARES NA CIDADE

3.1 A Universidade na cidade e no bairro

A Universidade do Ceará foi criada em 16 de dezembro de 1954 pela lei número 2.373, assinada pelo então Presidente da República João Café Filho. Entre as determinações que compuseram a lei estava a agregação das seguintes instituições de ensino superior: Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Medicina e Escola de Agronomia (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1954). A partir daquele momento a recém-criada universidade passaria a ocupar os espaços dessas instituições, até então ocupados de forma independente entre si. Não se afirma, com isso, que prontamente todas as instituições de ensino superior preexistentes passaram a ser percebidas como pertencentes à Universidade do Ceará, mas aos poucos essa nomenclatura foi sendo vinculada a essas instituições e se inserindo na dinâmica de ensino superior do período.

Na edição do Almanaque do Ceará¹³ de 1956, aparece pela primeira vez uma referência sobre a Universidade do Ceará (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211). Até a edição anterior (1955), constavam apenas as instituições mencionadas, mesmo tendo a universidade sido criada em 1954. Vale ressaltar que nas edições anteriores a 1956 na seção *Estabelecimentos de Ensino* do Almanaque havia uma sequência que se repetia na ordem das instituições mencionadas: “Faculdade de Direito; Escola de Agronomia; Faculdade de Farmácia e Odontologia; Faculdade Católica de Filosofia; Seminário de Fortaleza; Faculdade de Medicina; Faculdade de Ciências Econômicas” (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1953: 265-267). Com a primeira citação feita à Universidade do Ceará, na edição de 1956, esses estabelecimentos passaram a ser enumerados em outra seção, *Govêrno da República* e subseção *Ministério da Educação*, aparecendo na seguinte ordem:

“Universidade do Ceará; Faculdade de Direito do Ceará; Escola de Agronomia do Ceará; Escola de Engenharia do Ceará; Faculdade de Medicina do Ceará, Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; Escola

¹³ O Almanaque do Ceará foi uma publicação anual que tinha como intenção fazer um apanhado sobre os aspectos Administrativo, Comercial, Industrial, Estatístico e Literário. Essa publicação se manteve ativa entre os anos de 1895 e 1962, passando por diferentes lideranças e responsáveis pela organização, impressão e publicação. O acesso a essas fontes pode ser feito por meio digital (CD-ROM) disponibilizado e produzido pelo Instituto do Ceará, no qual constam todos os volumes publicados entre os anos de 1897 e 1962.

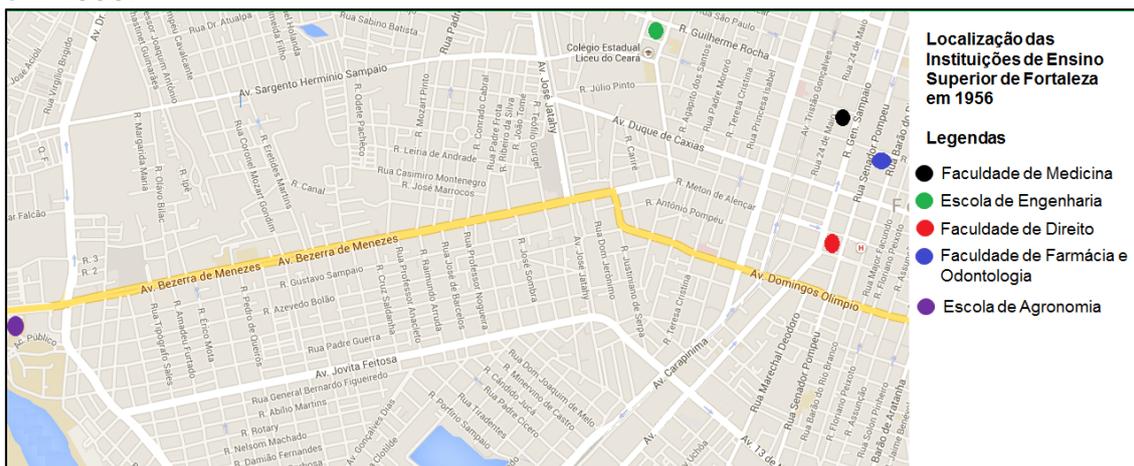
de Enfermagem São Vicente de Paulo (agregada); Faculdade de Filosofia do Ceará (agregada)” (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211).

Por meio da análise do Almanaque do Ceará, buscou-se traçar o mapa de atuação que a Universidade do Ceará passava a ocupar na cidade. Nas publicações, ao enumerar os estabelecimentos de ensino superior ligados ao Ministério da Educação e à universidade, vinha uma descrição com os nomes dos diretores e as vezes um breve histórico e o endereço de cada estabelecimento. Continuando a análise da edição de 1956 do Almanaque, é possível traçar um mapa desses estabelecimentos:

Universidade do Ceará, Praça da Bandeira com Senador Pompeu; Faculdade de Direito, Praça da Bandeira; Escola de Agronomia, Bezerra de Menezes; Escola de Engenharia, Praça Fernandes Vieira; Faculdade de Medicina, Praça José de Alencar; Faculdade de Farmácia e Odontologia, Rua Barão do Rio Branco, 1321 (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211).

Na intenção de exemplificar a localização desses espaços na cidade, pode-se observar o seguinte mapa:

Figura 4 – Mapa de Localização das Instituições de Ensino Superior de Fortaleza em 1956.



Fonte: Google Maps [modificado pelo autor a partir do Almanaque do Ceará de 1956]

Ao visualizar o mapa da Figura 4, é notória a distância que havia entre a Faculdade de Direito, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Medicina e a Escola de Engenharia da Escola de Agronomia. As três primeiras estavam alocadas no Centro de Fortaleza, a quarta estava num bairro vizinho, no Jacarecanga, enquanto a Escola de Agronomia ficava mais afastada, no bairro Alagadiço, por conta das atividades que demandavam espaço (campo de plantio, estábulos, currais, estufas, etc.) realizadas pela Escola. A partir desses pontos salientados no mapa, a recém-criada Universidade do Ceará passava a atuar

juntamente com as referidas instituições existentes e a se inserir na dinâmica do ensino superior em Fortaleza. Com a agregação desses estabelecimentos de ensino superior à Universidade do Ceará, institucionalmente o espaço ocupado por estas também passaria a ser ocupado pela universidade. De que maneira essa centralização institucional também foi percebida enquanto ocupação espacial?

No dia 25 de junho de 1955 foi oficialmente instalada a Universidade do Ceará em solenidade que contou com Assembleia Universitária no Teatro José de Alencar, sobre tal evento Martins Filho assim relatou em seu livro de memórias:

Às 16 horas e trinta minutos do dia 25 de junho de 1955, foi realizada a Assembléia Universitária para a instalação oficial da Universidade. Não compareceram o Presidente da República, no ato representado pelo General Emílio Maurel Filho, Comandante da 10ª Região Militar, nem o Ministro Cândido Mota Filho, que se fez representar pelo professor Jurandir Lodi, Diretor do Ensino Superior, pelo que a Solenidade foi por mim presidida. [...] No mesmo dia 25 de junho, às 20 horas, no Salão de recepção do Náutico Atlético Cearense, realizou-se o banquete oferecido pelos professores às autoridades e convidados especiais, no qual se fez ouvir o ilustre Prof. Dr. Orlando Magalhães de Carvalho, Vice-Reitor da Universidade de Minas Gerais. (MARTINS FILHO, 1994: 400).

No momento de sua instalação, ato que marcava o início das atividades da Universidade do Ceará, as solenidades ocuparam dois pontos referenciais da cidade, o Teatro Jose de Alencar (TJA) e o Náutico Atlético Cearense (NAC). O primeiro era o lugar para onde vinham os grandes espetáculos teatrais e musicais, lugar de grande prestígio dentro da sociedade fortalezense, o segundo era o lugar de lazer preferido dos membros da elite da capital cearense. As pessoas presentes denotavam a significância do evento e a localização demonstrava a intenção de se inserir na cidade. Em sua dissertação de mestrado em História Social, Albertina Pontes cartografou os clubes existentes em Fortaleza entre as décadas de 1950 e 70. O Náutico Atlético Cearense, segundo Pontes, era nesse período um dos preferidos da classe média e da elite fortalezense,

Ocupando um lugar de destaque no cenário desenhado pelas elites, o Náutico veio a suprir as demandas de uma sociedade que ansiava por um símbolo de arrojo e modernidade, no qual fossem exteriorizados os valores preponderantes na urbanidade fortalezense. Tão grande a importância que lhe foi atribuída, que a qualidade de ícone passou também a ele associar-se, uma vez que, durante certo tempo, constituiu um dos mais divulgados cartões-postais da cidade (2005: 183).

Desse modo, a escolha do Náutico Atlético Cearense para abrigar o jantar de encerramento da solenidade de instalação da Universidade do Ceará pode ser

interpretada como uma ação carregada de intencionalidades, de inserção na dinâmica social de Fortaleza e de aproximação com as pessoas que daquele espaço compartilhavam e usufruíam. Tal qualificação atribuída ao clube, em muito se deve à sua localização na cidade. Estabelecido na região litorânea e próximo à Aldeota – que a partir da década de 1930 passou a atrair e abrigar parte da elite da cidade em ocasiões de festividades e de lazer – o Náutico representava o espaço de lazer e de sociabilidades da elite e da classe média alta de Fortaleza. Vale ressaltar que sua escolha também poderia estar ligada ao fator de escassez de espaços para grandes solenidades na Fortaleza do referido período, desse modo, deve-se levar e consideração também esse aspecto.

O Teatro José de Alencar, por sua vez, era o espaço dos grandes espetáculos teatrais que visitavam a capital cearense, assim o situou Pontes (2005). Localizado no centro de Fortaleza e escolhido para receber o momento das solenidades públicas de instalação da Universidade do Ceará, com os discursos de políticos e gestores, o TJA pode ser definido como um ponto comum entre as instituições de ensino superior existentes naquele período e agregadas à UC por meio da lei número 2.373 de 16 de dezembro de 1954. A escolha do teatro se deu, provavelmente, numa intenção de não privilegiar, por exemplo, a Faculdade de Direito, cujo auditório comportaria tal evento. Ao mesmo tempo em que realizava suas festividades de instalação, a Universidade do Ceará estava se inserido em determinados pontos característicos da cidade, estabelecendo-se numa dinâmica existente.

Busca-se por meio dessa cartografia dos eventos e das intervenções imobiliárias identificar os fluxos que começaram a circular em torno da Universidade. De que maneiras a nova instituição ia se inserindo na cidade? Tomando de empréstimo o conceito de fluxos e fixos de Milton Santos (2012a): entendendo-se que os fluxos são basicamente as relações, comerciais, econômicas, sociais e culturais; e os fixos são, no caso da cidade, os espaços físicos, edifícios, praças, vias, locais públicos, entre outros. Desse modo, fazendo uso de fixos já estabelecidos, como o Teatro José de Alencar e o Náutico Atlético Cearense, as solenidades e eventos da Universidade do Ceará estavam estabelecendo novos fluxos, que se movimentavam na intenção de se posicionarem no meio de outros presentes.

José Liberal de Castro, arquiteto, 88 anos de idade, professor e membro da Divisão de Obras da UFC aposentado, fez um relato de grande valia para o presente

trabalho, tendo em vista a sua trajetória enquanto arquiteto, professor universitário e importante referencial no que diz respeito à história do processo de crescimento urbano de Fortaleza e do Ceará como um todo. Ao iniciar a sua narrativa ele expressou suas impressões gerais sobre a relação entre a então Universidade do Ceará, no período em que ela foi fundada, e a cidade de Fortaleza:

Entrando num contexto histórico da relação Universidade e cidade, a dimensão urbana, digamos assim, a falta de equipamentos na cidade, a Universidade vem preencher, então ela fica dona da cidade. Mas com o tempo, claro que a cidade tomou outros aspectos, mas ela não teve mais esse tipo de prestígio que ela teve. Era tudo na Universidade, tudo tinha que ser aqui, porque não havia nada. (ENTREVISTA 5).

A narrativa construída por Liberal de Castro está bastante carregada pela sua formação profissional e provavelmente por laços de afetividade com a Universidade, ambiente no qual trabalhou por vários anos e permanece a frequentar diariamente. Nota-se que a visão e as lembranças que ele tem sobre a cidade de Fortaleza são muito influenciadas pela experiência vivida por ele no meio acadêmico. Para ele, a fundação de uma instituição como a que se refere trouxe para a cidade equipamentos que não existiam, junto a isso foram estabelecidas formas diferentes de lidar com esse espaço que estava sendo ocupado pela Universidade do Ceará. Para ele, houve uma perda no prestígio que a instituição tinha. Não seria a perda desse prestígio a inserção de novos equipamentos para além dos domínios acadêmicos? Não cabe aqui determinar o que levou à queda desse referido prestígio, mas sim perceber como essa instituição e seus equipamentos foram ocupando espaços na cidade e inserindo novas formas de lidar com esses espaços. Os poucos espaços que existiam na cidade, no momento da criação da Universidade se restringiam ao Centro, ao bairro Meireles¹⁴ e Aldeota. Com a instalação da Universidade do Ceará, tanto equipamentos novos foram inseridos na cidade, quanto o bairro Benfica começou a se localizar nesse fluxo de eventos e equipamentos culturais, tendo em vista que o estabelecimento dessa instituição estaria atrelado não só ao ensino em nível superior.

No dia da inauguração da sede da Reitoria da Universidade do Ceará no Benfica – 25 de junho de 1956 – e no dia seguinte, algumas páginas do periódico *O Povo* vieram com a descrição dos eventos que marcaram a instalação da nova Reitoria. Na edição de segunda-feira, dia 25, além de noticiar que naquele dia seria

¹⁴ Bairro nobre de fortaleza, localizado próximo à Praia de Iracema e Beira Mar, vizinho à Aldeota.

inaugurada a “Bela sede para a Universidade” (O Povo, 25/06/1956: 1), o periódico também informou sobre as atividades do então Ministro da Educação Clovis Salgado em Fortaleza que naquele dia foi ao *Palácio da Luz*, sede do governo do Estado do Ceará e prosseguiu a agenda do ministro da seguinte forma:

Do palácio da Luz o ministro de Educação seguiu em visitas às unidades universitárias, à Escola Industrial e ao Colégio Estadual do Ceará.

A meio dia, houve almoço no Náutico em honra de d. Lia Salgado, digna esposa do ministro Clovis Salgado.

Às 16:30 haverá a solenidade de inauguração da nova sede da Universidade do Ceará.

Às 19:30, na Faculdade de Direito, realizar-se-á uma assembléia universitária, com a presença do ministro Clovis Salgado e professor Jurandyr Lodi, diretor do Ensino Superior.

Às 21 horas no Náutico a Universidade do Ceará oferecerá grande banquete ao ministro e sua comitiva. (O Povo, 25/06/1956: 1 e 2).

No dia seguinte, 26 de junho, *O Povo* trouxe os eventos da referida solenidade de forma mais pormenorizada, com a manchete “Em sua nova sede a Universidade do Ceará” com duas fotografias do “Banquete do Náutico – Flagrantes colhidos á noite de gala por ocasião do banquete oferecido pelo govêrno do Estado e pela Universidade do Ceará ao ministro Clovis Salgado”. (O Povo, 26/06/1956: 1) com continuação da notícia na quarta página dividida em quatro partes, sendo uma delas dedicada ao “Banquete no Náutico”:

A última parte das festas comemorativas do 1º ano da instalação da Universidade do Ceará foi grande o banquete que se realizou no Náutico Atlético Cearense ás 22 horas de ontem oferecido ao ministro da Educação e sua ilustre comitiva.

Contando com o comparecimento das mais ilustres personalidades do nosso mundo social, a brilhante reunião foi de fato a chave de ouro do vasto programa (O Povo, 26/06/1956: 4).

O título da notícia do dia 25 de junho, cujo trecho foi extraído, era “Expressivas homenagens ao Ministro Clovis Salgado” e ocupou a primeira e a segunda páginas da referida edição. A presença do Ministro da Educação em Fortaleza se devia à solenidade de inauguração da nova sede da Reitoria da Universidade do Ceará, no Benfica. Mas ao longo do dia o Ministro percorreu diversos pontos da cidade sob os auspícios do real motivo de sua visita. Pode-se perceber que em dois momentos no mesmo dia em questão ocorreram homenagens, a primeira dirigida à Lia Salgado, esposa do Ministro, e a segunda ao próprio Ministro, ambas tendo ocorrido no Náutico Atlético Cearense. Na edição do dia 26 de junho do referido ano, a solenidade ocorrida no Náutico durante a noite ganhou grande destaque. Tendo em vista que as fotografias escolhidas para ocupar a primeira página, juntamente à manchete, foram

feitas durante o “banquete” servido no clube. E a esse momento também foi dedicada uma divisão específica nessa mesma notícia, juntamente com as outras atividades comemorativas do primeiro ano de instalação e da inauguração da Reitoria da Universidade do Ceará.

O espaço que o Náutico Atlético Clube ocupava na cidade naquele período se mostra bastante significativo quando se analisam essas fontes e confrontando-as com a afirmação de Pontes (2005). Escolher o mesmo espaço para encerrar as atividades de instalação da Universidade do Ceará, em 1955, no ano seguinte homenagear o Ministro e sua esposa no mesmo dia e em horários diferentes denota o quanto esse lugar era importante e também o quanto na cidade eram escassos os lugares que tinham capacidade para promover essas solenidades. Usar o Náutico para a realização dessas homenagens era inseri-lo na dinâmica dos eventos referentes às comemorações do primeiro ano de instalação e de inauguração da Reitoria da referida instituição. Mas ao mesmo tempo em que o Náutico era inserido nesse percurso comemorativo, a Universidade também agregava valores para si ao se colocar nesse espaço consagrado dentro de Fortaleza, principalmente pela elite. Ou seja, para uma instituição que estava se firmando na cidade ocupar o Náutico Atlético Cearense com suas solenidades era também se inserir na dinâmica dos clubes sociais que se espalharam por Fortaleza a partir dos anos de 1930 (PONTES, 2005), era se inserir na cidade para além dos meios acadêmicos.

A Reitoria instalou-se no palacete que pertencera à família Gentil, a partir daí a Universidade do Ceará começou a se expandir adquirindo outros imóveis nas adjacências do seu centro administrativo. Os processos de compra e venda envolveram a instituição e os moradores proprietários. Liberal de Castro, em outro momento de sua narrativa expôs as suas memórias sobre essas negociações:

Ao contrário do que algumas pessoas contam, a Universidade nunca propôs a compra de nada aqui, eram ofertas de venda. Principalmente os grandes imóveis, eram os donos que ofereciam. Por um lado, muitas pessoas estavam querendo se mudar, querendo se nobilitar indo pra Aldeota, por outro, algumas dessas pessoas tinham ligação com a Universidade e vendiam as casas. Essas casas eram compradas pra servir de morada pra estudante. Só que se você sair do boletim e for para o departamento jurídico, essas casas elas estão todas desapropriadas, como se fosse a Universidade que tivesse agido pra se apropriar dessas residências, só que isso não é verdade, eles que pediam pra serem desapropriados, porque não pagava imposto. Quem não sabe da história fala: a Universidade desapropriou muita gente! Desapropriou coisa nenhuma, eles que pediam pra serem desapropriados pra não pagar imposto nenhum. (ENTREVISTA 5).

Segundo Liberal de Castro, a Universidade do Ceará não teria feito intervenção direta para aquisição dos imóveis no Benfica, nem mesmo teria proposto comprar, as ofertas de venda teriam partido dos proprietários à época. Para justificar isso ele elucidou a citada movimentação de partes da elite fortalezense em direção à Aldeota, desse modo, alguns membros dessa elite que habitavam o Benfica estariam muito dispostos a vender suas residências e mudar de endereço. Está em acordo com as afirmações de Jucá de que desde a década de 1930 e com maior força após a Segunda Guerra Mundial a Aldeota passou a ser o destino predileto das elites de Fortaleza (2000). Mas ao mesmo tempo, pode ser interpretada como uma forma de diminuir a responsabilidade da Universidade nos processos de aquisição de imóveis no Benfica, tendo em vista que mesmo tendo ocorrido sem (ou quase sem) conflitos, a intervenção feita por essa instituição mudou as dinâmicas do viver e do morar no bairro. Não se pode negar que a instalação da Universidade do Ceará no Benfica e seu crescimento nesse espaço a partir de 1956 causou mudanças que podem ter sido entendidas e percebidas das mais diferentes formas por sujeitos diversos. O ambiente que se mostrou favorável não pode ser entendido só pela ótica da Universidade, pois os proprietários dos grandes imóveis também puderam vender seus imóveis de forma mais facilitada. Pensando o mercado imobiliário da época, talvez não fosse tão fácil encontrar um comprador que pudesse arcar com o preço de residências nas proporções das quais a Universidade do Ceará comprou, por exemplo o palacete da família Gentil que foi comprado por 500 mil cruzeiros. Outros imóveis de grandes proporções também foram adquiridos por valores próximos a esse. Ou seja, o ambiente favorável à instalação da Universidade era também favorável aos proprietários que teriam, em certa medida, comprador certo. Por outro lado, questiona-se se as aquisições feitas por essa instituição não teriam pressionado moradores a se desfazer de seus domicílios, ou também não amedrontaram outros que temiam ser despejados. Em outro ponto, a fala de Liberal de Castro se posiciona num intermediário entre a burocracia institucional e a realidade das negociações interpessoais quando entra nos pormenores que fogem aos documentos. O fato de se colocar no documento judicial de aquisição a desapropriação, mas a negociação ter sido feita de outra maneira, beneficiando o vendedor com o abatimento dos impostos, demonstra que as métricas dos processos de compra e venda operados entre a Universidade do Ceará e os proprietários dos imóveis eram maleáveis. De que

maneiras essas aquisições eram percebidas por parte dos moradores que viam as propriedades compradas pela Universidade se avizinhandando das suas?

A Universidade do Ceará ao mesmo tempo em que ia se firmando fisicamente no Benfica, estava também inserindo no bairro e na cidade novos fluxos que estavam ligados à vida universitária que se formava a partir dela. Em informe publicado no Boletim da Universidade do Ceará, nº 8, referente aos meses de setembro e outubro de 1957, foi noticiada a realização dos primeiros Jogos Universitários, entre os dias 14 e 21 de setembro daquele ano, em trecho da notícia constava:

As competições foram realizadas no Ginásium Fênix Caixeiral e no Estádio Presidente Vargas, compreendendo disputas de futebol, vôlei masculino e feminino, basquetebol e futebol de salão. Para que todos os acadêmicos pudessem estar presentes aos jogos, o Egrégio Conselho Universitário deliberou a concessão de feriados durante a realização dos mesmos. (BOLETIM 8, 1957: 13).

Não possuindo um complexo que pudesse comportar os Jogos Universitários, a UC fez uso do espaço do “Ginásium Fênix Caixeiral” e do Estádio Presidente Vargas para a realização dos jogos. Seria outro exemplo em que a Universidade se inseriu num fluxo da cidade usando espaços que também eram partilhados por outros sujeitos. Além do uso, a Universidade do Ceará colocava sobre esses espaços a sua chancela de evento universitário. Ou seja, os jogos não aconteceram nas dependências da instituição universitária, mas foram denominados como Jogos Universitários, ao mesmo tempo em que o espaço da Fênix Caixeiral e do Estádio Presidente Vargas sediaram os jogos, a Universidade imputava sobre esses espaços formas diferentes de uso. Fazendo uso desses dois espaços também se fez um deslocamento das atividades que eram revezadas entre o “Ginásium Fênix Caixeiral”, no centro, onde estavam algumas unidades universitárias, e o Estádio Presidente Vargas, no Benfica onde estava a Reitoria, criando um fluxo que estava relacionado aos Jogos e à Universidade. O Ginásium Fênix Caixeiral era uma escola secundária voltada para o ensino técnico comercial (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1953: 269), desse modo, seus alunos não estavam inseridos diretamente na dinâmica do ensino superior, mas com a realização dos Jogos Universitários, foi inserida nesse espaço uma forma diferente de uso dele, o uso universitário. Os sujeitos que estavam ali praticando diversas modalidades esportivas eram também alunos da Universidade do Ceará.

No ano seguinte, a realização dos II Jogos Universitários contou com a presença de nove unidades acadêmicas que competiram em diversas modalidades esportivas. A solenidade de abertura dos jogos foi descrita no Boletim da Universidade do Ceará da seguinte forma:

Sob o patrocínio do Diretório Central dos Estudantes e da Federação Acadêmica de Desportos do Ceará, tiveram início, no dia 18 de outubro, os II^{os} Jogos Universitários, com a participação de nove unidades universitárias, partindo o cortejo da Praça da Bandeira pelas principais ruas da cidade até alcançar o Estádio General Eudoro Corrêa, da Escola Preparatória de Fortaleza. (BOLETIM 14, 1958: 11).

Chama a atenção o cortejo realizado para a abertura do evento. Partindo da “Praça da Bandeira”, sede da Faculdade de Direito e importante ponto de referência na região central de Fortaleza, tendo como destino o Estádio General Eudoro Corrêa, em frente à então Escola Preparatória de Fortaleza, atual Colégio Militar de Fortaleza. O referido estádio era localizado na Avenida Santos Dumont, naquilo que pode ser considerado como o limite entre o centro e a Aldeota. Nessa mesma edição, na página que antecede a notícia sobre os Jogos, há a seguinte fotografia:

Fotografia 4 – Desfile de abertura dos II Jogos Universitários do Ceará promovidos pelo Diretório Central dos Estudantes.



Fonte: Boletim da Universidade Federal do Ceará nº 14 (setembro – outubro) 1958 p. 10.

Observando a Fotografia 4, pode-se perceber que o momento escolhido pelo fotógrafo para a captura da imagem privilegiou tanto os estudantes de medicina,

quanto um momento em que havia significativo número de pessoas a observar o cortejo de abertura dos Jogos Universitários. Vale ressaltar as lambretas que representantes da Faculdade de Medicina estavam conduzindo acompanhando o cortejo. Para o período, possuir tal veículo representava alto poder aquisitivo. Tanto a produção dessa fotografia, quanto a sua escolha para constar nas páginas do Boletim da Universidade do Ceará estão também atreladas à essa intenção da instituição de se mostrar, localizar-se e ocupar determinados espaços em Fortaleza. Ao realizar um evento que congregava as unidades acadêmicas por meio do esporte, a Universidade do Ceará estimulava a interação entre os estudantes. Mas a interação não acontecia somente em âmbito interno, ao promover o referido cortejo de abertura do evento esportivo a Universidade era vista pela cidade, percorrendo as “principais ruas” até o estádio Eudoro Corrêa.

Seguindo a realização dos Jogos Universitários, em 1959 a Universidade do Ceará recebeu a segunda edição dos Jogos Universitários do Norte e Nordeste.

Os II Jogos Universitários do Norte e Nordeste, realizados em Fortaleza, de 10 a 15 de outubro, por ocasião dos festejos comemorativos do Centenário de nascimento de Clóvis Beviláqua, reuniram em nossa Capital delegações dos Estados de Pernambuco, Ceará, Pará, Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Norte, numa temporada das mais significativas para o esporte universitário de nossa terra. [...] Abrindo oficialmente os Jogos, desfilaram, pelas principais ruas das cidades, as representações participantes, realizando-se no Estádio Presidente Vargas, com a presença do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, Professores e universitários, o hasteamento do Pavilhão Nacional e o acendimento do Fogo Olímpico. O Gymnasium Universitário, inaugurado recentemente pela Universidade do Ceará, foi o local escolhido para os II Jogos Universitários do Norte e Nordeste do Brasil. (BOLETIM 20, 1959: 406).

Usando como justificativa o centenário de nascimento do jurista cearense Clóvis Beviláqua, Fortaleza foi escolhida para sediar a segunda edição dos Jogos Universitários do Norte e Nordeste. Aliada a esse fato estava também a inauguração do Gymnasium Universitário, o complexo esportivo da Universidade do Ceará, construído próximo à Reitoria, no Benfica. Vale ressaltar uma constância entre os três momentos aqui citados referentes à prática do esporte dentro da Universidade: a intenção de se firmar esse evento em um calendário definido dentro da cidade. Observando o que foi noticiado sobre esse evento nos anos seguintes, os Jogos Universitários ocorriam sempre entre os meses de setembro e outubro, contando com um cortejo que partia do centro da cidade, na Praça da Bandeira, e percorria as “principais ruas” até ser finalizado com o acendimento do “fogo olímpico”, normalmente no Estádio Presidente Vargas ou no Estádio Eudoro Corrêa, o que

representa o início das atividades esportivas. Havia a intenção de fixar essa data no calendário de eventos esportivos da cidade, tendo em vista que fora estabelecido um período fixo para a realização. O estabelecimento e a repetição da forma de celebração desse evento criaram um sentimento de incorporação dessa prática no cotidiano de Fortaleza. Desse modo, a Universidade não somente realizava os Jogos Universitários como também foi construindo uma espécie de calendário para as suas atividades e esse calendário era compartilhado e inserido na cidade. Ao se posicionar e se inserir em Fortaleza com a realização desses eventos, construía-se ao mesmo tempo o referencial sobre a própria instituição e sobre o lugar por ela ocupado.

No mesmo mês de outubro de 1959 foram inaugurados outros equipamentos da Universidade do Ceará que contaram com a presença do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek e do então Ministro da Educação, Clóvis Salgado, tais como: Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre; Gymnasium Universitário; Novo prédio da Faculdade de Direito; Hospital das Clínicas e Bloco Didático para a Escola de Agronomia (BOLETIM 20, 1959). Pensando especialmente, essas realizações abrangeram respectivamente a o Benfica; Faculdade de Direito, localizada mais próxima ao centro de Fortaleza; o Porangabussu¹⁵, onde se concentrariam a partir daquele momento os cursos da área de Saúde; e o que posteriormente passou a ser denominado por Campus do Pici, localizado no então bairro do Alagadiço. Ou seja, a Universidade do Ceará estava atuando em quatro frentes para se estabelecer especialmente em diversos pontos da cidade. Ao mesmo tempo em que as ações de construções e inaugurações possibilitavam a delimitação do território físico (os fixos) da Universidade, as solenidades e atividades culturais, artísticas e esportivas delimitavam e estabeleciam os fluxos.

Mark Gottdiener, ao analisar os escritos de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço urbano, faz uma síntese sobre as ideias que o sociólogo e filósofo francês havia construído e defendido sobre o espaço urbano da seguinte forma:

O espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais de posse de propriedade – ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação

¹⁵ Porangabussu é um bairro de Fortaleza, próximo ao Benfica no sentido sul. Sua ligação principal se dá por meio da Avenida José Bastos. Nesse bairro se estabeleceu aquilo que é denominado por Campus do Porangabussu e nessa unidade acadêmica estão concentrados os cursos que se enquadram na área de Saúde.

e da possibilidade social de engajar-se na ação. Isto é, num plano individual, por exemplo, ele não só representa o local onde ocorrem os eventos (a função de receptáculo), mas também significa a permissão social de engajar-se nesses eventos (a função da ordem social). (GOTTDIENER, 1993: 127).

Confrontando as afirmações da citação acima com os trechos de fontes citadas anteriormente, podem-se enquadrar as ações espaciais da Universidade do Ceará em Fortaleza em alguns pontos enumerados por Gottdiener. Ao se estabelecer no Centro com a Faculdade de Direito, no Benfica com a Reitoria e outros equipamentos universitários, no Porangabussu com a concentração dos cursos de graduação na área de Saúde e no Pici com a Escola de Agronomia, a UC estava se localizando fisicamente. Construindo novas dependências nesses pontos, a instituição estava intervindo fisicamente na configuração imobiliária daquele espaço no qual ela estava se inserindo. Com a promoção de eventos nesses espaços, a Universidade permitia o engajamento e a participação social.

Ao passo que esses equipamentos universitários eram utilizados pelos acadêmicos e também por pessoas de fora da instituição, esses lugares estavam sendo praticados e se transformando em espaços, seguindo a definição dada por Certeau, "espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 2011a.: 184). Desse modo, as construções que compunham e passaram a compor o corpo físico da Universidade do Ceará eram lugares construídos que se tornariam espaços ao serem praticados pelos sujeitos, fossem eles acadêmicos ou não. Essas práticas de espaço englobam um sem número de possibilidades, desde os alunos, professores e funcionários da instituição, até os sujeitos que não faziam parte do ambiente acadêmico, mas que por aquele espaço transitavam, entrando, saindo, construindo seus referenciais sobre aquela espacialidade que fazia parte do seu caminho, das suas atividades culturais, esportivas, artísticas, profissionais, educacionais, dentre várias outras possibilidades, pois, segundo Certeau,

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses "sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade", mas "não tem nenhum receptáculo físico". (CERTEAU, 2011a.: 163).

A prática dos espaços pelos sujeitos não obrigatoriamente segue as métricas estabelecidas arquitetônica ou urbanisticamente, os referenciais de espaço de cada sujeito é algo bastante individual, a relação entre os indivíduos e os espaços e edificações vai além da pedra e cal, entra na seara dos sentimentos, das sensibilidades e das sociabilidades. Foi tomado de empréstimo o título do livro de Maria Cecília Londres Fonseca (2009), *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*, no qual a autora defende que o tombamento de bens edificados não abarca as questões sociais que se estabeleceram e se estabelecem em torno de determinado bem. De certa maneira, ao tratar sobre os espaços, trata-se também das práticas e relações que se estabeleceram neles. Retomando Halbwachs (1990), os sujeitos laços de afetividade com as pedras, ou mais profundamente, com o solo (ASSMANN, 2011).

Esses equipamentos que foram construídos pela Universidade movimentavam não só a comunidade acadêmica, mas também o bairro e a cidade em que ela estava se inserindo. Os relatos orais, que compõem o corpo de fontes do presente trabalho, mostraram-se bastante importantes para a apreensão das impressões dos moradores do entorno da Universidade sobre os eventos e espaços construídos pela instituição. Ao ser indagado sobre as mudanças ocorridas no bairro e na cidade a partir da instalação da Universidade no Benfica, Cristiano Santos fez o seguinte relato:

Se modernizou, porque a própria Universidade, a própria mentalidade dos estudantes começou a modificar, logo tinha o Centro... Clube dos Estudantes Universitários, chamado Céu, eu era jovem, eu não tinha... eu não era universitário, mas eu fui muito através dos meus amigos que eram universitários e me colocavam pra dentro dos bailes. Então isso já foi uma coisa boa pra nossa juventude, né, esses bailes que aconteciam lá nós íamos muito, os jogos universitários, isso aqui começou a ter mais movimentação. (ENTREVISTA 1).

Com a realização desses eventos, a Universidade do Ceará ia se inserindo numa dinâmica do bairro e da cidade, ao passo que se pode afirmar que o caso de Cristiano Santos não foi isolado, é bastante provável que vários outros sujeitos partilharam desses espaços e eventos universitários. Outro morador do Benfica, Francisco de Assis Martins (“Seu” Assis), 71 anos, funcionário aposentado da UFC, – o contato inicial com ele se deu por meio da frequente pesquisa no *Memorial Martins Filho* (atual Memorial da UFC), do qual ele era o responsável – ao ser indagado se ele circulava nas dependências da Universidade e se participava dos eventos que aconteciam algumas lembranças vieram de forma bastante alegre:

Ora, rapaz, eu vivia ali, sem ser funcionário... Teve aqui os jogos universitários, rapaz, teve o campeonato aqui. Tinha uma fila que dava lá depois do restaurante, porque era gente demais, rapaz. Foi. Teve os jogos universitários brasileiros, aqui era bacana mesmo, várias modalidades, [eu] perdia não, eu era famoso. Só não ia pro lado dos vestiários ali, porque às vezes ia a turma que era o lado onde as meninas do voleibol trocavam as roupas, eu nunca fui porque eu tinha medo de ir. Eu tinha medo de subir do muro [risos].

[Entrevistador] *E vinha muita gente do bairro para esses eventos da Universidade, seu Assis?*

Vinha, rapaz, vinha. Vinha, aqui o... Nessa época que vinha muita coisa aqui para concha, tinha concerto, tinha balé, tinha teatro, a inauguração da TV Ceará teve uma coisa aí, umas peças, uns negócios de teatro. Depois não, foi que liberaram para negócio de calourada. Mas tinha... É como eu digo: mudou, mudaram os hábitos, né, o cerimonial, as coisas as estruturas, né Hoje é tudo é diferente. Tá tudo muito quadrado. (ENTREVISTA 2).

“Seu” Assis, em sua fala, aproxima-se bastante das impressões de Cristiano Santos, demonstrando que esse ambiente criado em torno e dentro da Universidade interferia na vida dos moradores, principalmente daqueles que eram jovens nesse período. Não só a Universidade estabelecia um calendário de atividades e equipamentos que comportassem essas atividades, mas também o Benfica e a Gentilândia estavam em meio a esses fluxos que ali estavam se firmando. A dinâmica de morar, de conviver e de circular nas vias do bairro passava a sofrer interferência da dinâmica universitária do ensino, das vivências estudantis e dos eventos acadêmicos.

As narrativas de Seu Assis e Cristiano Santos, corroboram, de certa maneira com a fala de Liberal de Castro sobre os equipamentos construídos pela Universidade. Houve a partir disso novos fluxos de eventos e de pessoas no Benfica e na cidade que até então se restringia ao Centro e a alguns clubes. Os espaços universitários trouxeram não só para os alunos, mas para a cidade a possibilidade de se participar de exposições, de recitais, de eventos esportivos, de concertos musicais, de peças teatrais, entre outras coisas. A instituição se localizava e se inseria na dinâmica da época e o Benfica era o bairro no qual a Universidade havia se fixado, desse modo foi se construindo, aos poucos, um referencial de que a Universidade do Ceará estava no Benfica e o Benfica era o lugar em que estava a Universidade do Ceará.

Além das unidades acadêmicas, do “Gymnasium Universitário”, da Concha Acústica, outros equipamentos também foram construídos pela Universidade do Ceará. Pode-se citar o Teatro Universitário (1964), o Museu de Arte da Universidade

do Ceará (1961) e os Centros de Cultura Estrangeira¹⁶. Esses equipamentos promoviam apresentações musicais, as peças teatrais encenadas por alunos e professores do curso de Arte Dramática da própria Universidade, as exposições de arte e os cursos de línguas e culturas estrangeiras. Tais ações inseriam a UC numa dinâmica de atividades que movimentava não só os acadêmicos, mas também a vizinhança e a cidade como um todo. Por meio dessas atividades a Universidade ia criando e ocupando espaços, tornando-se hegemônica numa cidade com escassas opções de equipamentos acadêmicos, culturais, artísticos e esportivos.

Outro ponto que se tornou referência e localizou a Universidade não só na cidade, mas também nacional e internacionalmente, foi a criação de órgãos e cursos voltados para o desenvolvimento do Nordeste. A principal justificativa de criação da Universidade do Ceará era promover o desenvolvimento¹⁷ do Nordeste. Com esse intento e alinhada à política desenvolvimentista de Vargas, a criação da UC viria como suporte para o Banco do Nordeste do Brasil (BNB). A parceria entre a Universidade e o BNB se fazia valer no sentido de que a primeira se encarregaria de capacitar pessoas para trabalhar no banco. Dessa aliança, muitos cursos e eventos, normalmente com as temáticas voltadas para o desenvolvimento do Nordeste, foram realizados nas dependências da Universidade. Professores e técnicos do BNB, da Food and Agriculture Organization (FAO) e de outras universidades do Brasil e do exterior vinham para Fortaleza a fim de ministrar cursos para capacitar pessoas que iriam trabalhar nas ações de resolução dos principais problemas do Nordeste: longos períodos de seca, fome e baixo desenvolvimento industrial em relação às regiões Sul e Sudeste. Em trecho extraído do Boletim da Universidade do Ceará número 17 há o seguinte relato:

MESA REDONDA COM O DR. CELSO FURTADO

Estêve hospedado na Reitoria da Universidade do Ceará, na primeira quinzena de março, o Dr. Celso Furtado, Diretor do Banco de

¹⁶ Os Centros de Cultura Estrangeira são órgãos que promovem, por meio da extensão universitária, cursos de língua e cultura hispânica (1962), germânica (1962), italiana (1963), britânica (1964), portuguesa (1964) e francesa (1968). (Cf. PLANO DE DESENVOLVIMENTO, 1966).

¹⁷ Segundo Fonseca (2012), Dentro do que se entende por desenvolvimentismo, essa política teria surgido nas iniciativas de Getúlio Vargas enquanto Presidente do Rio Grande do Sul, em 1928. Seus preceitos mesclam elementos nacionalistas, burocráticos, econômicos e industriais. O autor afirma que pode se dividir o desenvolvimentismo getulista em dois momentos: durante o primeiro governo (1930-1945); e durante o segundo governo (1951-1954). No primeiro momento houve um foco maior no crescimento da indústria de base nacional, com maior controle do Estado. O segundo momento se caracterizou pela criação de órgãos destinados à promoção do desenvolvimento e ao equilíbrio econômico dos estados brasileiros, tais como o BNDE e BNB. (Cf. BASTOS; FONSECA, 2012).

Desenvolvimento Econômico e Diretor Executivo da OPENO [Operação Nordeste], que veio a Fortaleza a fim de entrar em contato com técnicos e autoridades ligadas ao desenvolvimento econômico do Estado e expor as diretrizes gerais da Operação Nordeste. (BOLETIM 17, 1959: 6).

Celso Furtado foi um economista que esteve bastante próximo das ações de desenvolvimento regional do Nordeste. Foi presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e dirigiu a Operação Nordeste (OPENO) tendo sido nomeado por Juscelino Kubitschek. A visita de Furtado a Fortaleza e vários outros cursos e capacitações que foram promovidos por conta da parceria entre UC e BNB possibilitaram, além de marcar o seu lugar na cidade como uma instituição formadora de pessoal capacitado, também reforçavam a inserção do Ceará e, mais especificamente, de Fortaleza no contexto nacional do desenvolvimentismo. Os cursos, capacitações, palestras e eventos promovidos por meio dessa parceria, possibilitaram a criação de políticas, projetos que desenvolveram maneiras de atenuar os efeitos negativos das secas no Nordeste. O Projeto Asimow (implantado em 1961), que pretendia fortalecer o desenvolvimento industrial da região do Cariri cearense, figurou entre os mais importantes projetos. Sua idealização se baseou no programa desenvolvido pelo professor da Universidade da Califórnia, Morris Asimow, no qual foi feito um estudo aprofundado da região sul do Ceará, atentando para o capital humano que seria empregado nas futuras indústrias. Em outra frente, órgãos foram criados, tais como, o CEPRON (Centro de Produtividade do Nordeste), o PUDINE (Programa Universitário de Desenvolvimento do Nordeste, criado em 1962), o CETREDE (Centro de Treinamento de Desenvolvimento, criado em 1964) e o CAEN (Centro de Aperfeiçoamento dos Economistas do Nordeste, criado em 1966), desses órgãos foram formados profissionais e outros projetos que tinham no desenvolvimento do Nordeste o principal objetivo (MARTINS FILHO, 1990). Todos esses ocuparam prédios localizados no Benfica, colocando o bairro e a cidade no roteiro de eventos e de visitas de técnicos envolvidos nas referidas iniciativas.

O ponto de partida para formação do que hoje se denomina por Campus do Benfica foi a compra do "palacete" da família Gentil e a instalação da Reitoria nele. Ao se colocar naquele meio a Universidade encontrou um campo favorável às suas futuras expansões, pois o Benfica estava sendo esvaziado por parte das elites que ali viviam até então. A compra do "palacete" é um exemplo disso, tendo em vista que o referido imóvel era a principal propriedade da família Gentil, que tinha sua fortuna

construída por meio da produção de algodão, de negócios bancários e imobiliários (VIANA, 2007).

Tal movimento de migração foi feito em direção ao bairro da Aldeota ao leste do centro, como afirmam Jucá (2004), Oliveira (2005) e Pontes (2005). Segundo Oliveira, seria uma migração em busca de uma região que estivesse “mais a sotavento” (OLIVEIRA, 2005: 44). A busca por um ambiente no qual os ventos chegassem primeiro é uma ideologia que se expandiu por meio das reformas urbanísticas do século XIX na Europa (SENNETT, 2008). Segundo Sennett, nesse período um lugar saldável se caracterizava por ser arejado e por receber os ventos primeiro. Jucá (2004), por sua vez, não fala diretamente da ideologia urbano-sanitarista, mas sim de um fluxo migratório elitizado em direção ao novo bairro, a Aldeota, principalmente no Pós-guerra. Pontes, por sua vez, afirma que a migração para o lado leste em parte se deu pela intenção de se distanciar das classes mais pobres que se avizinhavam do Jacarecanga, mas também pela busca do *status* de lugar *chic* e o afamado clima ameno (2005: 79-87). Desse modo, o movimento empreendido em direção ao bairro Aldeota não representa exclusivamente a busca por um espaço salubre, mas também por um espaço que tivesse o *status* elitizado e que fosse destinado aos membros dessa elite. De certo modo, uma segregação social e espacial.

Entre os fatores atrativos e repulsivos dos bairros, a saída de pessoas com alto poder aquisitivo do Benfica, foi ao mesmo tempo um fator facilitador para a entrada da UC no bairro e a sua conseqüente expansão nesse território. É o que afirmou Oliveira:

Situado no Benfica, considerado um dos bairros elegantes da cidade, embora àquela altura já em declínio com o deslocamento das elites para o bairro da Aldeota, encarnava, na percepção da sociedade local, traços exteriores de manifestação de poder e ostentação. Imponente, com salas amplas, estava implantado em terreno de dimensões generosas, o que comportaria futuras ampliações. Embora um pouco afastado com relação ao centro da cidade, possuía situação privilegiada na estrutura urbana. Localizado na confluência de importantes eixos de circulação era facilmente acessível, principalmente através do centro da cidade, de onde recebia a cobertura do precário serviço de transporte coletivo em funcionamento. (OLIVEIRA, 2005: 44-46).

Ao instalar-se no Benfica, a Universidade do Ceará encontrou um ambiente favorável de diversas formas, tendo em vista que o imóvel adquirido para abrigar a Reitoria carregava consigo uma carga de poder e ostentação, até o momento da

compra por parte da UC, que representavam o lugar social que a família Gentil ocupava entre as elites cearenses. Outro ponto favorável era a estrutura urbana da região, mesmo precária, que contava com uma linha de ônibus e outra de bonde, água encanada e uma pavimentação razoável de suas vias. De fato, o Benfica estava passando por um processo de declínio em relação aos seus antigos habitantes que, os mais abastados, estavam se deslocando para a Aldeota. Oliveira salienta que a vinda da Universidade para o bairro teria atenuado, ou mesmo sanado, esse referido declínio ao afirmar que

A instalação da Reitoria [no Benfica] irá conferir novo valor de uso àquela área, acarretando a formação de um novo valor de troca para os terrenos situados no seu entorno e aquecendo o valor dos imóveis ali localizados no mercado imobiliário. Por este mecanismo a Universidade irá agregar valor a um produto depreciado e ao se transformar no seu principal comprador se tornará, também, o principal investidor em um mercado descapitalizado. (OLIVEIRA: 2005: 46).

Acrescenta-se à afirmação de que a Universidade do Ceará conferiu novo valor ao Benfica a noção de que o Benfica também acrescentou valores à instituição. A sua localização privilegiada, numa via de comunicação entre o centro de Fortaleza e a parte sul da cidade e os municípios que estavam nesse mesmo sentido, por meio da Avenida Visconde de Cauípe e, de certa forma, no eixo leste oeste pela Avenida Treze de Maio. Escapou ao autor que ao se fixar nesse ponto da cidade a Universidade do Ceará também se favoreceu daquilo que tinha a sua volta, para além das referidas facilidades de aquisição de imóveis, havia a localização da instituição às margens de duas importantes avenidas dentro de Fortaleza. Ao mesmo tempo em que ela se favorecia pela localização privilegiada, estando às margens dessas importantes vias urbanas, a Universidade era facilmente agregada às vistas daqueles que circulavam nessas direções. Segundo Oliveira,

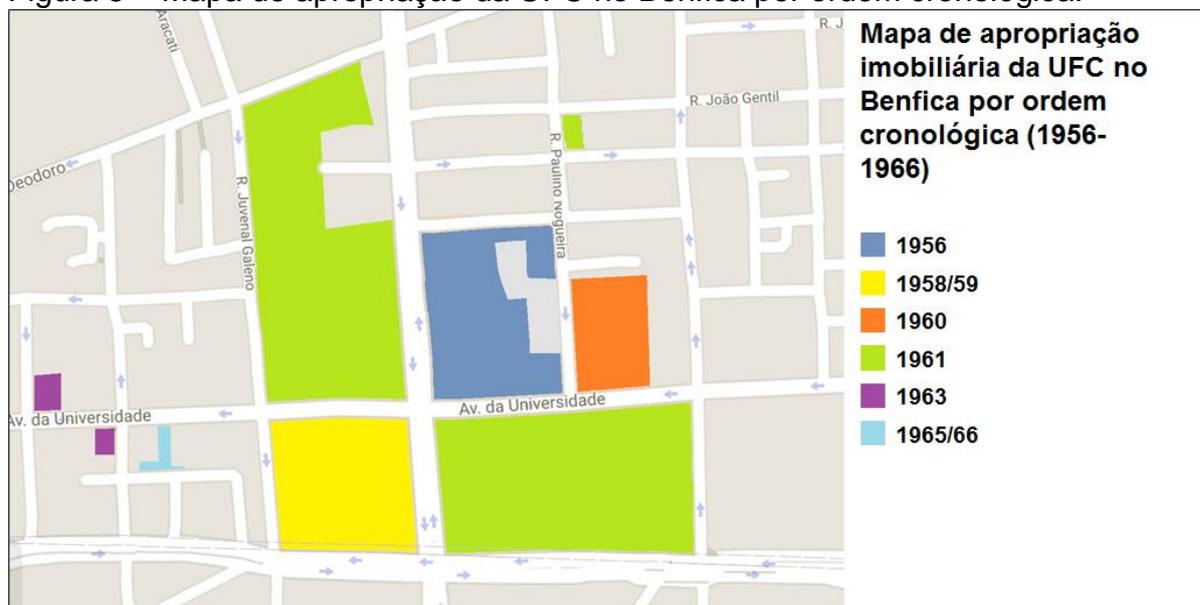
Com o passar do tempo, este local [a Reitoria] irá tornar-se o próprio ícone da Universidade. Em várias oportunidades e por diversos mecanismos este espaço será utilizado para afirmação da Universidade como estrutura autônoma de representação do poder central e demonstração de prestígio do seu dirigente, consolidando a imagem de sua autoridade externa e internamente. (OLIVEIRA: 2005: 46).

Quando Oliveira escreveu que com o passar do tempo a Reitoria ia se tornar ícone da Universidade, isso significa que no momento em que ela ali se instalou aquele imóvel era ícone de outra coisa, no caso, do poder econômico da família Gentil. Ao longo de alguns anos, esse mesmo imóvel passaria a ser ícone da instituição, sem

deixar totalmente de lado a memória referente aos proprietários anteriores, mas tornando-se a Universidade o referencial dominante. De que maneiras a Universidade do Ceará construiu esse referencial de Reitoria para o anterior palacete da família Gentil? Como o Benfica agregou a sua constituição urbana o referencial de bairro universitário?

Como se pôde perceber por meio das fontes citadas, a Universidade do Ceará atuou em diversas frentes, cultural, esportiva, artística, musical, educacional, tanto no que se refere às suas atividades acadêmicas, quanto para se localizar dentro de Fortaleza como uma instituição de ensino superior e ao passo em que ela se localizava e se inseria na cidade, os sujeitos iam, em ritmos e formas diferentes, apreendendo e percebendo o lugar ocupado pela instituição dentro da dinâmica urbana. Ou seja, a partir do momento em que se imputa aos espaços (ou lugares) novos imóveis, novas formas de circulação e convívio, as formas que essas mudanças são percebidas, apreendidas, incorporadas, (res)significadas e transgredidas por parte dos sujeitos acontecem de formas diferentes e diversas. Pode-se afirmar que a instalação da Universidade do Ceará no Benfica e, num sentido mais amplo, em Fortaleza, trouxe consigo modificações espaciais que também trouxeram formas diferentes de lidar com esses espaços por parte dos sujeitos.

Figura 5 – Mapa de apropriação da UFC no Benfica por ordem cronológica.



Fonte: Google Maps modificado pelo autor com base no Boletim da Universidade (Federal) do Ceará 1956-1966.

Fotografia 5 – Maquete das novas unidades instaladas em torno da Reitoria.



Fonte: Boletim da Universidade Federal do Ceará nº 59 (março – abril) 1966 p. 80

Visualizando a Figura 5 e a Fotografia 5 se pode notar o prédio da Reitoria ao centro, do lado direito funcionavam os Institutos Básicos (Química, Matemática e Física), ao fundo está a Residência Universitária; em frente à Reitoria estão os prédios do Museu de Arte, da Escola de Arquitetura, do Centro de Treinamento e Desenvolvimento Econômico (CETREDE), e da Imprensa Universitária; à esquerda abaixo está a Escola de Engenharia e o Clube do Estudante Universitário, no mesmo lado acima estão os blocos da Faculdade de Filosofia. Essa era a configuração do espaço ocupado pela Universidade do Ceará no entorno da Reitoria que se constituiu entre os anos de 1956 e 1966. Não se mostra possível ter uma representação com uma maquete de como esses espaços eram diferentes, em se tratando de um período anterior a 1956, mas excetuando-se o prédio da Reitoria e dos Centros de Cultura Estrangeira (que não estão representados na maquete), todos os outros foram construídos a partir dessa data. Num intervalo de dez anos, uma extensão de quase nove quarteirões foi modificada pelas ações diretas da Universidade. Ao passo que essa ocupação ia se dando e a instituição ia se afirmando a dinâmica do morar no Benfica ou na Gentilândia foi quebrada, posto que o convívio de vizinhança estava sendo perturbado pela circulação de estudantes, professores, funcionários e outros sujeitos que não estavam ligados diretamente ao meio acadêmico que vinham para esses bairros ver a Universidade ou participar de algum evento promovido por ela

Depois de 1966, a aquisição de imóveis no Benfica se mostrou bastante inviável. Segundo Liberal de Castro (2004), o número de pequenas residências e a quantidade de moradores tornava o processo de aquisição mais oneroso. Os imóveis com terrenos maiores haviam sido incorporados quase todos ao patrimônio da

Universidade, o que obrigaria, segundo o autor, a instituição a adquirir uma grande parcela de pequenas residências para poder fazer uma intervenção que comportasse o seu crescimento. O arquiteto José Neudson Braga, 79 anos de idade, professor aposentado da UFC, relatou sobre suas memórias do período em que a Universidade do Ceará estava se estruturando e se firmando em Fortaleza. Ele fez parte da Divisão de Obras dessa instituição, trabalhando junto com José Liberal de Castro – por meio dele foi possível o estabelecimento desse outro contato que agregou mais impressões arquitetônicas. Tratando sobre as dificuldades de continuidade na aquisição de imóveis no Benfica, ele construiu uma narrativa bastante detalhada:

Começaram as dificuldades de você ter continuidade, comprava um aqui, comprava outro ali e dificultava. Começou também um pouco, das pessoas falarem: bom, isso [o imóvel] vale muito, é pequeno mas vale mais. Então começou a exploração também dos preços, aviltar os preços e tal. Nesse instante, aí nós já éramos arquitetos da Universidade, eu e o Liberal, a gente começou a conversar sobre essa impossibilidade de você ter esse sonho realizado... Que ele [Martins Filho] dizia assim: era o vértice da Universidade seria a Faculdade de Direito, unidade onde ele... né? Aí vinha todo aquele processo até o canal [Avenida Eduardo Girão], cruzando as Avenidas com os prédios da Universidade e tal. E a gente começou a dizer pra ele: olha, é um sonho um pouco complicado. Vamos mostrar a inviabilidade disso. E começamos a fazer um levantamento sumário. Fomos pro IBGE, começamos a ver problemas de população, de censos, etc. Chegamos à conclusão que naquela região que ele imaginava que seria a Universidade, havia uma população de aproximadamente a população da cidade de Iguatu. Você tinha que desalojar uma população dessa e ainda derrubar as casas pra construir. A maioria eram casas estreitas. (ENTREVISTA 6).

Pela narrativa de Neudson Braga, como prefere ser chamado, pode-se perceber que havia a vontade de Martins Filho para concentrar os equipamentos universitários no Benfica. Ao passo que a Universidade se aproveitou da facilidade de compra dos grandes imóveis no início, depois de certo tempo grande parte dos imóveis restantes eram pequenas residências. Outro fator que deve ser levado em consideração é o valor imobiliário que a instalação da Universidade agregou aos imóveis do bairro. Desse modo, o foco de construção e expansão passou a ser no Alagadiço, formando-se o Campus do Pici.

Ao tratar sobre a mudança do foco das construções do Benfica para o Alagadiço – o que viria a ser o Campus do Pici – Neudson Braga traçou um paralelo bastante interessante com a conjuntura política da época:

A ideia de transferir o foco das expansões do Benfica para o Pici foi muito bem aproveitada pela Revolução, na minha cabeça, não foi essa a intenção direta, mas ela foi muito bem aproveitada. A ideia do Pici ser lá longe pra segregar, não era bem isso, porque nós participamos do trabalho, a intenção

era outra, mas se presta pra isso. Existe uma coisa que é a intenção e outra é você aproveitar uma circunstância e dela se valer disso. Você ter uma situação de domínio, onde você cerca e está dominado, é uma coisa, a dispersão no Benfica era mais fácil, eram muitas saídas, no Pici era mais difícil, era uma, duas saídas. Mas não houve essa intenção de fato, não foi uma diretriz. (ENTREVISTA 6).

As memórias de Neudson Braga relativas à transferência no foco das construções do Benfica para o Pici estão ligadas às dificuldades na aquisição dos imóveis. Mas ao mesmo tempo, para ele, o contexto da Ditadura Militar no Brasil, se aproveitou dessa mudança espacial. Enquanto no Benfica havia uma facilidade maior de dispersão dos movimentos e a conseqüente fuga dos envolvidos, no Pici, por ser um espaço fechado com menos entradas e saídas, o controle sobre os estudantes seria mais facilitado. Para ele, não teria sido uma intenção direta do governo militar a mudança para o Pici, mas foi aproveitada para facilitar o controle sobre o movimento estudantil. A narrativa construída por Neudson Braga está bastante atrelada ao ambiente de trabalho vivenciado por ele, isso fica perceptível quando ele nega a intencionalidade do governo da época ao afirmar a sua participação e de seus colegas nos trabalhos de expansões tanto no Benfica, quanto no Pici.

Ítalo Gurgel, 67 anos de idade, jornalista aposentado do jornal O Povo, professor aposentado da UFC, assessor de comunicação do atual Reitor e primeiro assessor de imprensa da instituição. Foi morador do Benfica entre 1964 até o final da década de 1970, foi aluno da Faculdade de Letras da referida universidade entre 1965 e 1969. Das suas vivências enquanto morador e estudante, ao ser indagado sobre a expansão da Universidade no Benfica, relatou:

Como eu estava dizendo, havia essa ameaça de sermos praticamente despejados, porque parecia que aquelas aquisições de imóveis eram compulsórias e nós teríamos que nos mudar dali, mas isso nunca se concretizou, suponho que por conta já do projeto da Ditadura de instalar o campus fora da cidade, longe da cidade, que era um modelo de campus norte-americano que tem suas vantagens, sem dúvida nenhuma, no sentido de aglutinar unidades acadêmicas das mais diversas, inclusive com residência estudantil que só agora tem no Pici. Aglutinar e com isso criar um ambiente acadêmico, um ambiente universitário, um espírito universitário de convivência 24 horas. Mas pra Ditadura tinha também a vantagem de afastar os perigosos estudantes do Centro da cidade e assim reduzir as possibilidades de manifestações e tudo mais. Então, ao que parece, pouco a pouco, a Universidade se desinteressou do Benfica e passou a investir tudo que a Ditadura disponibilizava em recursos para a construção do campus [do Pici], tanto que ele é contemporâneo de tantos outros campi semelhantes em outras capitais brasileiras, com as mesmas características, até arquitetônicas, até são assemelhados todos eles. Que é um modelo de campus norte-americano que vem do início do século XX quando o ensino universitário

começou a crescer nos Estados Unidos e aumentar a demanda, foi que eles bolaram aquele estilo de espaço acadêmico. (ENTREVISTA 7).

Ao narrar sobre suas memórias enquanto morador do Benfica e estudante da UFC (nomenclatura adotada a partir de 1965), Ítalo Gurgel salientou a possibilidade de despejo da residência em que morava com os pais. Essa informação sobre a compra ou apropriação dos imóveis no bairro por parte da Universidade se mostra como uma memória das vivências naquele ambiente, isso se mostra com a incerteza no que diz respeito ao processo de aquisição quando ele diz que “parecia que aquelas aquisições de imóveis eram compulsórias”. O tipo de aquisição a qual se referiu Ítalo Gurgel é uma forma na qual o poder público pode tomar posse do imóvel, desapropriando os residentes (BURLAMAQUE, 2006). A noção que ele tinha da forma que as compras dos imóveis estavam sendo feitas por parte da Universidade era, provavelmente, do que se falava nas ruas e na mercearia de propriedade de seu pai, de certa forma, a ação da instituição no bairro estava causando tensões no que se refere à interferência dessa nas residências. Confrontando com o relato de Liberal de Castro sobre as nuances que existiam entre o que era documentado e as negociações de fato. Pode-se dizer que, de alguma forma, a ideia de que a Universidade estava se apropriando de forma brusca dos imóveis no Benfica se espalhou mais do que os acordos de compra e venda eram firmados nas entrelinhas. Tendo se apropriado de forma abrupta ou não, a expansão dos domínios da Universidade suscitou, por parte de alguns, temores em relação às suas propriedades e ao possível despejo.

Diferentemente do que relatou Neudson Braga, para Ítalo Gurgel o principal fator da concentração dos esforços de expansão da UFC terem se focado no Pici teria extrema relação com a vontade do governo militar em controlar os movimentos estudantis e afastá-los do Centro. Mesmo tendo experiências institucionais enquanto funcionário da Universidade Federal do Ceará, suas impressões e memórias sobre a construção do Campus do Pici se mostram bastante diferentes das de Neudson Braga. O historiador Rodrigo Patto Sá Motta, em seu livro *As Universidades e o Regime Militar*, debruçou-se sobre o contexto político da Ditadura Militar e como isso se mostrou dentro dos ambientes acadêmicos, para além da polarização: resistência e opressão (2014). Segundo Motta, o processo de modernização empreendido pelo Governo Federal, por meio do MEC (Ministério da Educação) vinha acompanhado de um controle maior. Ao passo que se imitava, em certa medida, o modelo norte-americano de universidade, com a extinção das cátedras, com a criação dos

departamentos, do sistema de créditos, da construção dos campi afastados dos centros das cidades, etc., o governo fazia uso disso como forma de controle. Com o fim das cátedras poderia haver rotatividade de professores numa mesma disciplina, com o estabelecimento dos departamentos houve a diminuição da autonomia dos cursos, o sistema de créditos quebrou o grupo coeso que se formava nas turmas que se mantinham as mesmas durante todo o curso e a construção dos campi em áreas distantes dos centros das cidades afastava os movimentos estudantis do cotidiano urbano (MOTTA, 2014). As construções novas com espaços para futuras ampliações e o investimento na estrutura de alguns cursos possibilitou a modernização, mas ao mesmo tempo o convívio e o próprio ensino passaram a ser controlados por meio de órgãos dentro das universidades, como a Assessoria Especial de Segurança e Informação (AESI) entre outros. Segundo o relato de Neudson Braga, a AESI também foi instalada na UFC e ocupava uma sala no prédio da Reitoria.

Pode-se dizer que a expansão do campus da Universidade Federal do Ceará no Benfica foi tolhida em dois pontos: no espacial, com a dificuldade de compra dos imóveis; e no político, com o interesse por parte do Governo Federal em concentrar os estudantes numa região mais distante do Centro, nesse caso, o Pici. Mesmo com essas dificuldades, o Benfica permaneceu abrigando a Reitoria, Pró-Reitorias, alguns órgãos administrativos, os principais equipamentos culturais e algumas unidades acadêmicas e seus respectivos cursos. Além disso, o referencial que se construiu em torno desses equipamentos, da instituição e do bairro se mantiveram e se fazem presentes na atualidade. Como esses equipamentos universitários se tornaram referenciais físicos e simbólicos para a instituição, para o bairro e para a cidade?

3.2 Referenciais físicos e simbólicos

Juntamente com a construção e aquisição de imóveis nos arredores do Benfica estabeleceram-se também eventos, atividades, formas de convívio e circulação que se deram em torno e no interior dessas edificações. Desse modo, essas construções e ações fizeram parte na formação desse referencial universitário. Entende-se que os espaços e as edificações comportam formas de convívio e sociabilidades que escapam ao seu traçado arquitetônico (CERTEAU, 2011a).

Ao se instalar no Benfica a partir da compra da Reitoria, a Universidade do Ceará passou a adquirir outros imóveis que possibilitassem a instituição se estruturar

e se firmar. As residências de grandes proporções que margeavam a então Avenida Visconde de Cauípe foram, aos poucos, servindo às unidades administrativas e acadêmicas da recém-criada instituição. Em alguns desses casos o estilo arquitetônico foi mantido, modificando-se o interior de acordo com as necessidades. A composição desses imóveis, que foram construídos com a finalidade residencial, sofreu mudanças para comportar órgãos universitários. A Reitoria é um exemplo de manutenção no estilo arquitetônico.

Sede da Reitoria da Universidade do Ceará, situada na Avenida Visconde de Cauípe, nº 2853. No primeiro plano do bloco principal – cuja fachada se vê na fotografia abaixo – encontram-se o Salão Nobre, o Salão de Reuniões do Conselho Universitário, Divisão de Contabilidade, Tesouraria, Portaria e Cantina. Nos altos, acham-se instalados o Gabinete do Reitor, Secretaria-Geral, Secções de Pessoal e Expediente, Divisão de Obras e Engenharia, Divisão de Material, Consultoria Jurídica, Direção e Redação da Imprensa Universitária. Do conjunto do prédio ainda fazem parte luxuosos e confortáveis apartamentos, destinados à hospedagem de professores e visitantes ilustres. Ao lado esquerdo, em edificações menores, funcionam as Oficinas e Almoarifado da Imprensa Universitária. O terreno onde está localizada a sede da Reitoria, com duas esquinas e três frentes, mede 100,40 mts. na Avenida Visconde de Cauípe, 173,50 mts. na rua Treza de Maio e 96 mts. na rua Nossa Senhora dos Remédios, perfazendo um total de 15.792 m² de área, sendo 1.567 m² de área construída. (BOLETIM 1, 1956: 6).

Fotografia 6 – Fachada da Reitoria da Universidade do Ceará.



Fonte: BOLETIM 1, 1956: 6.

Comparando as Fotografias 2 e 6 se pode notar que as modificações feitas no imóvel se restringiram à retirada de algumas árvores que estavam à frente da residência, provavelmente para deixar livre a visão da fachada do prédio que a partir

daquele momento abrigaria a Reitoria da Universidade do Ceará. Na leitura do texto que acompanha a fotografia não se fez nenhuma menção à antiga serventia do imóvel, nem aos proprietários. O silêncio referente a isso pode ser interpretado de duas formas: uma, que o conhecimento sobre o palacete, seus antigos donos e o que esse imóvel representava no bairro e na cidade era algo bastante firmado; outra, seria a intenção da Universidade do Ceará em construir uma memória e um referencial para esse imóvel que estivesse ligado somente à referida instituição. Pensando no Boletim e na narrativa nele contida (assunto tratado com maior profundidade no terceiro capítulo), pode-se dizer que a intenção por trás do escrito era de consagrar uma memória referente à Universidade do Ceará, ou seja, aquele prédio passaria a ser a Reitoria e, para a instituição, o que importava era o que se faria e se construiria a partir daquele momento. O espaço que a administração da Universidade estava ocupando era, anteriormente, símbolo do poder aquisitivo da família Gentil, juntamente com outras vizinhas, configurava a característica elitizada do Benfica. Aquela que havia expressado o poder econômico de seus antigos proprietários deveria expressar o poder do saber, da produção de conhecimento, da centralidade de uma universidade que estava se estabelecendo. Desse modo, os Boletins, as fotografias, as narrativas construídas em torno da construção e expansão da Universidade do Ceará estavam em acordo para a formação de uma memória da instituição, o que interessava estava acontecendo e aconteceria a partir daquele momento.

A Reitoria passaria a ser não somente o centro administrativo da Universidade do Ceará, mas também o lugar dos principais eventos, solenidades e recepções importantes por alguns anos, enquanto outros equipamentos não estavam estruturados para isso.

11 de agosto na Reitoria. Os estudantes cearenses foram homenageados pela Reitoria da Universidade do Ceará, por ocasião da passagem do dia que lhes é consagrado – 11 de agosto, data que assinalou também o 25º aniversário do Centro Estudantil Cearense, a quem foi dedicada a recepção. Alunos dos mais diversos estabelecimentos de ensino compareceram à reunião, que contou, ainda, com a presença da srta Iraciara Barros Leal, Rainha dos Estudantes. (BOLETIM 2, 1956: 7)

É perceptível a intenção da Universidade de se posicionar entre as demais instituições de ensino de Fortaleza. Tal intento pode ser atestado pela inserção da Universidade do Ceará nas comemorações do dia do estudante, tais festejos pareciam movimentar bastante a cidade, pois ocuparam várias páginas do periódico impresso

Gazeta de Notícias. A primeira referência feita ao evento ocorrido em 11 de agosto de 1956 apareceu na publicação do dia 7 de junho (quinta-feira) do referido ano, – pouco mais de dois meses antes das comemorações – as referências ao evento se seguiram até o dia após às festividades, apareciam no impresso quase que diariamente e ocupavam, em alguns casos, mais de uma página. Entre os eventos que faziam parte da programação do dia do estudante, a escolha da Rainha dos Estudantes ganhou bastante destaque no periódico *Gazeta de Notícias*. Várias páginas foram usadas para apresentar as candidatas ao cargo para o público leitor. A entidade organizadora dos festejos do dia do estudante era o Centro Estudantil Cearense (CEC)¹⁸. Segundo o historiador Altemar da Costa Muniz, os festejos de comemoração do dia do estudante era um dos principais eventos promovidos pela entidade, que no mesmo dia também comemorava o aniversário de sua criação (2004: 79-107). A importância é percebida com o considerável número de páginas e referências que foram feitas em seguidas edições do jornal *Gazeta de Notícias*. Mesmo a entidade não tendo a mesma força que tivera durante o período do Estado Novo, a sua representatividade juntamente aos estudantes cearenses ainda se mantinha. O CEC não foi somente mencionado nos relatos publicados no Boletim da Universidade do Ceará referente aos meses de agosto de setembro de 1956, como à entidade estudantil foi dedicada a recepção preparada na Reitoria da Universidade. Nos escritos do boletim ainda constou a citação do nome completo da Rainha dos Estudantes (Iraciara Barros Leal), um dos maiores símbolos das comemorações do dia do estudante.

A inserção da Universidade do Ceará nessas comemorações atesta o interesse de sua administração em se inserir na dinâmica dos eventos estudantis da cidade. Ao trazer a comemoração para o espaço da Reitoria a Universidade não somente cedeu sua sede administrativa para a realização do evento, mas também incorporou o evento ao que ela própria julgou como pertencente à vida universitária, agregou grupos que ultrapassavam os domínios acadêmicos e incorporou-se num evento já consolidado entre os estudantes. A realização da festividade na Reitoria e a homenagem prestada pela Universidade ao CEC podem ser interpretadas como a tutela do evento por parte da instituição de ensino superior. A narrativa construída sobre esse evento intentou

¹⁸ Essa instituição foi fundada no dia 11 de agosto de 1931 e, segundo Muniz, teve forte influência na política local, recebendo apoio de diversos setores: instituições de ensino, chefes políticos locais, empresários e a igreja Católica. Ainda segundo o referido autor, a partir de 1943 o CEC começou a rivalizar com a União Estadual dos Estudantes (UEE), filiada à União Nacional dos Estudantes (UNE), que congregava somente os estudantes de nível superior do Estado do Ceará. (Cf. MUNIZ, 2004).

colocar a Universidade do Ceará como uma coadjuvante, que estava ali prestando uma homenagem e cedendo o espaço, mas ao paço que entre os cinco nomes citados que tiveram a palavra durante o evento, três deles eram de dentro da UC, pode-se dizer que a recém-criada instituição de ensino superior estava num patamar de maior importância. Sendo os festejos do dia do estudante um evento corriqueiro, importante e já presente no calendário de eventos da cidade, havia naquele momento uma memória construída acerca dessa ação promovida pelas entidades estudantis, especificamente a CEC e a UEE. Ao se vincular a essa comemoração a Universidade do Ceará teria a intenção de se vincular também às memórias consolidadas referentes às atividades estudantis em Fortaleza. Ao mesmo tempo, consolidava-se também o espaço da Reitoria como promotor desse evento, não era somente a Universidade prestando uma homenagem ao CEC, mas era o evento acontecendo nas dependências da referida instituição, no Benfica.

Na mesma edição do Boletim da Universidade do Ceará, havia uma fotografia da lateral do prédio da Reitoria com a legenda “Fachada lateral do prédio em que funciona a Reitoria da Universidade do Ceará, onde esteve hospedado o Excelentíssimo Senhor Presidente Juscelino Kubitschek” (BOLETIM 2, 1956: 4). A hospedagem de JK na Reitoria foi, em parte, justificada pela ausência de hotéis em Fortaleza, apropriados para receber a comitiva. Por outro lado, foi bastante interessante para a visibilidade da Universidade em Fortaleza, a importância dada à instituição teria valor agregado com a presença do então Presidente da República. Paulo Aragão narrou em seu livro que o Benfica estava no roteiro dos políticos de passagem por Fortaleza em época de campanha ou de visitas à cidade.

No decorrer da campanha, os candidatos a cargos eletivos, quando vinham ao Ceará, desembarcavam no aeroporto velho e desfilavam em carro aberto, tendo como rota natural a Avenida João Pessoa. Nas esquinas do cruzamento dessa avenida com a Rua Padre Francisco Pinto, havia a maior aglomeração de pessoas, principalmente moradores das Ruas Carapinima, Dom Jerônimo, Joaquim Feijó e de outras ruas de bairros adjacentes. Avisados pelas emissoras de rádio, acorriam ao local, num alvoroço incomum. Disputava-se nas calçadas o melhor lugar para ver essas personalidades.

[...] A despeito disso, candidatos de carisma comparável ao de Juscelino Kubitschek, quando de sua passagem por aquela avenida, levavam o povo ao delírio, fazendo-se necessária a formação de cordões de isolamento. (ARAGÃO, 2006: 157-158).

O Benfica, segundo Aragão, seria um espaço do qual os candidatos usavam para se aproximar dos pretensos eleitores. Não foi feita nenhuma menção direta à

Reitoria como o lugar que hospedou Juscelino Kubitschek, mas a presença do então Presidente da República nas dependências da Universidade do Ceará inseriram esse espaço no roteiro de visita dos políticos do período. Sucessivos presidentes, governadores, ministros, entre outros cargos políticos tinham como um dos pontos de passagem a Reitoria. A presença desses sujeitos – que eram conhecidos de grande parte dos fortalezenses – nesse espaço pode ser considerada como impulsionadora na construção de um referencial Universitário para o prédio da Reitoria.

Em abril de 1958, a décima quarta edição do Salão de Abril¹⁹ ocupou alguns salões da Reitoria da Universidade do Ceará. O evento de artes plásticas estava consolidado no calendário de exposições artísticas de Fortaleza, ocorrendo anualmente, salvo alguns hiatos, desde 1943.

A 10 de abril, no Salão Nobre da Reitoria, realizou-se a solenidade de instalação do XIV Salão de Abril, tradicional exposição de artes plásticas promovida anualmente em Fortaleza e agora sob o patrocínio da Universidade. O ato contou com o comparecimento de autoridades, intelectuais, artistas e outras pessoas gradadas, que apreciaram os belos trabalhos expostos. [...] A entrega dos prêmios aos vencedores efetuou-se no dia 30 de abril, contando com a presença do Ministro Paschoal de Carlos Magno, Oficial de Gabinete da Presidência da República, sendo conferidos aos artistas Floriano Teixeira, Patrícia Tattersfield, Goebel Weyne, Zenon Barreto e J. Liberal de Castro. (BOLETIM 11, 1958: 8).

No catálogo da exposição dessa mesma edição do Salão de Abril constava o seguinte texto de apresentação:

A SOCIEDADE CEARENSE DE ARTES PLÁSTICAS apresenta ao público de nossa terra o seu XIV SALÃO DE ABRIL. Essa tradicional mostra de arte, que tanta repercussão tem obtido em todo o País, mercê do trabalho construtivo e realizador dos nossos pintores e desenhistas, recebe agora o alto e desvanecedor patrocínio da UNIVERSIDADE DO CEARÁ, o que sem dúvida dá à prestigiosa exposição singular importância, colocando-a decisivamente entre os movimentos de cultura de maior projeção e significação no Estado. (CATÁLOGO, 1958: 2).

Analisando os dois extratos, as narrativas foram feitas em momentos diferentes, tendo em vista que a escrita do Boletim, como de costume, está num tempo posterior à realização do Salão e o texto de apresentação do Catálogo abre o índice

¹⁹ O Salão de Abril é um evento de artes plásticas que acontece em Fortaleza desde 1943. Sua organização inicial foi por parte da União Estadual dos Estudantes, mas com o passar dos anos o controle do Salão passou pelas mãos de organizações artísticas como a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e pelas mãos do poder público municipal. É um evento anual, com alguns intervalos desde a primeira edição, mas se consolidou na cidade como uma importante mostra de artes plásticas em nível nacional com exposição de artistas conhecidos nacional e internacionalmente. (Cf. ESTRIGAS, 2009).

de autores e obras expostas, o tempo em que sua escrita se encontra precede o evento, mas destinado à leitura no momento presente da exposição, entre os dias 10 e 30 de abril de 1958. Além dos aspectos textuais, a parceria firmada nesse ano entre a Universidade do Ceará e a SCAP para a realização do Salão de Abril, entra nas iniciativas da instituição de ensino em se inserir na cidade também por intermédio do meio artístico. A Universidade se inseria no fluxo das exposições de artes plásticas da cidade, sendo o espaço para a realização do evento e patrocinadora dele.

A partir de 1956, a Reitoria da Universidade do Ceará, no Benfica tornou-se o espaço em que a instituição se mostrava para si mesma e para a sociedade. Com a realização de solenidades, de festividades, de cerimônias de colação de grau, de recepção de convidados ilustres dos meios político, acadêmico ou artístico. O nome “Reitoria” foi se inserindo na dinâmica cotidiana do fortalezense a ponto de, com as devidas ressalvas, tornar-se um referencial de espaço de conhecimento geral.

O edifício-sede da Reitoria integrou-se à paisagem arquitetônica fortalezense como marca inconfundível da instituição. Na cidade, nasceram e cresceram novas universidades, todas, é claro, mantendo sedes de comando. Entretanto há apenas uma *Reitoria*, somente o palácio-sede da *Reitoria* da Universidade Federal do Ceará. A um pedido de informação orientadora, basta dizer – é perto da Reitoria, fica depois da Reitoria. A um motorista de táxi, basta solicitar – leve-me à Reitoria. (CASTRO, 2004: 221).

A afirmação de Castro de que a Reitoria se tornou um referencial de localização na cidade condiz com a realidade. Ao utilizar o transporte público em qualquer cidade, muitas vezes se faz necessário usar um ponto de referência que não seja somente o nome de uma rua e o número do imóvel. O prédio da Reitoria da Universidade Federal do Ceará é um ponto de referência nos deslocamentos feitos em Fortaleza. Quando se menciona “Reitoria” o referencial de espaço estabelece relações com as memórias referentes à localização na cidade e rapidamente um sujeito que circule pela cidade, por meio de transporte particular ou público, saberá, muito provavelmente, onde fica esse estabelecimento. Saber a localização da Reitoria e usá-la como ponto de referência ao se movimentar pela cidade, não indica se saiba o que é uma Reitoria. Retomando a ideia de Certeau (2011a) de que os espaços são construídos, delimitados, regradados e controlados por meio da arquitetura, das normas de circulação, mas os sujeitos, ao fazerem uso desses espaços imputam significados que ultrapassam as métricas. Ou seja, enquanto a Universidade ali firmou sua Reitoria e a organização urbana deu nome à avenida e número ao imóvel, os sujeitos tomam

para si esse espaço como referencial de localização, sem precisar saber o que é uma Reitoria, o que é uma Universidade, qual o número ocupado por ela na Avenida da Universidade. De certa forma, o que se construiu em torno desse prédio por meio das vivências dos sujeitos na cidade, ultrapassa a instituição e suas funções. Há vários referenciais convivendo numa mesma Reitoria, desde o sujeito que tem esse espaço como norteador para descer no ponto do ônibus até aquele que trabalha em suas dependências.

O conjunto arquitetônico que compreende o que passou a ser denominado por Campus do Benfica é uma mescla do que se define por Arquitetura Eclética e Arquitetura Moderna. Ambos demarcaram a paisagem do bairro não só fisicamente com os equipamentos acadêmicos, administrativos, culturais e esportivos da Universidade Federal do Ceará que se construíram no entorno da instituição, mas também demarcaram a própria instituição. O convívio dialógico entre os estilos arquitetônicos caracteriza grande parte do imobiliário universitário do bairro.

A Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre, o Gymnasium Universitário e o Clube do Estudante Universitário, são as primeiras edificações que seguem a Arquitetura Moderna. Segundo Leonardo Benevolo (2005),

A arquitetura moderna é a busca de um novo modelo de cidade, alternativo ao tradicional, e começa quando os “artistas” e os “técnicos” – chamados a colaborar com a gestão da cidade pós-liberal – se tornam capazes de propor um novo método de trabalho, libertado das anteriores divisões institucionais. (BENEVOLO, 2005: 615).

O autor afirma que esse estilo arquitetônico foi desenvolvido com base no chamado “racionalismo arquitetônico” que pretendia edificações limpas de ornamentos, com foco em sua funcionalidade, atentando para a livre circulação, iluminação natural e ventilação. A Arquitetura Moderna ganhou força após a Primeira Guerra Mundial, principalmente após a crise de 1929. Amparados no contexto de mundo em crise, os arquitetos expoentes dessa vertente (Walter Gropius, Mies van der Rohe e Le Corbusier) disseminaram esse estilo pelo mundo com projetos de edifícios e também urbanísticos. No Brasil, a principal influência da Arquitetura Moderna foi Le Corbusier. Dos arquitetos formados no Brasil, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa são as principais referências. A partir de meados da década de 1930, as primeiras edificações seguindo esse estilo foram surgindo no Brasil (BENEVOLO, 2001), concentradas principalmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Os projetos de construção da Concha Acústica, do Gymnasium Universitário e do Clube do Estudante Universitário foram fruto de um concurso promovido pela própria Universidade do Ceará em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP). Na edição número 7 do Boletim da Universidade do Ceará, em seu texto de apresentação da edição trouxe a fotografia maquete do projeto de construção da Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre. O projeto foi desenvolvido por um casal de arquitetos, alunos da FAU, Fábio Kok de Sá Moreira e Ruth Kok de Sá Moreira que participaram de um concurso de projetos entre os outros alunos da referida faculdade, sendo os vencedores. Esse intercâmbio com a USP também rendeu o projeto e construção do “Gymnasium Universitário” e Clube do Estudante Universitário feito pelos mesmo arquitetos (JUCÁ NETO, 2011; BOLETIM 7, 1957: 3-5; BOLETIM 12, 1958: 9). Ambos seriam inaugurados em 1959, na ocasião da realização do II Jogos Universitários do Norte e Nordeste. A Concha Acústica não só seria um espaço acadêmico com as solenidades e refeições de grau, como também inseriria a Universidade do Ceará no fluxo de apresentações musicais e teatrais. Com capacidade para três mil pessoas sentadas, era o maior teatro ao ar livre de Fortaleza. Ítalo Gurgel, ao relatar uma viagem feita a Fortaleza, quando criança, lembra da visita feita à Concha Acústica:

Eu me lembro que uma vez quando eu ainda morava em Mossoró, visitei Fortaleza como adolescente, uma das grandes atrações de Fortaleza era a novíssima Concha Acústica, era uma visita obrigatória e a gente se encantava com aquele equipamento e realmente ele foi muito utilizado, durante muito tempo, pra concertos e palestras. Fazia parte do roteiro turístico de visitação a Fortaleza. Eu acho que tudo isso sinaliza esse projeto de tornar o Benfica o grande campus da Universidade, daí as aquisições subsequentes, o local onde funcionaram os Institutos [Básicos], das Casas de Cultura, uma ou outra residência estudantil que já se instalou por ali, o Restaurante, o Conservatório [de Música Alberto Nepomuceno], o Teatro Universitário, o Conservatório não é da Universidade mas ocupa um prédio da UFC, e tudo mais que até hoje está ali. (ENTREVISTA 7)

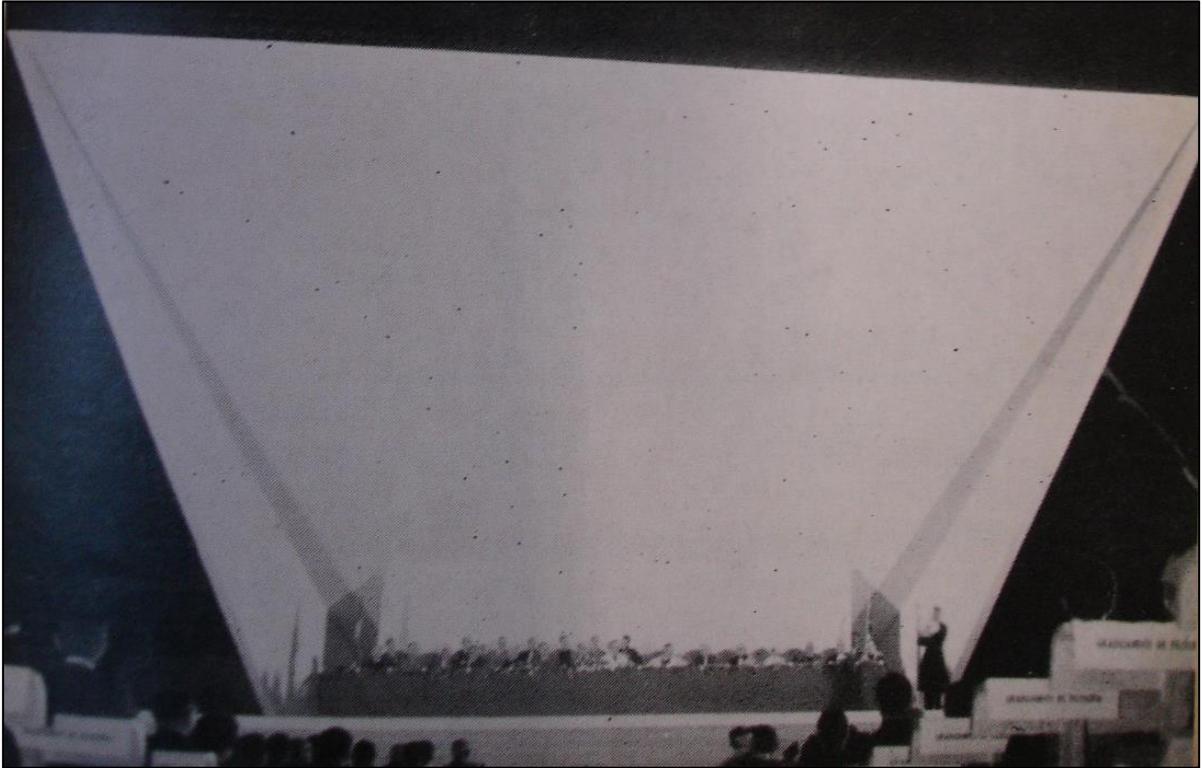
Ficou nas lembranças de Ítalo Gurgel a visita feita à Concha Acústica, naquele momento, novíssima. Isso demonstra o quanto esse espaço havia se tornado importante para a cidade do período. Provavelmente outras pessoas que estavam passeando por Fortaleza por ali passaram e se depararam com uma construção que destoava, naquele momento, das outras predominantes no bairro. Corroborando com a afirmação de Liberal de Castro, a Universidade do Ceará, no momento de sua fundação e expansão, inseriu na cidade não somente equipamentos e uma dinâmica restrita ao ensino, mas também imputou outras práticas e percepções na cidade.

Houve, não um deslocamento do antigo circuito centrado no Teatro José de Alencar, tendo em vista que esse se manteve, mas sim um alargamento. As memórias de Ítalo Gurgel sobre a Concha Acústica são claramente transpassadas pelas suas vivências enquanto funcionário da Universidade, tendo em vista o seu conhecimento sobre as intenções de Martins Filho e ao relacionar isso com os outros equipamentos universitários que foram construídos no bairro. Provavelmente a sua relação com a instituição tenha reforçado e mantido essas memórias sobre a visita feita em sua juventude. A Universidade do Ceará se inseria nesse fluxo e ao mesmo tempo o Benfica era inserido nele. Nas vivências de Cristiano Santos, esse espaço também aparece:

Bem, eu fui pra vários shows, e ainda vou, todo final de ano tem na Concha o cover dos Beatles e eu não perco, isso é porque eu sou da época deles, você deve curtir também, e hoje diminuiu mais, orquestras sinfônicas faziam concerto aí, fui a muito lançamento de livro de ami... inclusive de um amigo meu, naquele pátio externo né, na Reitoria. (ENTREVISTA 1).

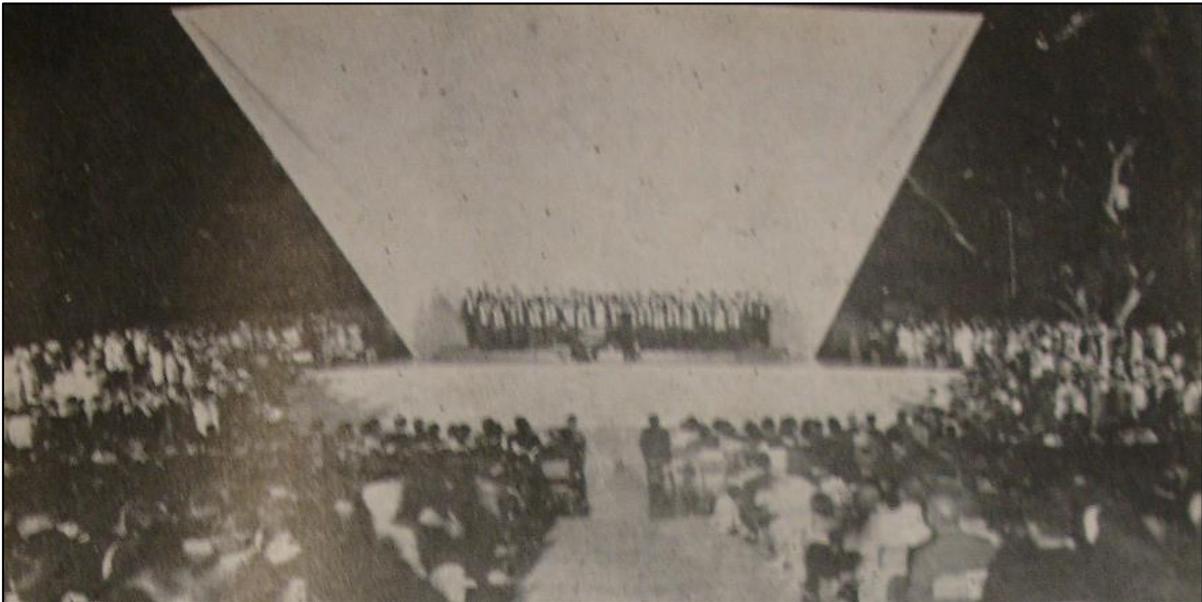
A Concha Acústica está entre os espaços da Universidade do Ceará em que as fronteiras são ultrapassadas, um equipamento universitário torna-se uma porta de entrada para outros sujeitos de fora da instituição compartilharem desse espaço. Ao mesmo tempo em que práticas são estabelecidas ali, referenciais também vão se construindo. A edificação que segue os traços da Arquitetura Moderna, abrigou e abriga vivências e percepções que podem não identificar esse estilo, mas praticam esse espaço e com ele se relacionam das mais variadas maneiras. Provavelmente por se tratar de um espaço destinado a apresentações musicais, a Concha Acústica pode ser considerada como um referencial sensível, no qual memórias auditivas e de sociabilidades podem ter se construído e resistido, como no caso de Cristiano Santos. Ao mesmo tempo, por conta da proximidade com residências vizinhas, as memórias e sensibilidades referentes aos sons provindos desse espaço também podem representar algum tipo de desagrado ou desconforto. Ou mesmo com o aumento drástico na circulação de pessoas de automóveis nas solenidades de colação de grau (Fotografia 7), pode ser um momento em que a vizinhança não acadêmica se sinta incomodada com a interferência no seu fluxo cotidiano. A presença da Universidade no bairro tem suas tensões nesse convívio que não se faz numa constância, os eventos promovidos, as movimentações de estudantes e funcionários quebram também, de certa forma, a dinâmica estabelecida.

Fotografia 7 – “SOLENIDADE DE COLAÇÃO DE GRAU. Presentes tôdas as Escolas e Faculdades, realizou-se pela primeira vez no Ceará uma Solenidade Única de Colação de Grau”.



Fonte: BOLETIM 21, 1959: 474.

Fotografia 8 – “Integrado por 60 figurantes, o Coral de Howard levou à Concha Acústica cêrca de 6.000 pessoas, lotando por completo as dependências do grande auditório universitário”.



Fonte: BOLETIM 25, 1960: 321.

No que se refere ao tamanho do equipamento, a Concha Acústica era o único teatro ao ar livre da cidade com tal capacidade (três mil pessoas sentadas, podendo

abarcando o mesmo tanto de pessoas em pé). Um fluxo de seis mil pessoas nas dependências e nos arredores da Universidade do Ceará demonstra o quanto os eventos promovidos nos equipamentos acadêmicos estavam se firmando na cidade. Para os vizinhos da Universidade que não participavam dessas atividades, foi, provavelmente, uma noite bastante movimentada, quebrando a dinâmica diária do período. Nessa época, em Fortaleza, esse espaço estava se tornando uma referência na realização de concertos, apresentações musicais, solenidades acadêmicas. Com a contagem dos presentes, pode-se dizer que não era um contingente formado apenas por universitários.

Ao mesmo tempo em que existiam os moradores, principalmente os que eram jovens nessa época, que participavam de alguns eventos promovidos pela Universidade do Ceará, haviam outros que não vivenciaram essas experiências. Clarisse Costa, costureira aposentada, 80 anos, moradora do Benfica desde 1958, diz que “Eu nunca fui a nada feito pela Universidade. Depois que eu casei, meu filho, morreu. Meu marido não gostava de nada, então eu não podia sair. Nunca saía, nem viajava, nem nada, depois que ele morreu foi que eu comecei a sair” (ENTREVISTA 8). Para D. Clarisse, como prefere ser chamada, o casamento e o fato de o marido não ter o hábito de sair de casa, não a permitiu vivenciar nenhuma das atividades promovidas pela Universidade (Federal) do Ceará desde que foi morar no bairro. Ao longo de sua narrativa, para além do extrato citado, ela expôs suas impressões sobre a instituição, demonstrou conhecimento sobre a expansão dela pelo Benfica, mas não participou de qualquer evento realizado nesses espaços universitários. Quantos outros sujeitos também não têm vivências e memórias, em relação à Universidade, que se aproximam das de Cristiano Santos, Ítalo Gurgel e Dona Clarisse?

O *Gymnasium* Universitário se aproxima da Concha Acústica enquanto um espaço de ultrapassagem de fronteiras, pois também agregava sujeitos que não faziam parte do meio acadêmico, mas com a realização de eventos esportivos poderiam dele partilhar. Esse aspecto pôde ser percebido na narrativa de Cristiano Santos (ENTREVISTA 1) e Assis Martins (ENTREVISTA 2) ao se referirem a esse espaço como sendo um ambiente que agregava não somente os universitários, mas também pessoas do próprio bairro e de outras partes da cidade. No período da ditadura, esse espaço se tornou também num ambiente símbolo da resistência estudantil, isso fica visível na leitura da transcrição da narrativa oral de Ítalo Gurgel:

Como eu disse, uma única vez eu participei de uma manifestação, que eu me lembro, pode não ter sido só uma, mas essa foi mais dramática porque a polícia cercou os estudantes no CEU onde hoje é o CAEN e o Departamento de História, tem a quadra esportiva, ali era o Restaurante Universitário, a manifestação fluiu pra lá e a polícia cercou o CEU por algumas horas e eu estava lá dentro ouvindo todos os discursos das lideranças, inclusive o Genoíno, eu lembro bem do Genoíno muito inflamado, subiu numa mesa do restaurante e sucessivos oradores, quem sabe até a Ruth deve ter falado nessa ocasião. Essa foi minha pulsação mais forte politicamente nessa época. (ENTREVISTA 7)

Quando Ítalo Gurgel se refere ao “CEU” é a sigla de Clube do Estudante Universitário, nome que passou a englobar o “Gymnasium” e o edifício construído ao lado dele. Nesse prédio foram instalados órgãos de assistência estudantil, tais como o Restaurante Universitário, Diretório Central dos Estudantes, consultórios para atendimento médico e dentário dos universitários, tornou-se ponto de reunião dos estudantes que se posicionavam contrariamente ao governo militar. Nas memórias de Ítalo Gurgel, essa lembrança pode ter trazido ao narrador, pelo menos, duas sensações: uma, de orgulho, por ter vivenciado um momento que representava a resistência estudantil a um regime ditatorial; outra, de tensão, por conta do cerco feito pela polícia a possibilidade de ser detido ou agredido. Muito provavelmente, para Ítalo Gurgel, existem outras lembranças referentes a esse espaço, mas essa talvez veio à tona por conta dos sentimentos que também vêm junto com ela.

Edificações existentes no Benfica foram demolidas para dar lugar a outras que foram erguidas também seguindo a Arquitetura Moderna. A concepção dessas construções em muito se deveu à chegada dos primeiros arquitetos formados em Escolas de Arquitetura, pois, segundo o arquiteto Clóvis Jucá Neto (2009),

Até meados do século XX não se pode falar, no Ceará, de uma arquitetura cearense fruto da produção de arquitetos. Predominava a atuação de leigos, a maioria deles desenhistas, que trabalhavam no mais das vezes em parceria com engenheiros civis. (JUCÁ NETO et.al., 2009: 4).

Os primeiros arquitetos com formação acadêmica a atuarem profissionalmente no Estado eram, em sua maioria, cearenses que haviam saído de sua terra natal para estudar e estavam retornando e se fixando em Fortaleza. Os polos formadores desses arquitetos eram as Escolas de Arquitetura do Recife (UFPE) e do Rio de Janeiro (UFRJ). Desses lugares esses sujeitos trouxeram suas principais influências que viriam a ser representadas em seus projetos e edificações. A então Universidade do Ceará e o seus processos de estruturação e expansão, foram de fundamental importância para o estabelecimento desses profissionais na cidade, tendo em vista

que ela se tornaria a principal fonte de trabalhos de parte desses arquitetos, entre os quais estavam José Liberal de Castro, José Neudson Bandeira Braga e Ivan da Silva Brito.

Segundo o Inventário da Arquitetura Moderna realizado pelo arquiteto Clóvis Jucá Neto (et.al. 2011) sobre os edifícios do Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará, são sete edificações: a Concha Acústica; a Imprensa Universitária do Ceará; a Residência Universitária; a antiga Escola de Engenharia (atual bloco didático e administrativo do Curso de Comunicação Social e da Pós-Graduação em História Social); a Pró-Reitoria de Extensão (antigo bloco do Departamento de Cultura); o Pavilhão Reitor Martins Filho; os quatro blocos didáticos e administrativos do Departamento de Ciências Sociais (antigos Institutos Básicos); e os três blocos didáticos e administrativos da Faculdade de Letras. Pode-se acrescentar ainda o bloco do Departamento de História e do CAEN (antigo Clube do Estudante Universitário) e o prédio do Museu de Arte da UFC (MAUC). Esses prédios foram construídos entre 1957 e 1966, excetuando-se a Concha Acústica e o complexo do Clube do Estudante Universitário (bloco e ginásio), todos os outros foram projetados por arquitetos e engenheiro (Luciano Pamplona) da Universidade.

José Liberal de Castro, em seu relato oral, ao ser indagado sobre a escolha do estilo moderno para a construção de grande parte das construções edificadas no Benfica e nos demais campi, afirmou que “não foi bem uma escolha, nós construíamos com base naquilo que nós fomos formados e aprendemos, o doutor Martins Filho nos dava liberdade para desenvolver os projetos e a gente fazia” (ENTREVISTA 5). A fala de Liberal de Castro dá a entender que não houve uma intenção direta na escolha da Arquitetura Moderna como norteador dos projetos que basearam as construções executadas. Foi de fato despreziosa a escolha desse estilo?

Jucá Neto (2009) estabelece uma relação entre a Arquitetura Moderna e o lema da UFC “O Universal pelo Regional”. Segundo o autor, a ideia de se alcançar o Universal por meio do Regional pode ser relacionada também com as edificações em estilo moderno, tendo em vista que ao fazer uso desse estilo nas construções, a então Universidade do Ceará estaria se inserindo num movimento de escala nacional e mundial. A escolha desse estilo também coadunaria com a intenção da instituição de se mostrar como elemento modernizador dentro de um processo que, segundo Jucá Neto (2009) teria início na década de 1930 e se fortaleceria a partir de 1950. A ideia

de modernização a que se referiu o autor está ligada às ações de urbanização empreendidas em Fortaleza a partir do referido período, com a abertura de vias, a movimentação de partes das elites para a Aldeota e Praia de Iracema, os planos diretores de 1933 e 1963, entre outras medidas. Desse modo, a Universidade do Ceará estaria se inserindo nesse contexto de modernização da cidade e no contexto de difusão da Arquitetura Moderna.

Confrontando as afirmações de Liberal de Castro e de Jucá Neto, pode-se dizer que se formou uma conjuntura favorável para as construções dos edifícios modernistas: havia a formação acadêmica desses profissionais; a liberdade, com as devidas ressalvas, de elaboração e execução dos projetos; e as intenções do então Reitor em localizar a Universidade do Ceará nesse processo de modernização e de imputar a marca da nova instituição na cidade. Ao mesmo tempo em que os novos prédios erguidos pela Universidade seguiam a Arquitetura Moderna, os que foram mantidos e ocupados por unidades acadêmicas, administrativas e culturais, em sua maioria, seguem o estilo eclético: a Reitoria; a Casas de Cultura Francesa, Germânica e Britânica; a Rádio Universitária; e a FEAACS (Faculdade de Economia Administração Atuariais Contábeis e Secretariado). Esse diálogo arquitetônico se mostra muito presente no Benfica, mais do que nos outros campi de Fortaleza. Lança-se o questionamento: por que se mantiveram esses prédios e outros foram demolidos?

A construção do “Gymnasium Universitário” e do Clube do Estudante Universitário se deram num terreno anteriormente ocupado pela residência de Antônio da Frota Gentil (1887-1969), filho de José Gentil Alves de Carvalho, patriarca da família Gentil. Em seu livro de memórias, Francisco Barroso descreveu o imóvel como sendo uma “mansão” e o terreno tinha “73,60 metros de frente, por 133,60 de profundidade” (2004: 206). No Boletim da Universidade do Ceará número 5, referente aos meses de março e abril de 1957, consta na seção “Conselho Universitário” que na reunião de 11 de março do referido ano fora apresentada a proposta de venda do imóvel por parte do referido proprietário, tendo sido aprovada pelo Conselho.

Distribuído o Processo [de avaliação do imóvel] à Comissão de Finanças e Orçamento, o Magnífico Reitor passou-o ao seu Presidente para relatar, tendo o mesmo emitido parecer favorável à aquisição da propriedade ofertada, dada a excelente localidade do imóvel, em bairro central, próximo à Reitoria da Universidade e de fácil acesso aos estudantes. Homologado o

parecer pelos demais membros da Comissão, foi o mesmo aprovado por unanimidade. (BOLETIM 5, 1957: 30).

Esse foi o segundo imóvel adquirido pela Universidade no bairro e de proveniência dos mesmos antigos proprietários da Reitoria. O parecer favorável dado à aquisição do imóvel se baseou na localização do bairro, na proximidade da Reitoria e na facilidade do acesso. Conforme foi caracterizado o Benfica, seu posicionamento era privilegiado em relação ao Centro de Fortaleza, tendo em vista a facilidade do transporte e a proximidade. Além desses fatores de localização e acesso, agrega-se isso à oferta de imóveis de grandes dimensões com vastos terrenos, o que possibilitariam ampliações futuras. No mesmo ano foi elaborado o projeto de construção do “Gymnasium Universitário” e do Clube do Estudante Universitário, esses equipamentos não aproveitariam o edifício existente, desse modo, a demolição da antiga propriedade de Antônio da Frota Gentil ocorreu entre o final de 1957 e o início de 1958. Na mesma seção do Conselho Universitário também foi apresentada outra oferta de venda de outro imóvel:

Submeteu o Magnífico Reitor à apreciação do Egrégio Conselho Universitário uma proposta do Senhor José Tomé de Saboia e Silva para a venda à Reitoria, pelo preço de Cr\$ 3.500.000,00 [3 milhões e 500 mil cruzeiros] do imóvel de sua propriedade, na Av. Visconde de Cauípe, 2.762, contíguo ao imóvel cuja compra acabava de ser autorizada pelos Senhores Conselheiros, o que perfaria uma área razoável, capacitada à construção de mais uma unidade, na hipótese a Escola de Engenharia. A necessidade da compra se prendia à conveniência de maior intercâmbio cultural e científico das unidades de ensino num só bloco, criando-se um clima universitário mais propício. (BOLETIM 5, 1957: 30).

Fotografia 9 – Casa de José Tomé de Saboia e Silva.



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] disponível em <<http://goo.gl/0i5dPm>> acesso em abril de 2015.

Para a aquisição do imóvel ofertado por José de Saboia e Silva, justificou-se a criação de um clima universitário mais propício. Pode-se dizer que a partir dessas aquisições a Universidade do Ceará passaria a vislumbrar também uma centralização física, não somente administrativa, e o Benfica estava se mostrando como o espaço que poderia ser realizado esse intento. A residência adquirida pela Universidade do Ceará está, em parte, representada na Fotografia 9. Francisco Barroso (2004), ao tratar do referido imóvel, afirma que ele fora construído e pertencera ao engenheiro João Tomé de Saboia e Silva (1870-1945), pai do ofertante, e que o mesmo havia dado o nome de Vila Angelita, gravado em uma placa presa ao portão de entrada da residência, em homenagem à sua esposa Angelita Braga Cavalcante. Engenheiro, formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1891, trabalhou na construção da Estrada de Ferro de Sobral, “foi Presidente do Ceará de 1916 a 1920 e Senador de 1921 a 1929” (BARROSO, 2004: 206-207). Sua condição econômica e política reforça o caráter elitizado dos que habitavam o Benfica na passagem do século XIX para o XX. A data do registro fotográfico não pode ser precisada, mas sabe-se que é anterior a 1964, tendo em vista que o projeto de construção do bloco que abrigaria a

Escola de Engenharia é desse ano, idealizado pelo engenheiro Luciano Pamplona e inaugurado em dezembro de 1965 (BOLETIM 57, 1965: 439). O imóvel, provavelmente, recebeu alguma atribuição didática ou administrativa por parte da Universidade do Ceará nesse intervalo.

Fotografia 10 – Prédio da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará.



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] disponível em <<http://goo.gl/CRASIP>> acesso em abril de 2015.

Atentando para a configuração física do prédio da Fotografia 10, os elementos da Arquitetura Moderna se mostram presentes por meio da suspensão do edifício com os pilotis, deixando a circulação livre, da fachada limpa de adornos, da forma em prisma retangular do prédio, entre outros elementos (BENEVOLO, 2001). Na ocasião de inauguração do prédio representado na Fotografia 10, no Boletim da Universidade Federal do Ceará número 57, referente aos meses de novembro e dezembro de 1965 constava o informativo das solenidades.

[O engenheiro Luciano Pamplona] acrescentou que o prédio tomara o nome do engenheiro João Tomé, homenagem a um homem que em vida um vulto eminente da engenharia cearense e se fez merecedor do respeito de todos, mercê da sua capacidade, caráter, modéstia e cultura. O engenheiro João Tomé (ex-governador do Ceará) foi estudioso da técnica do “fazer chover”. Iniciou uma escola de engenharia no Ceará, que não sobreviveu por falta de recursos. Fato curioso é que residiu, até 1920, exatamente no local onde hoje se ergue a Escola por cuja criação tanto lutou. (BOLETIM 57, 1965: 439).

A homenagem prestada chama a atenção para o nome atribuído ao prédio, posto que a localidade ocupara a antiga residência do homenageado. Vale ressaltar que João Tomé, enquanto proprietário, também concedeu uma homenagem ao espaço de sua moradia, nesse caso, à sua esposa. Mostra-se latente a relação entre as memórias e os espaços, quais significados podem ter essas ações? Aleida Assmann, em *Espaços da recordação*, debruçou-se sobre as diferentes formas e transformações da memória. Segundo ela, os *Locais* seriam meios pelos quais lembranças podem vir à tona.

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. (ASSMANN, 2011: 318).

Segundo a autora, os espaços não têm em si uma memória natural, isso passa a existir a partir do momento em que esse espaço incorpora alguma significância para o(s) sujeito(s). Enquanto os indivíduos, as épocas e as culturas mudam, deixam de existir, a perenidade dos espaços se mostra muito maior, pois “tal como o capital financeiro, também o capital simbólico não reside no edifício, mas no solo” (ASSMANN, 2011: 319). João Tomé, ao dar o nome de Vila Angelita para a sua residência, pode ser visto como a tentativa de ligação afetiva com o lar, ambiente do qual a sua esposa seria a responsável enquanto dona de casa. Ou seja, ao mesmo tempo em que era uma homenagem, uma afetividade atribuída ao espaço ao nomeá-lo com a alcunha de sua esposa, era também uma forma de determinar o lugar ocupado por ela na família e, de modo mais amplo, na sociedade.

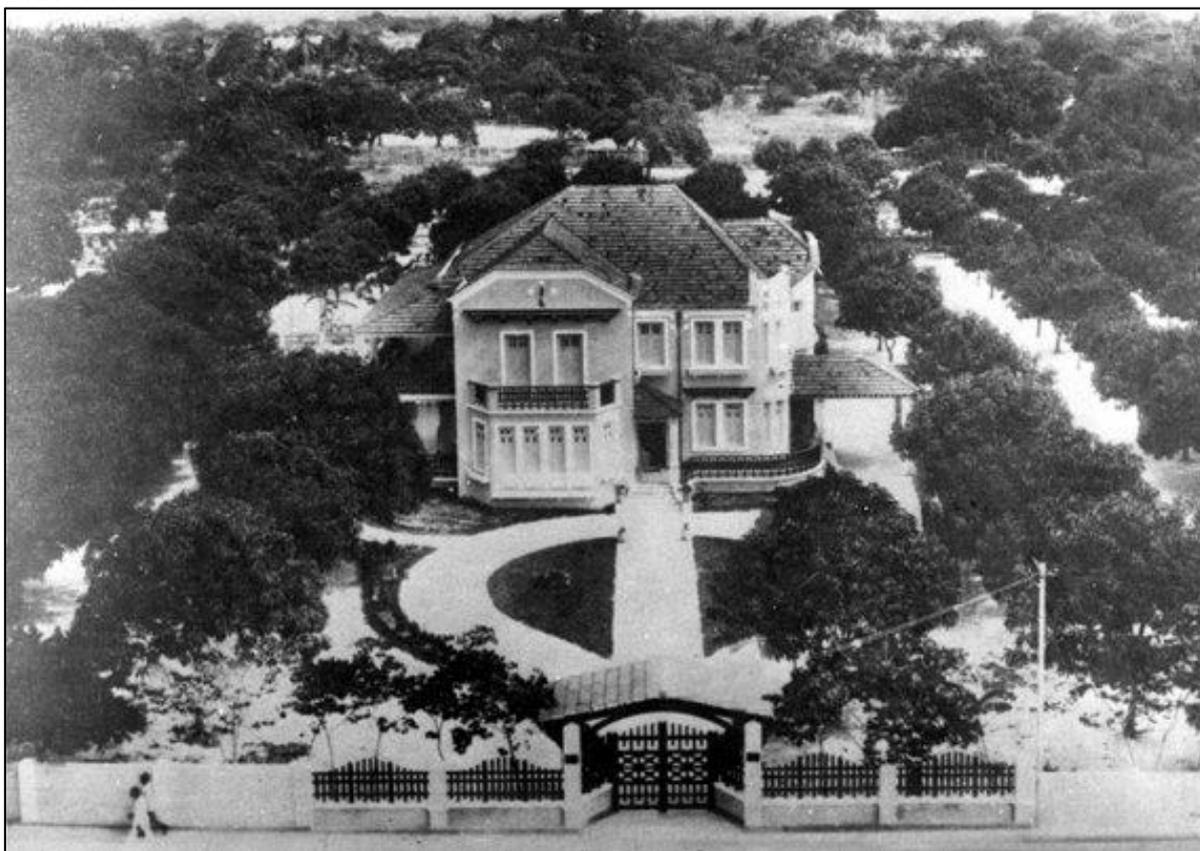
No caso do prédio da Escola de Engenharia, atentando para o discurso institucional, a justificativa para a escolha do nome de João Tomé para o edifício estaria amparada na formação e atuação profissional do sujeito e nos espaços ocupados por ele, enquanto o fato de esse sujeito ter habitado aquele mesmo solo foi dada como uma curiosidade, uma coincidência. A escolha desse nome se reduziria a isso? Não estaria a instituição fazendo uso de uma memória que resistiu à demolição, que se manteve ligada àquele solo? Ao mesmo tempo em que a Universidade do Federal do Ceará prestou uma homenagem ao referido engenheiro, pode-se dizer que ela também estava atribuindo para si mesma aquilo que o nome desse sujeito

representava. Da antiga Vila Angelita, o que resistiu à demolição foi o nome do proprietário que serviu para nomear e qualificar um novo edifício que abrigaria uma instituição que objetivava a formação acadêmica de novos engenheiros. Pode-se dizer que o ato dar o nome de João Tomé ao novo edifício da Escola de Engenharia representa uma memória que se manteve resistente, ligada ao solo. Outra resistência se mostra na manutenção de uma única edificação original, uma pequena expansão lateral, da Vila Angelita, o prédio que abriga atualmente os diretórios acadêmicos dos cursos de Psicologia e Comunicação Social, a “torrinha”, estando essa localizada atrás do novo edifício. Tal elemento estaria ligado diretamente aos estudos realizados pelo engenheiro sobre as técnicas do “fazer chover”, posto que suas experiências, feitas na intenção de controlar esse evento natural, teriam sido realizadas, grande parte delas, na referida torre que conta com 3 pavimentos, seguindo o estilo eclético de Arquitetura. A estreita relação da Universidade Federal do Ceará com a criação de órgãos, políticas e projetos que visavam atenuar os problemas causados pelas secas no Nordeste pode reforçar a manutenção dessa edificação frente às que foram demolidas. Para a Universidade, o novo edifício e o seu nome tinham significados que se aproximavam do caráter técnico e da formação acadêmica; para João Tomé e sua família, a Vila Angelita deveria ter um significado afetivo. Sensibilidades e referenciais distintos dividindo um mesmo solo. Nesse sentido, aquilo que estava ligado à UFC tornou-se hegemônico, mantendo-se a “torrinha” como principal foco resistente de memórias de um período anterior à instituição.

No espaço que atualmente é ocupado pelos blocos didáticos e administrativos do Departamento de Ciências Sociais, anteriormente os blocos dos Institutos Básicos (Química, Física e Matemática), havia uma residência que pertencera à João da Frota Gentil (1891-1958) – filho de José Gentil, proprietário da residência na qual se instalou a Reitoria da Universidade do Ceará – que a vendeu a Carlos Gracie(1902-1994), tendo funcionado nesse imóvel diferentes estabelecimentos educacionais: o Ginásio Americano, a Escola Doméstica e o Colégio Nossa Senhora das Graças (BARROSO, 2004: 255). Segundo Barroso (2004), o referido imóvel teria sido adquirido pela Universidade em 1958. Baseando-se pela leitura do Boletim da Universidade número 12, referente aos meses de maio e junho de 1958, a residência aparece numa autorização de aquisição de imóvel.

O Egrégio Conselho aprovou a aquisição de um imóvel de propriedade do Sr. Carlos Gracie e de Dona Geny Gracie, localizado na Avenida Visconde de Cauípe nº 2995, pelo preço de três milhões e duzentos mil cruzeiros. O referido imóvel se destina à construção do Lar da Universitária, como também, se assim a Universidade decidir de futuro, poderão ser construídos, no mesmo terreno, instalações para a Escola de Serviço Social. (BOLETIM 12, 1958: 30-31).

Fotografia 11 – Imóvel que pertencia a Carlos Gracie, no momento de sua venda à Universidade



Fonte: Arquivo Nirez [S.D.] disponível em: <<http://goo.gl/T6AZgT>> acesso em abril de 2015.

Pela leitura do extrato do Boletim da Universidade do Ceará a intenção de compra do imóvel estava atrelada a intenção de fazê-lo moradia de estudantes. Entre 1958 e 1961 foi utilizado pela Universidade, tendo sido demolido para dar lugar aos blocos que, inicialmente foram construídos para servirem de residência estudantil, mas se destinaram a abrigar os Institutos de Física, Química e Matemática.

Entre 1956 e 1966, a compra de imóveis no Benfica se desenrolou até o que se pode chamar de saturação, tendo em vista a quantidade de imóveis pequenos e a conseqüente valorização desses. O Benfica, com a compra do prédio da Reitoria e os subsequentes, mostrou-se um ambiente favorável às expansões necessárias ao crescimento universitário, mas ao passo que própria instituição se tornou a principal

compradora e que as verbas federais possibilitaram as aquisições, o valor do solo no bairro também ia aumentando.

Equipamentos culturais e de extensão universitária que foram construídos ao longo da então Avenida Visconde de Cauípe possibilitaram o estabelecimento de vivências nas dependências da Universidade. O Teatro Universitário e o Curso de Arte Dramática – a nível de extensão – inseriram a instituição no fluxo da produção, exibição de espetáculos teatrais e formação de atores. Sob a direção de José Maria Bezerra de Paiva (B. de Paiva), diversos espetáculos foram montados, desde *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna à *Macbeth* de William Shakespeare. Com a inauguração da Concha Acústica houve o alargamento desse fluxo que se concentrava no Centro da cidade, com a criação do referido curso e do Teatro Universitário esse fluxo ganharia mais força no Benfica e não se restringiria às exposições, mas também a formação de profissionais das artes dramáticas.

O Museu de Arte da Universidade (Federal) do Ceará (MAUC), criado em 1961, inseriu a instituição no fluxo de exposições artísticas de Fortaleza.

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE

Foi instalado no dia 25 de junho o Museu de Arte da Universidade do Ceará. Abrangendo vasto campo artístico, o Museu da Universidade tomou para si a missão de familiarizar o nosso povo com tudo que diz respeito à arte, através de exposições permanentes, conferências e cursos a serem ministrados por especialistas no assunto. Em sua exposição comemorativa de instalação, o Museu de Arte promoveu a maior mostra já realizada no Ceará, constante de várias seções de pintura e escultura sacras, pintura clássica e moderna, desenhos, guaches, esculturas dos mais famosos artistas nordestinos e xilogravuras populares. (BOLETIM 30, 1961: 185).

A narrativa construída e publicada no Boletim sobre a inauguração do MAUC estava repleta de qualificações atribuídas ao novo equipamento enquanto espaço da arte na Universidade e na cidade, parecendo, de certa forma, uma intenção de se estabelecer como referencial a partir de sua inauguração. Ao passo que as exposições abrigadas pelo Museu lhe conferiam essa qualificação e o tornavam conhecido na cidade, o discurso se esforçava para construir esse referencial partindo de sua criação e com a publicação do Boletim. Na ausência de imagens, o texto serviu de aporte para demonstração do quanto a proposta do Museu de Arte – “familiarizar o nosso povo com tudo que diz respeito à arte” – estava sendo cumprida desde a primeira exposição que contou com exemplos sacros e leigos, clássicos e modernos, eruditos e

populares. O texto relatou sobre a inauguração ao mesmo tempo em que marcava o ponto inicial de uma trajetória institucional.

Os Centros de Cultura Hispânica, Germânica, Britânica, Italiana, Francesa e Portuguesa, posteriormente Casas de Cultura, foram criados dentro do programa de atividades de extensão universitária. Excetuando-se o Centro de Cultura Portuguesa, os demais ocuparam edifícios precedentes à Universidade, fazendo modificações estruturais que permitiram a instalação de salas de aula e coordenação de cada Centro. Para além das atividades desenvolvidas, o aspecto arquitetônico também pode ser considerado um ponto que chama a atenção, tanto pelo estilo (ecclético), quanto pela diferenciação dos demais construídos em estilo moderno. Esse diálogo entre os estilos pode ser considerado como um fator que acentua ainda mais seus traços diversos entre si e também cria o que se pode chamar de paisagem característica desse espaço. Esses equipamentos eram voltados tanto para os universitários e funcionários da Universidade do Ceará quanto para a comunidade como um todo. Em suas dependências eram ministradas aulas de línguas referentes a cada centro, eram também realizadas festividades que se relacionavam com os costumes e culturas de cada país representado pelos centros. Esses equipamentos surgiram como uma forma de prestação de serviço à comunidade, nos quais os profissionais formados na própria Universidade ou convidados por ela eram os professores. Segundo o Plano de Desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará de 1966, em dezembro de 1965, o número total de matriculados nos Centros de Cultura foi de 1005 alunos (PLANO DE DESENVOLVIMENTO, 1966: 57). Pode-se dizer que ao longo dos anos, de acordo com o período em que cada um foi criado, os Centros de Cultura se tornaram referência no ensino de língua e cultura estrangeira.

Ao fixar sua Reitoria no Benfica em 1956, o endereço da então Universidade do Ceará era na Avenida Visconde de Cauípe número 2853. A partir desse ponto, as dependências da instituição foram se espalhando e ocupando partes do bairro. Analisando novamente o mapa da Figura 5 é perceptível o quanto a Universidade se impôs fisicamente entre 1956 e 1966 e foi construindo no Benfica o seu lugar, ou um dos lugares.

Por meio das intervenções realizadas, das edificações construídas, dos eventos concentrados no Benfica, da forma arquitetônica, do cotidiano universitário que foi se construindo, a Universidade (Federal) do Ceará foi delimitando e afirmando

os seus espaços na cidade. Exemplo dessa demarcação é a cor escolhida para a pintura dos edifícios pertencentes a ela. Segundo o relato de Neudson Braga,

As casas todas eram creme e a gente naquele afã de fazer a coisa, de chocar isso aqui, vamos mudar esse negócio, vamos dar uma expressão melhor. É tanto que no começo chamavam “a pantera cor-de-rosa”. Aí a gente chegou à conclusão que poderia ser um ocre [tonalidade de marrom] ou aquela cor [rosa], aí nós decidimos por aquela cor. Tanto que o Martins Filho, no diz que nós pintamos a primeira vez, olhou assim e disse: tá parecendo o Corpo de Bombeiro [falou com voz diferente, tentando imitar]. Porque a tinta nova enquanto não secou ficou meio róseo mais escuro depois que secou ele disse: a não, está lindo! Então aquilo ali identificou. O pessoal de agora – aí vem a história que o Liberal [de Castro] não aceita e eu digo “não vamos estragar nosso fígado com essas coisas” – acha que pra identificar os prédios da Universidade, esses mais novos, o róseo pega bem. Aqui é da Universidade, porque é róseo! [risos]. Criou um referencial e eu não acho que isso seja tão ofensivo. Nós criamos o problema, agora vamos ver no que é que dá. (ENTREVISTA 6).

A escolha de uma cor específica se enquadra nessas intenções de se destacar na paisagem do bairro e da cidade. O róseo, por sua vez, tornou-se um referencial, pois essa cor identificava e identifica os prédios e dependências universitárias. Essa cor deu destaque à instituição por não ser uma comumente usada para a pintura, ou seja, a escolha do róseo não foi despretensiosa, deu-se buscando o destaque.

Fotografia 12 – “Inauguração da Avenida da Universidade, nas proximidades da Reitoria, pela Senhora Martins Filho”.



Fonte: Boletim 59, 1966: 81.

Como uma das atividades de comemoração dos 10 anos de criação da Universidade do Ceará iniciadas em dezembro de 1964 e findadas em junho do ano seguinte, houve a mudança de nome da avenida – de Visconde de Cauípe, passou a ser da Universidade – e inauguração da placa com o novo nome, visível na Fotografia 12. Ao mesmo tempo em que passava a ser Universidade Federal do Ceará, a instituição lançava mão e fazia uma das últimas apropriações no Benfica, a avenida. Essa intervenção não estava relacionada a desapropriação de sujeitos e a apropriação de imóveis por parte da UFC, mas sim uma mudança que atingia a dinâmica das vias públicas de Fortaleza. Os automóveis e pedestres passariam a circular não mais pela Avenida Visconde de Cauípe, mas pela Avenida da Universidade. Grande parte dos moradores de Fortaleza daquela época tinha noção de que uma parcela do Benfica era ocupada pelas propriedades da referida instituição, mas com a mudança do nome, de certa forma, a via também passava a pertencer à

UFC, pois era a avenida “da Universidade”. Provavelmente o ato de referenciar-se à antiga Avenida Visconde de Cauípe, por parte dos sujeitos que partilhavam daquele espaço, de alguma forma, tivesse dado lugar ao não oficial, Avenida da Universidade, mesmo antes da oficialização. Afirma-se isso, tendo em vista que a alcunha referente ao Visconde não tinha nenhuma relação direta com a instituição de ensino que estava, naquele momento, bem localizada na cidade e conhecida da população, havia se tornado o referencial hegemônico. A oficialidade da nomenclatura veio, possivelmente, corroborar com os referenciais da oralidade que, por sua vez, foram se construindo juntamente com a Universidade por meio de suas intervenções físicas – com os edifícios construídos e apropriados por ela, modificando a paisagem do Benfica – e simbólicas – com os eventos esportivos, artísticos e culturais, com a formação de um espírito universitário e de universidade.

De variadas formas a Universidade do Ceará e seus equipamentos iam se inserindo no bairro e na cidade, de forma física e simbólica. Ao mesmo tempo em que os edifícios eram construídos ou apropriados os sujeitos foram também percebendo a instituição, muitos ali estudaram e estudam, trabalharam e trabalham, passaram e passam. Os referenciais construídos em relação à UFC no Benfica são tão infinitos quanto as incontáveis experiências e práticas estabelecidas nesses espaços. O concreto, o asfalto e o solo sofreram usos diversos, desde as construções que se ergueram às formas que os sujeitos fizeram uso desses espaços ao longo dos anos.

4 UFC, BENFICA E GENTILÂNDIA COMO ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO

4.1 Memórias da Universidade, memórias na Universidade

4.1.1 O Boletim da Universidade do Ceará como dispositivo de memória

A criação da então Universidade do Ceará (UC) se deu em dezembro de 1954, sua instalação em julho do ano seguinte e um ano após a instalação a sede da Reitoria no Benfica foi inaugurada. Juntamente com a sede administrativa da recém-criada instituição de ensino superior foi criada a Imprensa Universitária do Ceará (IUC). Equipamento que teria a finalidade de apoiar tanto a produção acadêmica quanto o que fosse produzido fora dela. Entre as primeiras ações de publicação da IUC estava o Boletim da Universidade do Ceará, periódico que circulou de julho de 1956 até meados de 1980. Nele constavam notícias referentes às atividades acadêmicas dos diversos centros e faculdades que compunham a Universidade, solenidades, prestações contábeis, atas das reuniões do Conselho Universitário, Livros da Biblioteca e movimentações de contratação e admissão de pessoal (contratações que não entravam no Diário Oficial da União). Eram publicados bimestralmente (excetuando-se o primeiro que se referia somente ao mês de julho de 1956 e o terceiro que era referente aos meses de outubro, novembro e dezembro) e traziam o levantamento das atividades passadas. Além de noticiar de forma escrita, nos boletins constavam fotografias de alguns dos eventos mencionados na publicação. Como parte das atividades de pesquisa, foram inventariados e digitalizados 65 Boletins da Universidade do Ceará, formando um acervo de cerca de 6.500 fotografias, abarcando os anos de 1956 a 1967. Esse recorte é referente às ações de expansão territorial da Universidade no Benfica e na Gentilândia, pois durante esse período se pôde identificar os primeiros movimentos, a intensificação do crescimento e a saturação.

A análise dos escritos que compuseram os boletins não se atém somente ao discurso que fora imputado naquelas páginas, mas também parte do pressuposto defendido por Mikhail Bakhtin de que, na comunicação, a posição de receptor não deve ser entendida como uma posição passiva, no sentido de apenas receber a mensagem. Segundo Bakhtin,

[...] O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa,

adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 2000: 290).

Tomando de empréstimo as afirmações do filósofo russo, pode-se pensar o lugar do leitor. Identificar quem teriam sido os leitores dos boletins ainda não foi possível, mas devido a sua longa existência, cerca de 30 anos, e o grande número de edições arquivadas, é provável que tenha alcançado diversos indivíduos de diferentes seguimentos da sociedade, provavelmente ultrapassando os muros da Universidade. Então, como interagiam os leitores dos boletins com os discursos que ali estavam?

Ao tratar o Boletim da Universidade do Ceará como um dispositivo²⁰ de memória entra-se em acordo com a ideia de que o receptor desse discurso (o leitor no caso) vai, de alguma forma, interagir com o texto e essa interação vai se dar também em suas lembranças. Para um indivíduo que não tenha conhecimento ou tido alguma vivência nas dinâmicas espaciais e institucionais da Universidade, do Benfica ou da Gentilândia, o que constava nos boletins talvez não tivesse tanta relevância do que poderia vir a ter para um morador da rua Francisco Pinto, próximo à Praça da Gentilândia, ou para um acadêmico do curso de Engenharia da turma de 1959. A leitura, para cada uma dessas três possibilidades de sujeitos, será feita de forma diferente. As emoções envolvidas no correr dos olhos sobre as linhas, as memórias confrontadas e que viriam à tona ao se identificar com alguma passagem do texto seriam diferentes para cada um desses. Desse modo, questiona-se de que maneira esses escritos podem ter evocado, confrontado e construído memórias para seus leitores? A resposta para tal questão é bastante desafiadora. Busca-se identificar, inicialmente, de que maneira se construíram os discursos que se tornaram memórias da Universidade, para posteriormente se pensar nas possibilidades de interações com o discurso e com as memórias.

Pode-se dizer que a iniciativa de se publicar tais periódicos que versavam sobre os eventos universitários se enquadra no que se denomina por esforço de memória ou trabalho de memória. Ao definir a função do Boletim Universitário, em uma espécie

²⁰ Segundo Foucault, dispositivo seria a rede que une o dito e o não dito num discurso, seria um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. (Cf. FOUCAULT, 1979: 244).

de editorial, o então Reitor Antônio Martins Filho dá as seguintes atribuições ao periódico:

[O Boletim da Universidade do Ceará] será um registro dos principais acontecimentos da vida universitária. Terá esta publicação uma dupla finalidade: como órgão informativo, veicular notícias da Universidade, relativas às principais ocorrências nas Escolas e a atividades extracurriculares; como órgão oficial, divulgar as principais deliberações do Egrégio Conselho Universitário e aos atos administrativos da maior relevância, destacando-se o Boletim do Pessoal, que dará validade aos atos referentes a pessoal e não sujeitos à publicação no Diário Oficial da União. (BOLETIM 1, 1956: 2).

Fazendo uma análise do fragmento extraído do primeiro boletim publicado, a primeira questão a ser levantada dirige-se ao objetivo primeiro, o “registro dos principais acontecimentos da vida universitária”. A partir da intenção de registrar acontecimentos com o recurso da escrita e difundi-los por meio de um periódico se tem duas ações ante o possível esquecimento. Para além das finalidades expostas – informativo e oficial – pode-se dizer que havia também a intenção de registrar e de guardar determinados acontecimentos referentes à Universidade do Ceará e à sua vida acadêmica.

A problematização que se faz sobre o Boletim parte da própria escrita, tendo em vista que a formulação de um discurso e de uma publicação que se propõe um registro pode estar repleta de relações temporais. Aleida Assmann ao analisar as relações entre escrita e memória, afirma que “a escrita é, ao mesmo tempo, *medium* e metáfora da memória. O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória” (ASSMANN, 2011: 199). Ao afirmar que a escrita é metáfora da memória, Assmann estabelece uma relação com o que afirmou Platão, ao dizer que com a escrita o indivíduo iria se perder da memória em si mesmo e transferi-la para o escrito. Ou seja, a escrita seria ao mesmo tempo uma perda e um registro da memória, mas não seria memória em si, tendo em vista que isso parte do sujeito. No caso do Boletim, ele pode ser considerado um registro das memórias da Universidade do Ceará, mas não as memórias em si, tendo em vista que houve a intenção de registrar por parte de sujeitos que compunham a instituição naquele momento. Se esse registro foi feito por sujeitos com essa finalidade, pode-se dizer que esse ato estava carregado das subjetividades e intenções dos envolvidos.

Atentando para as temporalidades dos discursos produzidos para serem publicados nos boletins, pode-se perceber, desde o momento de sua produção, o compromisso com a memorização de acontecimentos acadêmicos previamente selecionados. A publicação e as narrativas construídas em torno desses acontecimentos eram feitas após a realização desses, nesse sentido, o discurso produzido sobre os eventos acontecidos nos meses referentes ao boletim eram relatos e impressões do ocorrido (excetuando-se poucos informes sobre futuros eventos), ou seja, era no momento de sua formulação um ato de memória, no sentido de que o que era relatado por meio da escrita eram eventos passados. Pode-se dizer que o Boletim da Universidade do Ceará era uma espécie de memorial de determinados acontecimentos universitários, tendo em vista que sua escrita era informativa referente a eventos de um passado recente. O registro escrito, a publicação e a divulgação desse material serviram não somente para expor o que estava acontecendo na Universidade do Ceará, mas também possibilitou a construção de memórias relacionadas a esse período. A forma da escrita que normalmente estava presente nos boletins pode ser exemplificada ao analisar esse trecho:

A Universidade do Ceará comemorou, nos dias 24 e 25 de junho, o transcurso do seu 6º aniversário de instalação, cumprindo vasto programa de festividades, em que foram pontos altos as inaugurações do Museu de Arte e do edifício-sede da Imprensa Universitária e a instalação em Assembléia Universitária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Outros acontecimentos não menos importantes marcaram com brilhantismo a transcorrência dessa efeméride, enumerando-se dentre eles as apresentações na Concha Acústica do Curso de Arte Dramática e do Coral Universitário e as inaugurações do prédio destinado ao Diretório Central dos Estudantes; do Açude Santo Anastácio, da Estação Meteorológico-Agrária de 1ª classe e das instalações da Cadeira de Zootecnia, na Escola de Agronomia, e do Laboratório de Análise de Fibras Têxteis no Instituto de Tecnologia Rural. (BOLETIM 30, 1961: 185).

O tempo verbal usado para relatar o evento de comemoração do sexto aniversário da Universidade do Ceará, em 1961, é o pretérito perfeito do indicativo, que tem o sentido de expressar uma ação começada e terminada no passado. Nesse sentido, a escrita usada para constar nos boletins se mostrava ligada às experiências vividas e acabadas. O uso desse tempo verbal está diretamente relacionado à posição assumida pelo periódico de ser “um registro dos principais acontecimentos da vida universitária”. Mas ao mesmo tempo se pode dizer que o uso do pretérito perfeito é uma forma de domínio do passado. Ao fazer uso de um tempo verbal no qual os acontecimentos narrados começaram e terminaram no passado, está se impondo, por

meio do discurso, que esse acontecimento se iniciou e findou-se no passado para os outros indivíduos presentes. Atrelar as referidas inaugurações ao aniversário da Universidade do Ceará pode ser considerada uma atitude de demonstração de crescimento e de marcar temporalmente a criação de cursos, abertura de edifícios e início de atividades. Era celebrar ao mesmo tempo mais um ano completo da criação da universidade e o crescimento da instituição. No discurso, as inaugurações ganham importância ao entrarem no circuito das comemorações de aniversário, tendo em vista que esses momentos contavam com a presença de líderes políticos, acadêmicos, intelectuais, militares e religiosos a nível nacional.

Para a psicanalista e professora do Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO, Jô Gondar, a memória é uma construção processual (GONDAR, 2005: 11-26), ou seja, o lembrar, o que lembrar e o narrar o lembrado são parte desse processo que não está ligado somente ao passado, mas às temporalidades e experiências vividas pelo indivíduo. Segundo ela,

Admite-se que a memória é uma construção. Ela não nos conduz a reconstruir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados. (GONDAR, 2005: 18).

Sendo assim, a produção dos periódicos e a forma de sua narrativa se colocam num processo de construção da memória e de construção do próprio real. Segundo Aleida Assmann,

Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens, e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e práticas culturais. Sem estes não é possível construir uma memória que transponha gerações e épocas – o que significa também que a constituição da memória se modifica justamente com o estado oscilante de desenvolvimento dessas mídias. As mídias tecnológicas compreendem sistemas de escrita – no sentido mais amplo do termo – que, desde o início do século XIX, não conservam somente material linguístico, mas também imagens e, adicionalmente, a partir do século XX, vozes e sons. (ASSMANN, 2011: 23-24).

Para Assmann, a escrita é um tipo de mídia tecnológica que permite que as memórias possam transpor tempos e gerações, desse modo, pode-se dizer que a produção dos periódicos e os conteúdos que neles contavam estavam carregados desse interesse de transpor tempos e gerações. Essa afirmação coloca-se aqui como sendo outra finalidade que se pode atribuir aos boletins. Não se estava somente

noticiando, mas também documentando o que estava sendo feito na Universidade desde os primeiros anos de sua existência.

A leitura dessas fontes suscitou vários questionamentos, entre eles dois inquietaram bastante o processo de pesquisa: para onde iam e quem poderia ler os Boletins? O arquiteto Neudson Braga, em sua narrativa oral, relatou um pouco de suas lembranças sobre os boletins:

O Boletim era fundamental, ele era uma espécie de uma ata da Universidade, juntava tudo que acontecia na Universidade, no Conselho Universitário, nas Faculdades... É uma espécie de uma ata de registro da Universidade. Eu acho muito importante, porque tudo estava lá, tudo. Nomeação de professor, até férias. Você tinha uma ideia do que estava acontecendo na Universidade. *Como era a circulação dele? Quem lia, pra quem era destinado?* Eles mandavam pras unidades [acadêmicas], pras bibliotecas, para os diretores, para os professores catedráticos, para o público em geral não era aberto, se você quisesse ir buscar, você tinha. (ENTREVISTA 6).

Essa finalidade informativa, de registro, aproximado de uma ata se mostra pela própria narrativa, o tempo verbal usado, o período ao qual cada Boletim se referia. A circulação desse veículo, por sua vez, mostrava-se bastante restrita, o que não fazia dele um meio de comunicação interna abrangente, destinando-se às unidades acadêmicas, às bibliotecas, aos diretores e a alguns professores. O fato de serem destinados às bibliotecas demonstra a intenção de arquivamento, para os demais destinos servia como uma forma da instituição ver-se a si mesma, seus eventos, seu crescimento, suas atividades.

Nos boletins também é possível encontrar algumas fotografias. Nos 65 boletins inventariados e publicados entre os anos de 1956 e 1967, constam 732 fotografias, numa média de 11 fotografias por Boletim. Tal recurso esteve presente em todos os boletins que foram inventariados dentro da presente pesquisa. Isso indica que durante o período pesquisado houve intensa produção fotográfica, que também propiciou a formação de vasto acervo fotográfico que se encontra arquivado no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Qual seria a finalidade de se produzirem tantas imagens sobre os eventos universitários? O registro fotográfico, segundo Boris Kossoy, não pode ser entendido somente como uma ilustração, pois a sua produção é cercada de intenções, objetivos, finalidades, recortes, tanto quanto outras tipologias de documentos, afinal,

A imagem tem papel preponderante na documentação dos acontecimentos. Ninguém duvida disso. No entanto, fatos corriqueiros, situações que

poderiam passar despercebidas pela sua monotonia, podem se transformar em imagens de impacto, acontecimentos da maior 'importância', dependendo de como são elaborados antes, durante e após a produção do registro fotográfico. (KOSSOY, 2007: 105).

A partir da citação, pode-se afirmar que o uso da fotografia nos boletins era parte integrante da iniciativa de documentação das ações universitárias. Mas algumas questões se mostram pertinentes em relação a produção fotográfica da Universidade do Ceará: como a instituição era mostrada pelas lentes fotográficas? Que tipos de imagens eram priorizadas para serem expostas? Quais momentos eram mais comumente capturados?

O sociólogo e semiólogo francês, Roland Barthes, afirma que a foto pode ser objeto de três práticas, três emoções ou três intenções: o *operator*, que é o fotógrafo, o responsável por controlar o aparato que captura a imagem, é ele quem define o recorte; o *spectator*, todos aqueles que veem e/ou consomem e/ou arquivam a fotografia; e o *spectrum*, aquele ou aquilo que é fotografado (BARTHES, 2012: 17). No caso em questão, o *operator* é um fotógrafo profissional a serviço da Universidade, o *spectator* são os leitores dos Boletins e o *spectrum* o que foi capturado, recortado por meio das lentes e do orifício da câmera e clicado pelo fotógrafo. Desse modo, as intenções do *operator* não podem ser pensadas separadas da instituição. Sendo assim, O trabalho que foi realizado por ele se configura como parte das iniciativas da Universidade do Ceará em se registrar e se mostrar.

Por meio da leitura feita nos boletins e da análise das fotografias que neles constam, identificaram-se, basicamente, duas finalidades fotográficas: de capturar momentos das solenidades e eventos; e de capturar a construção, inauguração ou uso das instalações da Universidade. O primeiro se divide em outros dois tipos: a fotografia posada e a não posada. O caráter espontâneo da foto não posada, ao ser visto transmite uma sensação de naturalidade, mas a produção desse registro fotográfico, por mais espontânea que aparente ser a cena, não pode ser visto como natural, pois "há um olhar e uma elaboração estética na construção da imagem fotográfica" (KOSSOY, 2001: 49). Nesse sentido a sensação de naturalidade, passada pela visualização da fotografia, está carregada de intencionalidades.

Fotografia 13 – “Flagrante colhido por ocasião de uma das aulas ministradas pelo Prof. Luís Motta, durante o Curso de Extensão Universitária de Matemática”.



Fonte: BOLETIM 1, 1956: 7.

Acima, uma fotografia extraída do primeiro boletim na qual se vê o exemplo do tipo espontâneo. Nenhum dos sujeitos presentes no momento da captura estava voltado para as lentes da máquina fotográfica. Ao observar tal imagem se tem a sensação de estar presente naquele momento, pois a ausência de pose para a captura da imagem pode representar uma quebra na noção comum que se tem de fotografia. A espontaneidade da imagem parece reforçar o caráter de testemunho da fotografia, como se com a não interferência no espaço e no posicionamento dos sujeitos fotográficos fosse reforçado o caráter de veracidade. Mas essa espontaneidade, por sua vez, foi uma obra intencional do fotógrafo. Vale ressaltar que, em termos quantitativos, a maior parte das fotografias constantes nos boletins foi feita em tipo espontâneo. Qual a intencionalidade em priorizar fotografias espontâneas? Segundo Soulages, “é preciso substituir um ‘isto existiu’ por um ‘isto foi encenado’” (2010: 63). Desse modo, a tal espontaneidade que se buscou expressar pela fotografia pode ser entendida como uma intervenção direta, como uma encenação e não a naturalidade pretendida.

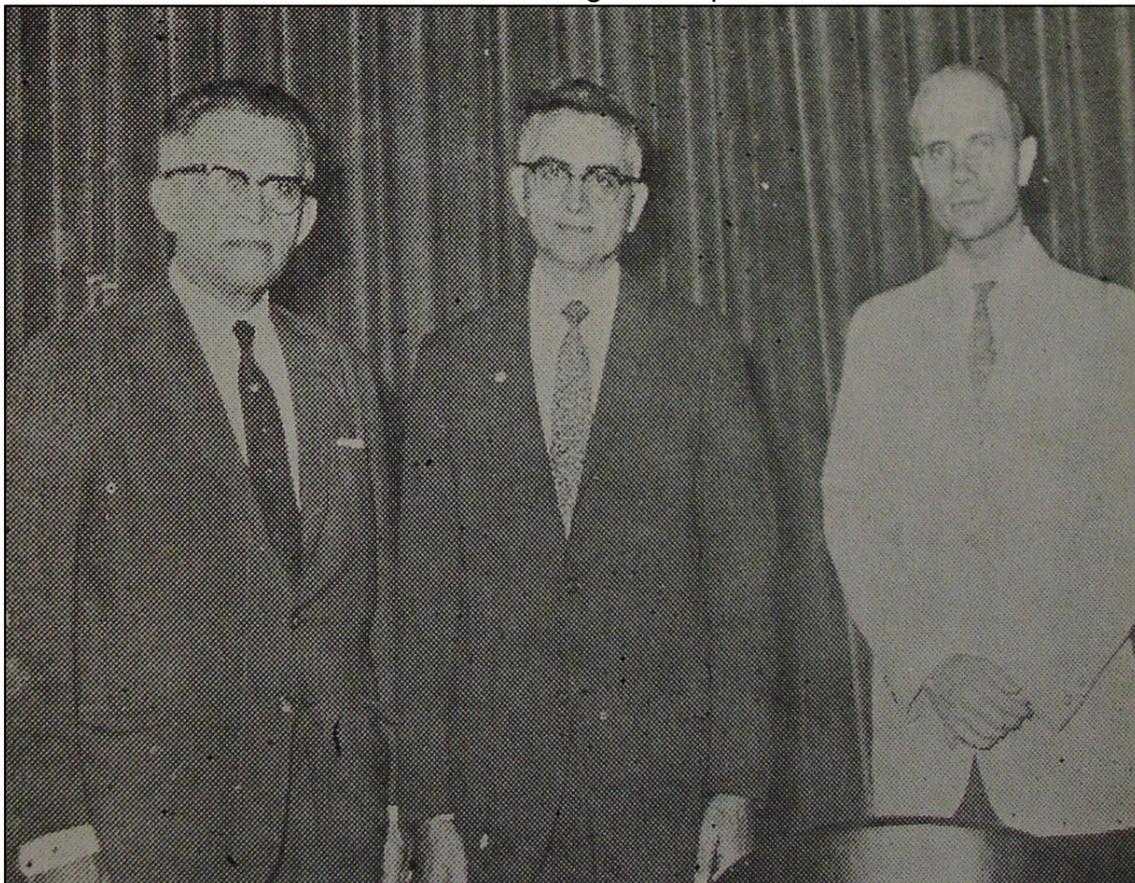
Roland Barthes afirma que numa fotografia podem haver dois aspectos que se relacionam com a montagem da cena capturada: o *studium* e o *punctum*. O primeiro se refere à intencionalidade do fotógrafo no momento da captura de uma cena, tendo em vista a disposição e os elementos que compõem a fotografia. O outro é o que

Barthes afirma ser um descuido ou algo fora de uma estética fotográfica, esse é bastante questionável, ao passo que o descuido, ou a negação à estética, na composição de uma imagem também é, ou pode ser, intencional (2012). No caso das fotografias feitas pela Universidade e que constaram nos Boletins, pode-se dizer que há intencionalidade na aparente espontaneidade.

As imagens em geral são importante aparato da memória humana, mas a fotografia tem esse fator reforçado, pois “fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2001: 131). O tipo espontâneo com o qual grande parte das fotografias foram produzidas passam a sensação de naturalidade – por não ser demonstrada, por meio da visualização da imagem, intervenção direta do fotógrafo ao tentar formar uma cena – e de testemunho – o observador da fotografia pode se sentir, em algum momento como estando presente naquele momento que fora congelado pelo papel fotográfico – pode-se dizer ainda que essa forma dá a ideia de movimento para a cena registrada. Desse modo, ao visualizar tal imagem, pode evocar no observador uma familiaridade com aquela imagem ou com o momento registrado.

Como foi dito, foram poucas as fotografias publicadas no Boletim da Universidade do Ceará em que os sujeitos estavam parados posando à espera do registro fotográfico daquele momento. Não se sabe o motivo de serem priorizadas fotografias não posadas, provavelmente a intenção seria de transmitir movimento ao que se congela no momento do registro.

Fotografia 14 – “Abol Foutouhi, Adido Cultural Norte-Americano, após transmitir ao Prof. Martins Filho um convite do seu governo para visitar os EE. UU.”.



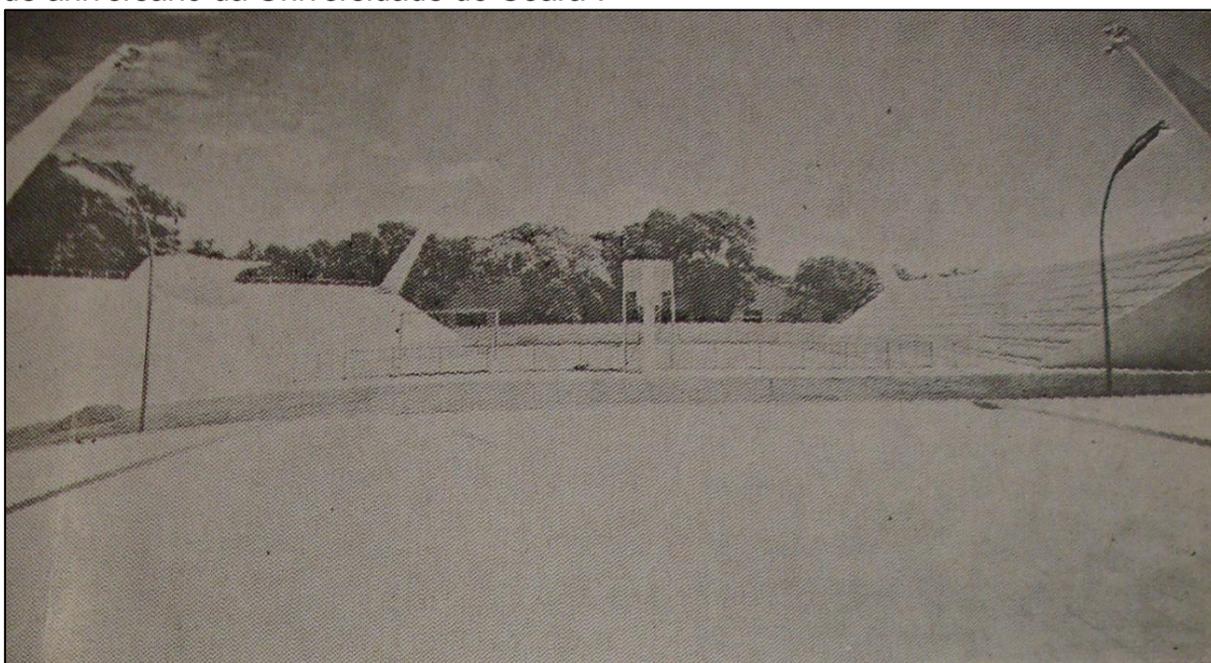
Fonte: BOLETIM 30, 1961: 188.

O fato de os sujeitos fotografados estarem posando, segundo Roland Barthes, atesta que os mesmos estavam aguardando o momento da captura e, de alguma forma, organizaram-se para esse momento e formaram uma composição proposital. O *spectrum*, nesse caso, pode rearranjar-se na intenção de agir sobre a forma como a imagem de si será capturada (BARTHES, 2012).

A sensibilidade em torno do tipo de fotografia exposta acima é bastante diferente da exposta anteriormente. Ao visualizar uma imagem em que os sujeitos nela presentes estão posando intencionalmente para o momento do registro fotográfico, o observador tem outra sensação. Os indivíduos da fotografia estão retribuindo o olhar lançado por aquele que observa, ou seja, é uma sensação de olhar duplo (BARTHES, 2012). De certo modo, essa forma de registro fotográfico não transparece a naturalidade intencional da não posada, não posiciona o observador como um participante do testemunho e também não captura o movimento, esse tipo de fotografia passa uma sensação de formalidade, enquanto o outro tipo passa a “naturalidade” do momento.

Instalações, construções e projetos, por sua vez, também são bastante constantes entre as fotografias publicadas nas páginas dos boletins. O registro e publicação dessas ações arquitetônicas e de expansão da Universidade podem ser interpretados como uma tentativa de exposição do crescimento empreendido pela instituição. As fotografias feitas das construções e dos espaços podem ser divididas em dois grupos: o primeiro em que se fez o registro somente do espaço físico, sem nenhum sujeito; e o segundo em que se mostra o espaço sendo usado.

Fotografia 15 – “Gymnasium Universitário, inaugurado por ocasião das festividades de aniversário da Universidade do Ceará”.

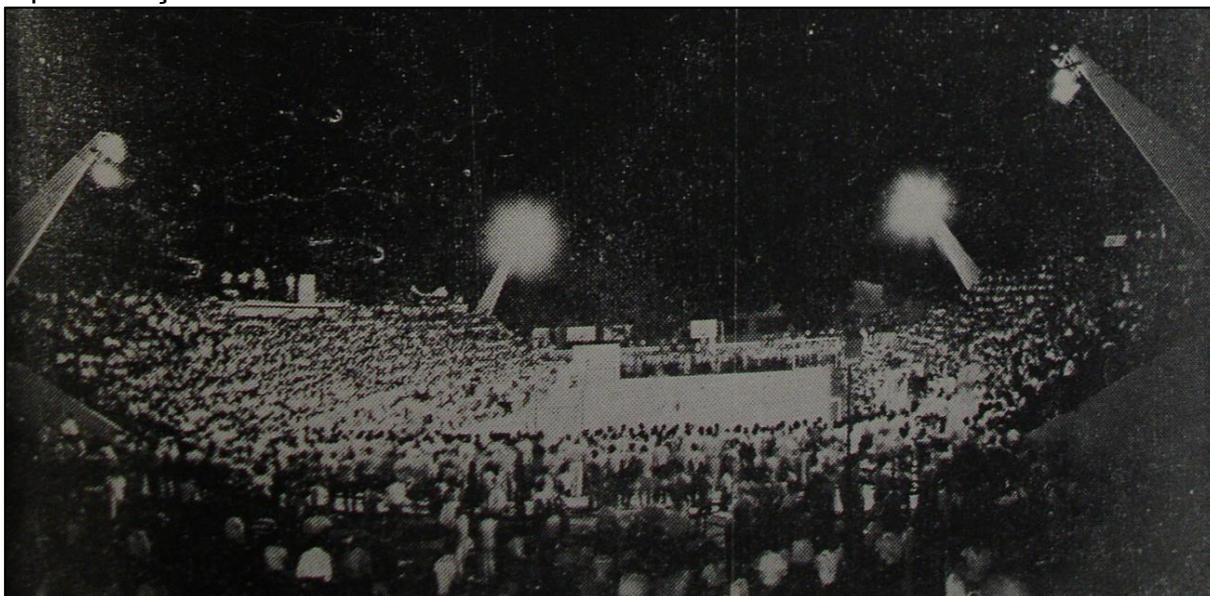


Fonte: BOLETIM 30, 1961: 197.

A imagem acima, extraída do boletim referente aos meses de maio e junho de 1961 (período em que se completaram 6 anos de instalação da Universidade do Ceará), mostra o espaço físico do ginásio pertencente ao Clube do Estudante Universitário (CEU). Tomando de empréstimo a definição de Michel de Certeau para *espaço* e *lugar*, o “Gymnasium Universitário” representado acima seria o que autor definiu como *lugar*, um ambiente que está ausente das práticas humanas (2011a: 182-199). A partir de 1959, ano de inauguração do “Gymnasium Universitário”, grande parte dos festejos e atividades dos Jogos Universitários passaram a ser realizados nessas instalações, até aquele momento os jogos aconteciam em diferentes pontos de Fortaleza, tais como o Ginásio Fênix Caixeiral (localizado no centro de Fortaleza) e o Estádio Presidente Vargas (PV, localizado na Gentilândia/Benfica). Não somente a administração universitária estava sendo centralizada a partir de 1956, mas suas

atividades que, de início, usavam diversos espaços da cidade estavam passando para dentro dos domínios da Universidade do Ceará.

Fotografia 16 – “O Gymnasium Universitário viveu um de seus grandes dias por ocasião da abertura dos IV Jogos Universitários, dos quais participaram representações de tôdas as unidades universitárias”.



Fonte: BOLETIM 32, 1961: 475.

A fotografia extraída do boletim de número 32 mostra a solenidade de abertura da quarta edição dos IV Jogos Universitários, é bastante significativo o número de presentes no momento do registro fotográfico. O registro feito do lugar sendo praticado por centenas de pessoas, o que seria o *espaço*, segundo Certeau (2011a). As relações e práticas estabelecidas pelos sujeitos nos espaços e com os espaços formam referenciais, constroem memórias. É bastante provável que essa quantidade de pessoas não fosse formada somente por estudantes das unidades acadêmicas da Universidade do Ceará. Desse modo, as práticas que se deram na Universidade geraram aquilo que se denomina nessa dissertação por *memórias na Universidade*, pois estão relacionadas aos referenciais e memórias formadas a partir das práticas de diferentes sujeitos que se deram nesses espaços.

Pode-se afirmar que, entre as sensações evocadas por meio da visualização das fotografias produzidas pela Universidade, priorizou-se expor uma instituição em constante movimento e crescimento, pois grande parte de suas fotografias publicadas ou buscava retratar momentos em que os sujeitos fotografados não estavam parados para a feitura do registro ou mostravam as instalações universitárias prontas ou em construção.

A produção fotográfica é um registro imagético e também temporal, posto que aquilo (objeto, sujeitos, ações) que foi capturado não se repetirá nem poderá ser capturado novamente da mesma forma.

Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer. (BARTHES, 2012: 18-19).

Roland Barthes (2012) afirma que o sujeito ao ser fotografado desprende-se de se mesmo, tendo em vista que aquele que fora capturado pelo fotógrafo não será o mesmo que se vê num momento posterior, por isso a ideia de morte. O “eu” do momento capturado não existe, pois o “eu” que observa não é o mesmo registrado. A temporalidade do instante fotografado fica guardada e, no caso da Universidade, usado ao registro fotográfico e às fotografias podem, de alguma forma, explicar a escolha do que fotografar, do momento e da composição.

Entendendo as fotografias como documentos a serem aqui usados no trabalho historiográfico, elas são produzidas a partir de seleções e de finalidades, desse modo, também existe na feitura do registro fotográfico o silêncio ou o ocultamento, no caso, o não mostrado. Quando se tratam das fotografias produzidas pela Universidade (Federal) do Ceará que mostram suas edificações, encontram-se vários silêncios. Entre as imagens que foram selecionadas para serem publicadas nos boletins, não é encontrada nenhuma imagem dos imóveis que foram adquiridos pela Universidade e posteriormente foram demolidos para dar lugar a outras instalações. Seria a intenção de passar a imagem de uma Universidade que constrói, que cresce, mas não destrói? No primeiro Boletim da Universidade do Ceará foi colocada a seguinte legenda juntamente à fotografia da fachada da sede da Reitoria, inaugurada em junho de 1956:

Sede da Reitoria da Universidade do Ceará, situada na Avenida Visconde de Cauípe, nº 2853. No primeiro plano do bloco principal – cuja fachada se vê na fotografia abaixo – encontram-se o Salão Nobre, o Salão de Reuniões do Conselho Universitário, Divisão de Contabilidade, Tesouraria, Portaria e Cantina. Nos altos, acham-se instalados o Gabinete do Reitor, Secretaria-Geral, Secções de Pessoal e Expediente, Divisão de Obras e Engenharia, Divisão de Material, Consultoria Jurídica, Direção e Redação da Imprensa Universitária. Do conjunto do prédio ainda fazem parte luxuosos e confortáveis apartamentos, destinados à hospedagem de professores e visitantes ilustres. Ao lado esquerdo, em edificações menores, funcionam as Oficinas e Almoxarifado da Imprensa Universitária. O terreno onde está localizada a sede da Reitoria, com duas esquinas e três frentes, mede 100,40 mts. na Avenida Visconde de Cauípe, 173,50 mts. na rua Treza de Maio e 96

mts. na rua Nossa Senhora dos Remédios, perfazendo um total de 15.792 m² de área, sendo 1.567 m² de área construída. (BOLETIM 1, 1956: 6).

A descrição feita do imóvel é bastante pormenorizada em relação aos aspectos físicos, mas não foi feita nenhuma menção à família Gentil, os antigos proprietários. Não se tinha, por parte da Universidade, a intenção de se vincular à memória da família Gentil, antiga proprietária da residência que estava sendo instalada a sede da Reitoria. O texto do boletim não qualificou como novo ou velho o imóvel que passaria a ser a sede da Reitoria da Universidade do Ceará, foi priorizada a descrição física, na intenção de mostrar, salientando as dimensões matemáticas, a grandiosidade do imóvel adquirido. Já no discurso proferido pelo periódico *O Povo* nos dias 25 e 26 de junho de 1956 estavam presentes diferentes formas de qualificar o imóvel em questão, ao mesmo tempo era “o antigo solar dos Gentil”²¹ e a “nova sede da Universidade”²². O conflito entre o novo e o antigo se mostra presente nas construções das diferentes narrativas. Enquanto o discurso da Universidade, publicado no boletim, silencia a origem do imóvel adquirido, o periódico qualifica a referência à família Gentil como antigo e a referência à Universidade como novo. Sabe-se que o velho dá lugar ao novo, mas esse processo pode ser percebido por meio desses dois discursos. De que forma isso pode ter interferido na construção de memórias referentes a o mesmo espaço em que ocupara a família Gentil e passava a ocupar a Universidade do Ceará?

O Boletim da Universidade pode ser definido enquanto um dispositivo de memória pela sua principal finalidade, pela construção de seu discurso, pelas imagens escolhidas para neles constarem. São dispositivos por terem sido criados para registrar os acontecimentos universitários, por conta da temporalidade das suas narrativas e pelo uso das fotografias como forma de registro e prova das atividades executadas.

4.1.2 Antônio Martins Filho entre as memórias de si e as memórias da Universidade

Antônio Martins Filho teve seu nome ligado à Universidade desde a época em que era uma vontade, na década de 1940, até a sua morte em 2002. Entre 1955 e 1967, Martins Filho, foi quatro vezes Reitor e após o fim do seu último mandato ele

²¹ O Povo, segunda-feira, 25/06/1956, 1ª página

²² O Povo, terça-feira, 26 de junho de 1956, página 1

continuou a fazer parte da Universidade atuando no Conselho Universitário, do cargo de Reitor agregado²³ e posteriormente como coordenador da coleção Alagadiço Novo²⁴. Dessa relação bastante próxima entre aquele que é tipo como o seu idealizador e fundador e a Universidade Federal do Ceará (como passou a se chamar em 1965), foram publicados alguns livros de sua autoria sobre a história da Universidade: *O Universal pelo Regional* (1966); *A Universidade no Brasil* (1975); *O outro lado da história* (1983); e *História abreviada da UFC: 1944-1967* (1996). Além desses há também os três volumes de suas memórias: *Menoridade* (1991); *Maioridade* Tomos I e II (1993 e 1994); e *Maturidade* (1994). A maior parte da produção escrita de Martins Filho se deu após seu reitorado, entre 1983 e 1996, dos 79 aos 92 anos, respectivamente. Junta-se a essa produção mnemônica escrita os depoimentos orais concedidos ao Núcleo de Documentação Histórica – UFC e ao Centro de Documentação do Banco do Nordeste do Brasil, ambos realizados em 1993 e publicados em 2004 num livro intitulado *Depoimentos para a História da UFC*. Debruça-se aqui sobre as formas pelas quais as memórias de Martins Filho foram evocadas nesses diferentes meios e de que forma elas se relacionam com as memórias da Universidade Federal do Ceará e suas especialidades.

Escrever, para Martins Filho, era algo constante, tendo em vista sua atuação como funcionário, por volta dos onze anos, do periódico *Gazeta do Cariry*, posteriormente, no Maranhão, fundou um pequeno jornal *Voz do Povo*. Chegou em Fortaleza em 1937, fundou a *Editora Fortaleza*, onde passou a publicar a revista *O Valor*, dois anos depois publicou, juntamente com Raimundo Girão, *O Ceará*. Fez parte do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras, tendo presidido as duas instituições. Ensinou no Liceu do Ceará e em 1945 se tornou professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará (MENEZES NETO, 2004: 75-79). Essa narrativa, feita de forma bastante linear, serviu para identificar as primeiras

²³ O Reitor agregado mantinha todas as vantagens do Reitor titular: vencimentos, gabinete, representação e membro do Conselho Universitário (Cf. BOLETIM 64: 35). Esse cargo mantinha Martins Filho dentro da instituição como um orientador dos Reitores subsequentes.

²⁴ Essa coleção foi uma iniciativa de publicação de livros sob o selo da Universidade Federal do Ceará, em específico a Casa José de Alencar (equipamento cultural incorporado à instituição em 1964) que fica no bairro Alagadiço Novo, próximo a Messejana, região mais ao leste do Centro, por essa razão a coleção recebeu esse nome. A finalidade dessas publicações, segundo relatou Seu Assim, era lançar e/ou relançar livros de autores cearenses, conhecidos ou não do grande público do Estado, tais como: Raquel de Queiroz, Gustavo Barroso, José de Alencar, Paulo Elpídio Menezes Neto, Fran Martins, entre outros. Parte desses autores atuavam na UFC como professores ou funcionários do corpo administrativo.

ações e lugares ocupados por Martins Filho enquanto um homem relacionado com a escrita e as agremiações de escritores e intelectuais existentes em Fortaleza.

Ocupando o cargo de Reitor da Universidade do Ceará entre maio de 1955 e janeiro de 1967 e posteriormente se engajando nas iniciativas de criação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Universidade Regional do Cariri (URCA) até o final da década de 1970, nesse período, sua produção textual não foi muito intensa. Tanto que seus esforços de escrita se concentraram com mais afinco entre 1983 e 1996, tendo publicado nesse intervalo cinco livros, contando apenas os que estavam relacionados à vida acadêmica.

O foco principal na pesquisa é dado aos escritos memorialísticos/históricos, especificamente os três volumes de suas memórias e o livro *O Outro lado da história*. A atenção voltada para escrita memorial se deve ao fato de se buscar perceber a forma de construção desse discurso mnemônico, atentando para as temporalidades que se expressam por meio dele.

Tanto as *Memórias* quanto *O Outro lado da história* entram na definição de autobiografia expressa por Philippe Lejeune, pois, segundo ele, “para que haja autobiografia, é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (2008: 15). Nesse sentido, mesmo não havendo um acordo acerca do estilo literário no título de *O Outro lado da história*, a partir daquilo que Lejeune denomina por *pacto autobiográfico* pode ser encontrado no prefácio do livro de Martins Filho:

... no presente trabalho não desejo reportar-me a essa história [a de sua trajetória enquanto líder nas ações para a criação da Universidade e de seu reitorado], que já foi escrita, está bem documentada e divulgada, principalmente em relação ao período de 1955 até fevereiro de 1967. Pretendo, sim narrar fatos ignorados, revelar incompreensões e injustiças, registrar a tática e a estratégia que tive de utilizar para dirimir obstáculos e solucionar situações difíceis, silenciosamente enfrentadas, como consequência inevitável do exercício da Reitoria, na condição de mandatário do Poder Executivo da União. (MARTINS FILHO, 1983: 10).

A proposta dessa obra é uma narrativa feita sobre as vivências de Martins Filho enquanto sujeito que esteve à frente das iniciativas de criação e administração da Universidade Federal do Ceará, nesse sentido, autor, narrador e personagem (central, no caso) seriam a mesma pessoa, o que insere essa produção na definição de autobiografia. Nesse caso se fez uma narrativa de um período específico da vida do autor, que em termos cronológicos se iniciou em 1944 e findou em 1967. Ao afirmar

que os relatos ali presentes seriam frutos de ações silenciosamente realizadas atesta o caráter memorialístico dos escritos, pois se construiu uma narrativa a partir de lembranças guardadas intimamente. Ele se propôs “narrar fatos ignorados, revelar incompreensões e injustiças, registrar a tática e a estratégia que tive de utilizar para dirimir obstáculos e solucionar situações difíceis” (MARTINS FILHO, 1983: 10). Desse modo, o que se narrou em *O Outro lado da história* são impressões e memórias que Martins Filho manteve em silêncio. Qual seria a intenção de trazer à tona o que estava silenciado até então?

No momento da publicação do referido livro, 1983, Martins Filho completou 79 anos de idade e 16 anos do fim do seu último mandato como Reitor da Universidade Federal do Ceará. Iniciava-se também um período em que as atividades de Martins Filho estavam menos movimentadas. Mesmo tendo deixado o cargo de Reitor, manteve seus laços com a Universidade Federal do Ceará, atuou também como membro do Conselho Nacional de Educação, participou ativamente da fundação da UECE e URCA, auxiliando também na criação da Universidade de Fortaleza (Unifor). Pode-se dizer que a vida desse sujeito era bastante movimentada, repleta de afazeres. Com o avançar dos anos o envelhecimento acaba por limitar, de certa forma, algumas ações de qualquer ser humano. Segundo a psicóloga Ecléa Bosi,

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994: 63).

Nesse livro, a psicóloga lida diretamente com memórias de pessoas idosas, lidando com tal objeto de pesquisa ela estabelece diversas relações com as teorias de Bergson e Halbwachs acerca da memória. Fazendo uso das definições de *memória coletiva* e das formas que “o passado sobrevive”, Bosi analisa as formas pelas quais as memórias de velhos são evocadas por estes e como a prática de evocação desse passado se torna constante num momento em que a vida social se torna menos ativa. Estabelecendo a relação entre o que a firmou Bosi e a situação em que se encontrava Martins Filho no momento da escrita e da publicação dos referidos livros, pode-se interpretar que a diminuição do ritmo de atividades, principalmente profissionais, impulsionou a intenção de escrever sobre suas recordações. Segundo Candau, “muitas vezes as pessoas, ao envelhecer, tornam-se muito falantes ou então

definitivamente silenciosas, após terem aceitado o inevitável” (2011: 73), no caso do sujeito em questão ocorreu a primeira situação, tendo em vista que entre os 79 e os 83 anos Martins Filho teve intensa atividade de escrita, especialmente a escrita mnemônica.

Tomando de empréstimo os conceitos de Reinhart Koselleck de *espaço de experiência* que seria “o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” (2006: 309) e *horizonte de expectativa* que seria o “futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto” (2006.: 310), ao analisar a situação do sujeito idoso, pode-se dizer que ele está constantemente revisitando o seu espaço de experiência, suas vivências passadas e não somente as de um passado atual. Pode-se considerar que estando preso ao seu espaço de experiência, esse sujeito envelhecido teria como o seu horizonte de expectativas o fim comum aos seres vivos, a morte. A aproximação desse fim, em conjunto com a diminuição das atividades profissionais e sociais, acarretaria uma emergência de lembranças que não seria comum aos indivíduos mais jovens (BOSI, 1994).

Martins Filho não se encaixa inteiramente nessa relação entre a evocação das memórias e a velhice estabelecida por Bosi (1994) e Candau (2011), tendo em vista que em 1948 seria publicado pelas Edições Clã o seu primeiro livro de “notas autobiográficas”, inicialmente intitulado *Estrada Suave*, segundo a Revista Clã número 2,

Entre os livros que publicará [o Clube do Livro Clã] dentro desse plano destacam-se os seguintes: [...] “Estrada Suave”, notas autobiográficas de Antônio Martins Filho que, são, ao mesmo tempo, um interessante estudo sociológico sobre a vida nas pequeninas cidade do interior do Nordeste [...]. (CLÃ 2, 1948: 101).

No número seguinte, havia a informação de que “o prof. Antônio Martins Filho, que está terminando de escrever o primeiro volume de suas memórias, mudou o nome desse livro de ‘Estrada suave...’ para ‘Menoridade’” (CLÃ nº 3, 1948: 98). A última vez que se fez menção ao referido livro foi no número 4 ao tratar do programa das publicações das Edições Clã daquele ano, no qual constava o livro “‘Menoridade’, de Antônio Martins Filho, que será editado em Novembro” (CLÃ 4, 1958: 104).

Analisando os extratos das publicações da Revista Clã, percebe-se que esse era um meio de divulgação dos livros que viriam a ser publicados pela editora de

mesmo nome. Num primeiro momento, o livro a ser editado de autoria de Antônio Martins Filho teria como título *Estrada Suave* e, conforme qualificou a Revista de abril de 1948, seriam uma mescla de notas autobiográficas e estudo sociológico. Nos dois números subsequentes, o esforço em construir uma narrativa autobiográfica ganhou maior importância, tendo em vista a mudança do título para “Menoridade” e ser classificado pela revista como sendo um livro de memórias. O título do livro induz a pensar na divisão que o autor teria feito sobre a própria vida, o que se mostrou quando os livros vieram a ser publicados (*Menoridade*, 1991; *Maioridade* Tomo I, 1993; *Maioridade* Tomo II, 1994; e *Maturidade*, 1994). Percebe-se a intenção de Martins Filho em construir uma narrativa memorialística sobre si antes daquilo que se pode convencionar por velhice, tendo em vista que em 1948, Martins Filho, estaria com 44 anos de idade. Essa iniciativa corrobora com a afirmação anteriormente feita de que ele não se encaixava completamente nas definições de Bosi (1994) e Candau (2011), apesar de não finalizado a escrita, nem publicado o primeiro livro de suas memórias, mas o esforço de escrita e de registro de suas memórias data de um momento anterior à sua velhice.

Para além dos livros de memórias, algumas homenagens foram feitas a Martins Filho enquanto este era Reitor da Universidade (Federal) do Ceará e também após deixar esse cargo. Entre as principais atitudes figuradas nessa linha está o ato de dar o nome do então Reitor a novos prédios, equipamentos e monumentos. A primeira vez que isso se mostrou foi na inauguração da Concha Acústica e do Auditório ao Ar Livre. Na ocasião da inauguração, noticiada no Boletim número 20, de 1959.

AUDITÓRIO REITOR MARTINS FILHO

Solenemente inaugurado na noite do dia 3 de outubro, com a presença do Presidente da República, dos Ministros da Educação e da Justiça e do Presidente da Câmara Federal, além de grande número de autoridades federais, Reitores de Universidades e Professores universitários, o Auditório Martins Filho, compreendendo a Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre ergue-se majestosamente em terrenos da Reitoria, em linhas modernas e arrojadas, num atestado inequívoco do espírito de realização da atual administração universitária no Ceará. (BOLETIM 20, 1959: 390).

A primeira frase da citação está em caixa alta por assim também estar no referido Boletim. Vale ressaltar que no projeto inicial não havia a intenção de “batizar” o auditório com o nome do então Reitor. Até esse Boletim, tudo que era referente à Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre era exposto se relacionando aos arquitetos projetistas da FAU/USP e à execução da obra.

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1967, pouco tempo antes da saída de Martins Filho da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, foi inaugurado o “Pavilhão Reitor Martins Filho” na Escola de Arquitetura juntamente a outras homenagens.

“Este quadro lhe é oferecido, Magnífico Reitor, pelos seus funcionários e amigos. Que ele perpetue esta lembrança e revele, às futuras gerações que transitarem por esta sala, que dêle, do Reitor Primeiro, partiu a mensagem de fé e confiança em sua gente, construtora como êle desta imperecível obre, que fêz com que a Nação e o Mundo olhassem para êste Estado com respeito e admiração”.

Foi também inaugurada, nos jardins da Reitoria, uma cabeça em bronze do Magnífico Reitor, e outra, do mesmo gênero, na Escola de Arquitetura. (BOLETIM 64, 1967: 39).

Fotografia 17 – “A Senhora Martins Filho inaugura a cabeça em bronze do Reitor Martins Filho, nos jardins da Reitoria”.



Fonte: BOLETIM 64, 1967: 12.

A intencionalidade de transformar Martins Filho naquilo que se pode chamar de mito fundador da Universidade (Federal) do Ceará pode ser percebido no discurso sobre o retrato pintado. Aparenta estar atrelada a isso a intenção de transformá-lo

numa espécie de exemplo para os que o sucederiam, reforçando uma trajetória que foi julgada como bem-sucedida. Seria uma tentativa de fazer da história desses primeiros 12 anos de Universidade aquilo que Koselleck define por *História Magistra Vitae* (História Mestra da Vida), por ter a intenção de tornar e consagrar esse período como exemplar para os que virão?

Pensando na materialidade que a memória pode assumir (ASSMANN, 2011), pode-se dizer que Antônio Martins Filho conseguiu ter seu nome e suas memórias preservadas pela escrita no papel, pelo nome dado ao edifício de concreto, pela pintura a óleo e pela réplica em bronze de sua cabeça. A tinta e o papel, o concreto e o bronze serviram de suporte para a memória de Martins Filho e de suas realizações na Universidade Federal do Ceará. Buscou-se a afirmação e a consolidação da imagem e da memória desse sujeito por meio desses suportes.

Mota (2012) problematizou a criação de lugares de memória para Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920)²⁵, tendo em vista que a partir da sua morte referir-se à Faculdade de Medicina, ao seu fundador e ao ensino da ciência médica tornou-se algo natural e comum. Criou-se em torno de Arnaldo Vieira de Carvalho um referencial de tal forma hegemônico que se colocou praticamente de forma automática a relação desse sujeito com a instituição por ele fundada e ao ensino da Medicina em São Paulo.

Bastante semelhante ao que aconteceu com Arnaldo Vieira de Carvalho – na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo – a figura de Martins Filho se firmou de tal forma que é praticamente impossível de ser dissociada da UFC, da mesma forma a instituição não se dissocia do seu primeiro Reitor. Mas diferente do que aconteceu com o médico paulista, a figura do Reitor cearense foi sendo construída por iniciativa dele mesmo e da instituição a qual fazia parte, principalmente por meio da escrita e dos mencionados suportes da memória.

Outra semelhança entre os dois sujeitos se mostra na produção de retratos fotográficos. Silva (2012) salienta que há um grande acervo de retratos de Arnaldo Vieira de Carvalho, tanto produzidos por pinturas quanto por captura fotográfica. Grande parte desses registros foi feito enquanto o médico estava no exercício de sua profissão. No caso de Martins Filho o acervo fotográfico foi construído relacionando-o com a Universidade (Federal) do Ceará, posto que grande parte dos retratos e

²⁵ Fundador da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1912.

fotografias em que constavam o então Reitor foram produzidas em momentos de solenidades, visitas importantes à Universidade e inaugurações de equipamentos universitários. Em ambos os casos as memórias referentes aos sujeitos usaram de diversos suportes e dispositivos, mas Martins Filho se diferencia por partir dele a iniciativa de registro de si e da Universidade.

No primeiro volume de suas memórias, intitulado *Menoridade*, o compromisso firmado entre o autor e o leitor, por sua vez, seria com a verdade. Martins Filho iniciou o segundo capítulo desse volume da seguinte forma:

Não me seria difícil recorrer aos incomensuráveis recursos da imaginação para encher de fantasias a vida do meu genitor e apresenta-lo em alto relevo nestas páginas, à maneira de um herói de muitas batalhas. Mas, se me aventurasse a enveredar para essas bandas da ficção, desvirtuaria a autenticidade destas crônicas, havendo ainda a possibilidade de tal propósito não ser aplaudido pelos maus parentes e irmãos. (MARTINS FILHO, 1991: 21).

O compromisso firmado com a verdade foi justificado pelo fato de não querer se envergonhar frente aos parentes, mas tem uma forte relevância ao constar nas páginas em que se propôs escrever, tendo em vista que a partir daquela página, tudo que seguiria estava em concordância com o verídico, o que a diferenciaria, por sua vez, de uma obra ficcional.

A escrita autobiográfica e memorialística está repleta de implicações entre narrativa e memória. Ao se propor a narrar acontecimentos passados a partir do vivido, o autor entra numa dinâmica que não liga somente o passado e o presente da evocação, pois nesse caminho entram um sem número de influências, tendo em vista que o passado que se narra no presente não vai ser o mesmo que se viveu, pois, o sujeito narrador já não é mais o mesmo sujeito que vivenciou, este, por sua vez, está carregado de implicações do presente e dos caminhos por ele percorridos. Desse modo, “no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAUI, 2011: 65).

As temporalidades se entrecruzam na narrativa memorialística, de forma que o autor do presente narra os fatos do passado como uma sequência lógica de acontecimentos, pois “em toda a sequência autobiográfica a recordação de uma trajetória ou de uma história que de vida que, ao menos parcialmente, justificaria o destino individual” (CANDAUI, 2011: 74). Martins Filho ao narrar como o suicídio do

então Presidente Getúlio Vargas modificaram os caminhos para a fundação da Universidade do Ceará, é perceptível a interferência do sujeito do presente ao narrar o passado:

Acompanhando atentamente a marcha dos acontecimentos nunca imaginei que o ato de desespero do Presidente Vargas iria, muito em breve, interferir no meu destino, tornando-me candidato à Reitoria e, em consequência, o primeiro dirigente da Universidade do Ceará, no exercício de quatro mandatos consecutivos. (MARTINS FILHO, 1991: 390).

Na ordem dos fatos, o narrador estava adiantando os passos do personagem em pelo menos quatorze anos, empreendendo um raciocínio ao personagem que esse não teria tido. Como, o Martins Filho de 1953, iria imaginar que seria escolhido o primeiro Reitor da Universidade do Ceará e permaneceria nesse cargo por quatro mandatos consecutivos? Como afirmou Candau na citação anterior, os fatos são narrados de forma, muitas vezes lógica, que justificam o destino do personagem, mas o conhecimento desse destino é um futuro dentro do passado narrado, o personagem do passado não teria esse conhecimento que é imputado, por sua vez, pelo narrador. Em outro trecho isso pode ser percebido novamente quando Martins Filho escreve que

As dúvidas, por mim levantadas, sobre se eu estava preparado para exercer o cargo de Reitor da Universidade do Ceará, não tinham fundamento, por vários motivos, dos quais mencionarei apenas dois: minha capacidade de trabalho e meu desejo de acertar, na condição de líder da nova Instituição. (MARTINS FILHO, 1994: 11).

Mais uma vez o narrador imputou impressões de um tempo posterior ao momento narrado, o processo de recordação busca colocar as lembranças numa sequência lógica, mas a construção da narrativa passa por esses caminhos em que as memórias de tempos diferentes permeiam as recordações narradas.

A narrativa tecida por Martins Filho nos três volumes de suas memórias intercalava entre memórias da vida pessoal e profissional, nem sempre bem delimitadas. De certo modo, tal forma de narrativa confundiram, especificamente no segundo tomo do livro *Maioridade*, as memórias do autor com as memórias da instituição por ele dirigida, tendo em vista que a quase totalidade do referido volume tenha sido direcionada, às atividades como Reitor da Universidade do Ceará. Essa confusão se mostrou presente, de forma mais tímida, também no primeiro tomo de *Maioridade*. Ao abrir o referido livro é possível se deparar com os capítulos “44. Uma

Universidade para o Ceará” e “50. De um Sonho à Realidade Objetiva” (MARTINS FILHO, 1993: 7). No segundo tomo, o número de capítulos que tem a Universidade e a atuação de Martins Filho como Reitor desta é bem mais significativo.

51. Universidade: A Fase Heróica; 52. O Início da Decolagem; 53. Sólido e Rápido Crescimento; 54. Novos Planos e Missão ao Exterior; 55. Período de Euforia Generalizada; 56. Segundo Mandato & Muitas Realizações; 57. Fases de Alto e de Baixo Astral; 58. Os Seminários & Outros Eventos; 59. Novo Mandato & Novos Percalços; 60. Normalização da Vida Universitária; 61. Um Erro e suas Conseqüências; 62. A Retomada do Crescimento; 63. Projetos de Desenvolvimento; 64. Maquiavelismo e Difamação; 65. Meu Último Mandato como Reitor; 66. Fase Final do meu Reitorado; 67. Para Frente, Custe o que Custar; 68. Novos Altos e Baixos no Caminho; 69. Fidelidade à vocação de Professor; 70. O Término da Segunda Etapa. (MARTINS FILHO, 1994: 7).

O referencial básico do conteúdo escrito no segundo tomo de *Memórias – Maioridade* é o período que abarca os quatro mandatos de Martins Filho na Reitoria e suas relações com a instituição após o fim do seu último mandato, segundo a própria publicação, os escritos dariam conta do recorte temporal entre 1956 e 1974. O primeiro tomo, por sua vez, compreende os anos de 1926 a 1955. O principal referencial para a escrita dos capítulos dos dois tomos de *Maioridade*, normalmente, centrou-se na vida profissional do autor. Ao analisar o primeiro, é possível perceber que a múltipla atuação de Martins Filho – seja como comerciante, editor de periódico, professor do Liceu do Ceará, advogado, proprietário de editora, entre outras atividades – poderia ser vista por meio dos referenciais temporais usados para narrar a passagem do tempo nos capítulos. Desse modo, para o autor, a vida profissional se mostrou como principal referencial para a tessitura da narrativa sobre sua própria vida. Analisando o segundo tomo, a vida profissional se manteve como o principal referencial para a escrita dos capítulos, mas diferentemente do que ocorrera no tomo anterior, neste a vida acadêmica e sua função de Reitor por quatro mandatos consecutivos se sobrepôs à demais atividades. O conteúdo narrado nos capítulos não contemplava somente a vida profissional de Martins Filho, mas o que se pode perceber com a leitura desses é que ela servia como o principal referencial para a construção da sua narrativa.

Não se busca uma separação do sujeito entre pessoal e profissional, mas essa mescla que se mostra pela narrativa memorial demonstra a relação de proximidade e familiaridade com que os assuntos universitários eram tratados por Martins Filho, confundindo-se com as memórias relativas aos assuntos de sua família.

Depois da solenidade de Colação de Grau dos Bacharéis de 1953, da Faculdade de Direito, ordenei os negócios no meu Escritório de Advocacia e, em companhia de minha mulher e filhos, viajei para o Rio de Janeiro, com a finalidade de participar das festividades de formatura do meu filho José Murilo, integrante da Turma de Médicos da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. (MARTINS FILHO, 1993: 395).

O referencial de tempo da atividade profissional como professor da Faculdade de Direito serviu de aporte para a recordação da formatura do filho. As atividades profissionais e pessoais se confundindo por meio de referenciais de tempo. Percebe-se que o sujeito profissional não se dissocia do sujeito que era pai, esposo e chefe de família, da mesma forma, suas recordações são postas em narrativa de forma conjunta. Em outro momento, Martins Filho narrou sobre a primeira viagem oficial feita por ele como o Reitor da Universidade do Ceará. Nessa mesma viagem, segundo ele, se realizou o casamento religioso de seu filho, José Murilo Martins, em Kansas no Estado do Texas, EUA. A mescla de atividades, entre o Reitor que estava visitando universidades estrangeiras e o pai que foi festejar o casamento do filho, mostra-se na narrativa. Tal elemento pode ser percebido pela leitura do trecho extraído:

O casal Murilo Martins viajou para Kansas City, onde provisoriamente iria residir. O restante do grupo seguiu em minha companhia para o Canadá. Ali permaneci alguns dias, com a finalidade de conhecer a Universidade Mc-Gill, e manter contatos especialmente com o Centro Médico, para onde pretendia mandar dois bolsistas. Fui excelentemente recebido, pelo gerente do Escritório Comercial do Ministério do Trabalho, que se encarregou de encaminhar as nossas coletas de preço de equipamentos e materiais de que necessitávamos. (MARTINS FILHO, 1994: 116).

Ao localizar num mesmo parágrafo o momento posterior ao casamento do filho e as suas atividades profissionais como Reitor, mostra como as suas memórias estão atreladas aos lugares ocupados por esse sujeito. Pode-se perceber na leitura do trecho acima que a presença da Universidade nas memórias de Martins Filho pode ser facilmente identificada. Da mesma forma que a narrativa dele foi um registro dos acontecimentos familiares acerca das festividades de casamento de seu filho, essa mesma narrativa também registrou as impressões do Reitor da Universidade do Ceará em atividade no exterior, buscando estabelecer contatos, firmar parcerias institucionais e comprar equipamentos para compor a estrutura universitária.

A forma de narrar os fatos na escrita autobiográfica é, em sua maioria, regida pelo “Eu”. Como definiu Lejeune, na autobiografia o autor, o narrador e o personagem são identificados num mesmo sujeito (LEJEUNE, 2008). Entre as possibilidades que se tem de escolha da pessoa e do tempo verbal a ser usado na narrativa, a forma

mais comum é o uso da primeira pessoa, o “Eu”. Na tessitura textual de Martins Filho não foi diferente, a tal ponto que a personificação das ações engrandeceu significativamente o personagem com essa forma de narrar. No prefácio do segundo tomo do livro de memórias *Maioridade*, Martins Filho escreveu da seguinte forma o conteúdo da sua obra:

Neste terceiro tomo das minhas memórias, detive-me, quase que exclusivamente, sobre a obra mais importante que realizei – a criação, implantação e consolidação da Universidade Federal do Ceará que, em tempo recorde, se tornou conhecida em todo o País e no Exterior. Na realidade, trata-se de uma Instituição que, do ponto de vista educacional e cultural, representa o acontecimento mais importante ocorrido no Ceará, em todos os tempos. (MARTINS FILHO, 1994: 9).

O uso do “Eu” para conjugar os verbos referentes às ações tomadas na Universidade revela a intenção de Martins Filho de trazer para si o papel de agente, mesmo tendo a noção de que a instituição não foi obra somente de seu esforço. Além disso, percebe-se a intenção de construir memórias da Universidade a partir das lembranças do ex-Reitor. O feito atribuído a ele mesmo e narrado por ele é o de criação, implantação e consolidação do acontecimento, no âmbito cultural e educacional, “mais importante do Ceará, em todos os tempos”. Não somente personificou um processo que não se deu, de fato, somente pelas mãos do autor, como também o qualificou como um feito grandioso para a história do Estado do Ceará, ou seja, ao mesmo tempo em que qualificou a instituição, qualificou a si mesmo. Essa atitude percebida na escrita de Martins Filho pode ser interpretada como a intenção de imputar-lhe a autoridade da escrita sobre a Universidade, tendo em vista a sua longa relação temporal com a instituição e o seu engajamento enquanto administrador desta. Transmite a sensação de que ao ter vivenciado tão de perto e por tanto tempo a implantação e o desenvolvimento da UFC, passou a ser atribuída a ele a autoridade para narrar esse desenvolvimento, tendo em vista que as escritas produzidas até a atualidade não são tão significativas quanto o que escreveu o ex-Reitor.

Fazendo um levantamento da produção bibliográfica acerca do tema *história da Universidade Federal do Ceará*, os primeiros escritos encontrados são os de autoria de Martins Filho. Pode-se dizer que a significativa produção feita por ele entre 1983 e 1996 atesta a intenção de se escrever algo que ainda não havia sido. “Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria,

incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (CANDAU,2011: 74). Martins Filho se apropriou do passado da Universidade Federal do Ceará e da autoridade de narrar, o que, por sua vez, acabou por mesclar, de forma inseparável, as memórias da instituição com as memórias do indivíduo, ou seja, tratar das memórias da Universidade entre os anos de 1944 e 1967 é também tratar das memórias de Antônio Martins Filho.

O trabalho de memória empreendido por Martins Filho atesta a necessidade do indivíduo de “perpetuar” suas memórias por meio de recursos – registro escrito e oral (transcrito) – que dificultem o desaparecimento dessas lembranças frente à aceleração do tempo. Segundo Assmann (2011), o ato de registrar ou, no caso de Martins Filho, registrar-se, principalmente por meio da escrita, seria uma intenção do indivíduo de buscar uma eternização de sua vida, de se fazer lembrado. No caso do sujeito em questão, ele foi, ao mesmo tempo, um construtor de memórias sobre si e sobre a UFC, tendo em vista que o discurso produzido por ele é um processo construtivo, pois o lembrar, o narrar, o escrever e o publicar o são.

4.2 Memórias do bairro, memórias no bairro

As questões referentes às relações entre memória e espaço se concentram aqui, acerca das ações de sujeitos estabelecidas nos espaços dos bairros Benfica e Gentilândia. As primeiras construções a serem feitas no Benfica datam de meados do século XIX, no que era chamado de "Sítio Bem Fica". Na passagem para o século XX, conforme foi mencionado anteriormente, a configuração do bairro foi se modificando por meio da ocupação de membro da elite da época. Nesse contexto, a família Gentil ocupou lugar de destaque no Benfica.

Baseando-se nos relatos orais de moradores e em dois livros de memórias (*Benfica de ontem e de hoje* de Francisco de Andrade Barroso e *Rua Carapinima: ecos e ícones* de Paulo Maria de Aragão), buscou-se perceber de que forma as lembranças foram construídas ao longo do tempo, desde o período anterior à instalação da então Universidade do Ceará até a sua intervenção nesse espaço que compreende alguns pedaços do Benfica e da Gentilândia. As memórias produzidas por Martins Filho e pela instituição foram postas em diálogo com as memórias dos moradores na intenção de identificar como as dinâmicas inseridas por meio do estabelecimento da Universidade no bairro foram também incorporadas a esse

espaço. Entende-se que as intervenções realizadas por essa instituição não podem ser polarizadas com as formas de viver no Benfica e na Gentilândia.

Os espaços que compreendem esses dois bairros estão envoltos por memórias e vivências que foram construídas por meio das relações entre os sujeitos e desses com os espaços. Pode-se dizer que *A Normalista* de Adolfo Caminha é um dos primeiros discursos produzidos sobre as espacialidades e o viver no Benfica. Nessa obra, o espaço que viria a ser um bairro de Fortaleza foi caracterizado pela tranquilidade por ser afastado do barulho e movimentação do Centro, pelo convívio com a natureza, pela quantidade de árvores, sendo inclusive qualificado pelo personagem *João da Mata* como o “paraíso”. Trata-se de uma obra ficcional, mas que se baseou em um contexto histórico que condiz com a historiografia produzida. De que forma essas qualificações também não foram apropriadas por outros sujeitos e resistiram às mudanças ocorridas no bairro?

Cristiano Santos ao ser indagado sobre sua situação enquanto morador, ele se identificou como habitante da Gentilândia, segundo ele, como um nativo. No início da entrevista, foi pedido que ele narrasse um pouco do que ele se lembrava, de como tinha sido a sua infância na Gentilândia e ele fez o seguinte relato:

É então eu considero, eu sempre digo que sou nativo daqui, porque a minha infância, minha juventude, início de fase adulta foi aqui, aqui eu vivi, aqui eu tive infância né. Hoje eu vejo, a gente acompanha aí, a quantidade de crimes de jovens de 16 anos serem assassinados, envolvidos com droga e tal, porque eles não tiveram a infância que nós aqui, moradores, tivemos. Muito lugar pra se jogar bola, pra se criar, brincadeiras que não tinha essa... enredo também pros pais, a gente saía, vamos pra casa de fulano, e realmente nós íamos pra casa daquelas pessoas, entendeu? Então existia esse... eu trabalho com memória, eu sou um saudosista né? Eu tenho que me inspirar por essas coisas aí, os bons hábitos que eu tive, a educação e tal toda dentro do bairro. Um bairro altamente cultural, você sabe disso né? (ENTREVISTA 1).

Retomando parte da narrativa construída por Cristiano Santos, analisou-se o seu relacionamento com o bairro. Cristiano Santos inicia com o uso do “Eu”, passa pelo “Nós” e termina novamente no “Eu”. Ou seja, ele inicia a partir de suas vivências pessoais, usando a primeira pessoa do singular, coletiviza essas vivências ao usar a primeira pessoa do plural e finaliza voltando às suas impressões pessoais. Em relação às memórias por ele evocadas se pode perceber o julgamento feito no presente da enunciação, pois ao dizer que “aqui eu tive infância” é um referencial construído após o final dessa fase do desenvolvimento humano, a criança que saía com os amigos,

“jogava bola” não tinha a noção de que isso que ela estava vivenciando era “ter infância”. Cristiano ainda atribui essa boa educação e boa infância à coletividade que vive e viveu no bairro, ao fazer uso do “Nós”, e também condiciona essa situação ao caráter espacial, ou seja, morar na Gentilândia evitou que ele e seus amigos não sofressem com os crescentes atos de violência contra os jovens. Ao alterar a pessoa da narrativa do "eu" para o "nós", Cristiano se coloca não só com o representante de um grupo, mas dá valor de coletividade a esse aspecto por ele ressaltado em relação ao bairro e conseqüentemente valoriza seu relato. A caracterização de uma vida em vizinhança se mostrou presente na fala do narrador, para ele esse seria um referencial importante no bairro.

Paulo Maria de Aragão, em seu livro de memórias *Rua Carapinima: ecos e ícones*, relatou, por meio de lembranças próprias e de entrevistas, algumas peculiaridades, fatos e pessoas que faziam parte dessa rua, hoje avenida, que juntamente com a Visconde de Cauípe eram as mais importantes do Benfica. Sua escrita se dividiu nos seguintes capítulos:

Diferenciais da minha rua; Os quefazeres domésticos; Os quefazeres fora de casa; Lembranças Familiares; Iniciações amorosas; No reino das travessuras; Festas e tradições; Lazer e alegria; Da vida e da morte; Em tempos de eleição; A ágora da minha rua; Personagens e personagens (ARAGÃO, 2006: 11-12).

A escrita de Aragão não demonstrou seguir uma sequência cronológica ou espacial, mas seccionou sua narrativa de acordo com os referenciais formados por ele a partir das vivências no bairro, tanto no âmbito público, quanto privado (sem deixar de lado algumas permeabilidades).

“Nunca nos banhamos duas vezes na mesma corrente do rio”. A sábia passagem, cunhada por Heráclito, sempre atualizada, comprova que as constantes mutações da História marcham sem descanso por seus caminhos, seguindo a linha invisível e incerta do imprevisível.

A Rua Carapinima, onde vivi ontem a infância e a adolescência, já não é a mesma. Longe estão de fazer parte do mundo em que hoje vivo as aventuras ali ocorridas

Quanta felicidade ter visto um ninho no jardim da professora Dido Facó, maravilha da arquitetura do rouxinol, que se fez descoberta pelo piar de seus implumes filhotes. Vislumbro ainda aquele jardim com suas belas e aromáticas flores, volteando entre elas abelhas e borboletas, e, sob o sol de verão, as lagartixas tomando banho de sol, caminhando nos muros das casas. (ARAGÃO, 2006: 21).

O extrato citado acima compõe parte da introdução do referido livro. O texto inicia-se a afirmação de que as mudanças são uma constante no processo histórico e

de que essas mudanças também são incertas e imprevisíveis. Segundo o autor, não se pode controlar esse curso, de forma que os processos de modificação acontecem de forma tal que ele compara com a frase de Heráclito. Na relação entre o “ontem” (passado) e o “hoje” (presente), Aragão diferencia a época lembrada com o atual vivido, ressaltando que a Rua Carapinima de “hoje” em quase nada se aproxima daquela de “ontem”. As lembranças evocadas por Aragão no trecho citado se ampararam nas vivências de uma época em que ele tinha a possibilidade de prestar atenção na natureza que o circundava no Benfica e continua:

Ali ainda vivem pessoas que conheci, dobradas pelos anos. Umhas humildes, outras nem tanto. Poucos amigos me restam dessa fase; as belas moçoilas não mais bailam com corpos viçosos por entre as tertúlias. Não mais existem os leilões, as novenas de maio, as quermesses instaladas na Rua Padre Francisco Pinto, no trecho entre a Igreja dos Remédios e o Dispensário dos Pobres.

Outros moradores partiram para diferentes paragens, situadas nesta ou noutra dimensão. Com enlevo, canto e decanto suas memórias. O passar do tempo não ofuscou as imagens. Nas limpas calçadas, com nitidez, até hoje os vejo refestelados nas cadeiras de balanço e espreguiçadeiras para as animadas conversas da noite amena. (ARAGÃO, 2006: 21-22).

Fazendo a leitura do extrato acima, retoma-se a afirmação de Aleida Assmann de que as memórias se ligam ao solo da mesma forma que o valor monetário (2011). Em meio às modificações ocorridas no espaço vivido Aragão, aos amigos que se mudaram ou faleceram, as memórias, segundo o autor, teriam se mantido sem o ofuscar operado pelo tempo. Percebe-se também em Aragão o aspecto da vida em vizinhança, por meio das conversas nas calçadas, como parte de seus referenciais sobre o bairro, juntamente com os festejos das tertúlias e das quermesses.

Como a instalação da Universidade do Ceará pode ter alterado essa dinâmica, tendo em vista que com a inserção de uma instituição desse porte, conseqüentemente o número de pessoas a circular naquele espaço aumentou? Retomando a fala de Cristiano Santos:

Logo tinha o Centro... Clube dos Estudantes Universitários, chamado CEU, eu era jovem, eu não tinha... eu não era universitário, mas eu fui muito através dos meus amigos que eram universitários e me colocavam pra dentro dos bailes. Então isso já foi uma coisa boa pra nossa juventude, né, esses bailes que aconteciam lá nós íamos muito, os jogos universitários, isso aqui começou a ter mais movimentação. (ENTREVISTA 1).

As práticas dos espaços da Universidade, por sua vez não eram restritas aos universitários, pessoas de fora da instituição também poderiam participar dos eventos, sendo esses abertos ao público ou por meio de algum amigo que facilitava a entrada.

Mesmo não tendo sido aluno da Universidade do Ceará, Cristiano Santos mostra que a memória referente aos espaços universitários se mantém em suas lembranças, mesmo que de forma um pouco dificultosa (por conta da ligeira confusão de nomes). Por fim, Cristiano Santos relata que “isso aqui começou a ter mais movimentação” ao se referir às modificações promovidas no bairro após a instalação da Universidade. A ideia de movimentação deve ser problematizada, pois o Benfica e a Gentilândia tinham como principais vias as então Rua Carapinima e Avenida Visconde de Cauípe, essas eram os caminhos de entrada para o centro de Fortaleza no sentido “serras-litoral”. Por essas vias entravam na capital os gêneros alimentícios produzidos nos bairros mais afastados, ao Sul, e nas regiões serranas do Maciço de Baturité. Além desse fluxo econômico havia também o fluxo de pessoas que usavam o bonde e os ônibus que tinham como ponto final a referida avenida. A movimentação a que se refere Cristiano Santos está relacionada à inserção de novos fluxos, por parte da Universidade do Ceará, referentes à vida acadêmica, que seriam os eventos esportivos, as festividades as quais ele participou.

Outro entrevistado, o Sr. Francisco de Assis Martins, nascido no Benfica, foi aluno do curso de Geografia da UFC e recentemente se aposentou como funcionário dessa instituição, na qual era o responsável pelo Memorial da UFC (Memorial Martins Filho). O contato com o entrevistado se deu por conta dos caminhos da pesquisa, tendo em vista que o espaço por ele gerido dentro da instituição tornou-se espaço de pesquisa, o que possibilitou o primeiro contato e a realização da entrevista. Essa entrevista possibilitou a identificação de percepções e memórias sobre o bairro e a Universidade a partir da visão de um sujeito que morou, mas ainda se sente morador, no Benfica, estudou na UFC e trabalhou nessa instituição, num órgão que se propõe a preservar a memória desta. Sendo assim sua narrativa está carregada de todas essas (e outras) vivências. Ao ser indagado sobre a forma como a sua família se fixou no Benfica, Seu Assis, como prefere ser chamado, deu o seguinte relato:

A minha mãe chegou em 1936 com a minha família aqui. Em trinta e pouco, ela morava na Rua Senador Pompeu, no centro, mais no centro mesmo, é porque Fortaleza, na época quando ela veio pra cá, só era assim, era um quadrilátero, Fortaleza assim era a Duque de Caxias, com a outra rua lá que é aquela da Santa Casa [Dr. João Moreira], a Tristão Gonçalves e a Dom Manuel, Fortaleza só era isso, da [Avenida] Dom Manuel pra lá não tinha cidade, pra cá [Benfica] que chamava as areias em 1930, 1940, quando minha mãe veio pra cá, eles vieram pro suburbão, aqui era tudo areia mesmo, eu não alcancei, claro né, mas foi, minha família veio e aí nasceu todo mundo, meus irmãos mais velhos, tudo tudo (ENTREVISTA 2).

É perceptível na narrativa de Seu Assis as noções de espaço e as diferenças que havia entre o centro e o restante de Fortaleza naquele período. Podem ser notados em sua narrativa os fatores arquitetônicos do traçado da cidade, essa percepção, provavelmente, não condiz com o mesmo sujeito que vivenciou a cidade desse período, pois tal aspecto possivelmente foi ressaltado por conta de sua formação, tanto em geografia quanto por ser desenhista técnico, função para a qual fora contratado pela UFC. Segundo ele, sua família não era parte da elite fortalezense que se deslocou do centro para o Benfica, seu pai era um assalariado, funcionário da Fundação Cearense, que se localizava na Avenida Visconde de Cauípe, e dele provinha a única fonte de renda que sustentava a família. O relato do Sr. Assis se soma à caracterização do bairro feita pelo historiador Gisafran Jucá, na qual o Benfica seria, juntamente com o Jacarecanga, o reduto de parte da elite de Fortaleza até o final da década de 1940 (JUCÁ, 2004). As definições espaciais se completam no sentido de que com a criação do bairro Aldeota em meados da década de 1930, parte da elite residente no Benfica e Jacarecanga estava se deslocando para o novo bairro, que, a partir daquele momento, passou a ser o lugar de morada preferido das elites fortalezenses (JUCÁ, 2000). Além desse movimento que deslocou parte dessas elites, havia no Benfica e na Gentilândia grande oferta de pequenos imóveis para locação. Por mais que na narrativa de Seu Assis ele não tenha feito nenhuma menção direta a esses movimentos, alguma impressão ficou em suas memórias sobre esse período. Ao tratar a região do Benfica, no período em que sua família ali se instalou, como “areal” significava que provavelmente a rua onde residiram seus familiares não teria sido pavimentada. Fato esse que não foi vivenciado por ele, tendo em vista que não guardou nenhuma lembrança visual desse “areal”, mas por meio daquilo que os familiares que o antecederam lhe contaram, foi incorporado em sua narrativa mnemônica esse aspecto anterior à sua própria existência.

Além disso, o entrevistado narrou que sua família veio morar no “suburbão”, o que significa que a configuração do Benfica não era totalmente elitizada, estando de acordo com as referidas ações de divisão do terreno e construção de residências destinadas à locação empreendidas por alguns proprietários de grandes imóveis. Tal elemento já foi tratado no segundo capítulo ao serem analisadas as relações que se estabeleceram entre os proprietários de grandes imóveis e terrenos e seus locatários, em especial José Gentil. Provavelmente, a ideia de subúrbio mencionada por Seu

Assis tenha se formado tomando como referência as suntuosas residências que faziam parte da paisagem edificada do bairro.

Ao narrar suas impressões a respeito do Benfica da sua infância e apontando algumas mudanças na configuração desse espaço, Seu Assis relatou da seguinte forma:

Aqui as casas, inclusive, tinham aquela coisa como é aqui esse das irmãs, esse dispensário, era aquela casa tipo, estilo, que tem bem um negócio bem sul-americano mesmo, parece aquelas casa da Espanha, na frente você vê um casarão, mas dentro, normalmente, tinha um pátio, com árvores, com jardins, sempre eram assim as casas, por causa do clima né, em Fortaleza, nessa época, era um clima muito mais salubre do que hoje né, o pessoal vinha se tratar, os grandes empreendimentos foi que acabaram mais né e o asfalto também né

Porque aqui não, se você vê aqui no Benfica era uma beleza pro clima, até essas voltas, isso aqui era a coisas mais aprazível, eu era menino me lembro demais e essa lagoa que aterraram aqui a lagoa do Tauape, começava aqui e ali atrás e ia até na... Aí aterraram fizeram a Cobal, né.

Aí quando eles fizeram o canal, esse canal que trás água, aí pronto. Aterraram a lagoa e fizeram... Hoje está tudo construído, né, você... onde tem aquela caixa d'água enorme... Ali era dentro da lagoa mesmo, a lagoa grande, bonito aqui, refrescava esse clima do Benfica todinho, essas casas com as mangueiras nos quintais, com as coisas, né. Essa era uma Fortaleza europeia, que aos poucos estão acabando, né. (ENTREVISTA 2).

Nos trechos citados, o entrevistado confronta suas memórias da infância com as mudanças ocorridas no bairro e na cidade como um todo que, segundo ele, tiraram o ar aprazível que havia no período lembrado. A narrativa construída pelo Sr. Assis está carregada de impressões e aspectos que, no período em que sua família se fixou no Benfica, faziam parte daquilo que se pode chamar de “atrativo”. A lagoa do Tauape, mencionada na fala do entrevistado, fornecia água potável e em abundância para todo o Benfica e Gentilândia, além da água havia também a significativa quantidade de árvores que também contribuía para amenizar o calor (SILVA, 2010). Ao mesmo tempo em que a insatisfação em relação às mudanças climáticas se faz presente na narrativa do Sr. Assis, há também o que se pode caracterizar por saudade, ou saudosismo, esse sentimento está fortemente ligado à memória, no sentido de que o lembrar vem acompanhado de uma vontade de voltar ao contexto lembrado ou de uma comparação com o tempo presente, no qual esse não seria tão bom quanto o passado. A narrativa construída por ele caracterizando as paisagens está carregada de uma saudade desse tempo vivido e lembrado. Para Simon Schama, “É evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos” (1996: 17).

Ou seja, identificar e narrar suas impressões sobre o local atestam a presença do entrevistado. A presença e as ações do sujeito naquele local foram mantidas em suas lembranças que, por sua vez, vêm à tona juntamente com sentimentos. Além de sentimentos, a lembrança de Sr. Assis está carregada daquilo que Schama denominou por “bagagem cultural”. A partir do momento em que o sujeito em questão percebeu as mudanças no clima do bairro e da cidade e estabeleceu a relação disso com o crescimento urbano, essas mudanças passaram a ter um teor de negatividade em relação ao que era anteriormente vivenciado. A Universidade do Ceará pode ser inserida no grupo das modificações urbanísticas, tendo em vista que a instalação desse equipamento no bairro mudou a dinâmica existente naquele momento, pois alterou a movimentação, aumentando o fluxo de pessoas, adquirindo e modificando o espaço fisicamente e inserindo, naquele meio, novas práticas.

Seu Assis nasceu no Benfica, em 1943, na Rua, atual avenida, Carapinima, estudou no Liceu do Ceará e em 1967 entrou para o curso de Geografia na Universidade Federal do Ceará. Retoma-se parte de sua narrativa na intenção de colocá-la em diálogo com outras. Ao dizer que “vivia ali, sem ser funcionário”, que “Tinha uma fila que dava lá depois do restaurante” (ENTREVISTA 2) e que muita gente do bairro participava desses eventos, pode-se dizer que a presença da Universidade no bairro trouxe uma dinâmica diferente de práticas e vivências para os sujeitos que ali moravam e passavam. O Benfica e a Gentilândia – além de lugar de moradia e passagem – passou a ser também um lugar de destino de pessoas para eventos como os Jogos Universitários e os concertos e peças teatrais na Concha Acústica. Desse modo, o bairro se inseriu numa dinâmica de eventos que antes não havia e que se concentrava basicamente no centro com o Teatro José de Alencar e em alguns clubes espalhados pela cidade.

As narrativas de Cristiano de Oliveira Santos e de Francisco de Assis Martins se assemelham nesse ponto, pois ambos veem na instalação da Universidade no Benfica um impulsionador de eventos e como responsável pelo aumento na movimentação do bairro. Mais uma vez a questão de movimentação se coloca. Pensando o Benfica como sendo um ponto de passagem, de entrada e saída do centro de Fortaleza no sentido centro-sul, pode-se dizer que havia, antes mesmo da Universidade do Ceará ser instalada naquele local, uma movimentação, mas que provavelmente não se assemelhava com aquela característica da região central, que

estava passando por um processo de ampliação de pontos comerciais e fabris. Desse modo, a ideia de que o Benfica e a Gentilândia eram mais tranquilos antes da instalação da Universidade pode ter como ponto de referência o Centro, tendo em vista que ambos os narradores têm noção do que seria morar no centro de Fortaleza. Vale ressaltar também que a inserção da Universidade do Ceará, com a construção dos equipamentos e os eventos, trouxe para o bairro fluxos que condiziam com o meio acadêmico. A sensação de vizinhança estava sendo perturbada com a constante circulação de sujeitos desconhecidos que buscavam no Benfica e na Gentilândia práticas referentes à Universidade

Dona Clarisse Costa, 80 anos, aposentada, moradora do Benfica, narrou um pouco sobre a época em que chegou ao Benfica:

Quando eu vim morar aqui, chamavam de Gentilândia, esse nome era da família Gentil, eu ainda conheci uns. Essa parte aqui até o [Estádio] Presidente Vargas, isso aqui tudo era dos Gentil, até a Reitoria, por acolá, que a Reitoria era do Antônio Gentil, era da família Gentil.

Quando eu cheguei aqui a Universidade só tinha aquela casa [a Reitoria], mas ainda era muito diferente, isso aqui era muito diferente. Era uma casa grande, comum que era dos Gentil, mas não morava mais ninguém, já estava começando a ser Universidade ali. Depois foi que reformaram, foi reformando, reformando e foi que cresceu, mas não era grande daquele jeito não. Aos poucos ela foi aumentando, crescendo, crescendo.

Aqui era muito diferente, hoje em dia eu digo que é Benfica brega. Hoje é diferente, aqui antigamente era conhecido como uns dos lugares chique, um lugar que só morava gente mais ou menos, hoje em dia mora qualquer... um pedinte chega e arranja um negocinho ali numa pessoa e mora, pode ser ladrão, pode ser maconheiro, pode ser qualquer coisa. Uma casa do José Gomes, ele tinha uma mercearia, era considerado rico naquela época, então José Gomes morreu e venderam a casa, dessa casa hoje aí tem uns 15 ou 20 "muquifos" [referindo-se às pequenas subdivisões que se transformaram em residências], uns quatinhos que ali é cheio de gente. Eu nunca fui por ali porque eu não gosto. Todo fim de semana tem um forró aí, dia de sábado e domingo, é o dia todo tocando, só quem merece mesmo morar aqui. Eu sei é que aqui mudou muito, mudou muito, muito. É tanto que eu digo que hoje o Benfica, já foi Benfica, que até tinham uns engenheiros ali que diziam que o melhor bairro era o Benfica. Aqui era o lugar chique de se morar, era muito diferente. (ENTREVISTA 8).

É interessante o quanto as memórias da família Gentil, de suas propriedades e da Universidade são evocadas. Mesmo não havendo mais tantos descendentes da família Gentil no bairro, as referências à família permanecem, mesmo que a Universidade tenha ocupado o espaço que, em parte, era deles. Ao comparar com as lembranças com o contexto atual, D. Clarisse se referiu ao bairro antigo como um lugar chique e bom de morar e atualmente esses aspectos não existem mais, teriam dado lugar ao que ela denominou por "Benfica brega". O adjetivo "chique" atribuído ao bairro antigo está amparado no referencial de que o Benfica era um dos lugares

ocupados por parte da elite fortalezense, principalmente na primeira metade do século XX. D. Clarisse foi morar no Benfica por seu falecido marido ter ali comprado a residência em que habita até hoje. Ela relatou que ele era funcionário dos Correios e adquiriu o imóvel em negociação com a Imobiliária José Gentil S.A. A condição de assalariado do marido de D. Clarisse corrobora com o fato de que parte dos moradores da Gentilândia era formada por sujeitos nessas condições econômicas. Para ela, o principal responsável pela perda do bom lugar para morar está na subdivisão de residências destinadas à locação, o que ocasionou o estabelecimento de muitas pessoas desconhecidas na vizinhança.

Eu achava o Benfica muito bom de se morar, não tinha ladrão, só em não ter ladrão era uma beleza, você podia passar até meia noite aí na calçada e não aparecia ninguém, hoje em dia você não pode nem abrir a sua porta. Eu não me sento na calçada, mas não sento mesmo. Mas antigamente, ora minha Nossa Senhora, a gente passava até meia noite aí na calçada. Sentava um bocado de gente aí na calçada e a gente passava até tarde da noite conversando, hoje em dia não dá mais. Hoje, aqui, dos antigos mesmo, só tem eu e Dona Nena, com noventa e tantos anos. Aí o resto já morreram tudo ou saíram. Hoje em dia, eu só não gosto mais daqui é por causa de negócio de ladrão, logo minha casa fica na rua, no meio da rua, eu passo o dia todo com essa porta fechada, dentro de casa. De instante em instante alguém batendo palma pra pedir esmola. Antigamente não era assim. Mas mesmo assim, eu só saio daqui pra “cidade dos pés juntos” (ENTREVISTA 8).

O crescimento da violência também se mostra como fator de desagrado para D. Clarisse. Ao comparar com o passado, ela lembra que não havia perigo em andar pelas ruas à noite, em sentar à calçada para conversar com os vizinhos. Atualmente, tanto a possibilidade de ter algum pertence roubado, quanto o fato de a vizinhança não ser mais a mesma a fazem não partilhar mais dos espaços de sociabilidade na rua. Mesmo com os problemas relatados, D. Clarisse se recusa a ir morar em outro lugar. Isso denota uma relação ambígua, por um lado ela está incomodada com os problemas do bairro, mas por outro prefere não mudar de endereço, provavelmente pelos laços afetivos estabelecidos com o lugar. Essa atitude de D. Clarisse se encaixa no que Aleida Assmann (2011) define por *locais das gerações*, segundo a autora esses locais são marcados pela manutenção de um vínculo muito forte, por parte de determinadas famílias, com o local de moradia. Assmann afirma que esse tipo de relação era muito comum no passado, porque, na sociedade moderna, o que se presa é possibilidade de mudar, de migrar, de não criar vínculos. Quais seriam os vínculos que D. Clarisse tem firmados com o lugar onde vive? Um ponto ressaltado por ela é a facilidade em se ter acesso a estabelecimentos comerciais e a proximidade com o

Centro. A relação dela com o bairro se mostra numa constante ambiguidade entre os temores, por conta da crescente violência, e as facilidades da localização.

Ao mesmo tempo em que a dinâmica da Universidade ia se inserindo e se impondo, a dinâmica do morar ia sendo alterada. Relacionar as mudanças apontadas pelos entrevistados somente à inserção da Universidade é um erro, tendo em vista que o crescimento urbano de Fortaleza ocorria independente da instituição se instalar e se expandir no bairro.

Francisco de Andrade Barroso, em seu livro de memórias *O Benfica de ontem e de hoje*, fez uma descrição minuciosa de cada rua que compõe aquilo que se define como o bairro Benfica. Seu livro foi lançado em 2004, nesse momento o autor estava com setenta e nove anos de idade. Retoma-se aqui a relação já comentada entre memória e velhice. Nesse caso, o próprio autor, no prefácio da referida obra, define sua posição:

Aproximando-me dos oitenta anos de vida, sinto o desejo de transmitir aos pósteros as recordações sobre o bairro em que nasci que conservo gravadas em minha mente, assim como informações sobre seu passado que, ultimamente, venho colhendo, por pesquisas em documentação e livros, assim como por entrevistas com pessoas que julgo depositárias de memória fidedigna. (BARROSO, 2004: 3).

Mais adiante, ainda no prefácio:

Mas já acumulei muito material, e temo que Deus não me conceda tempo necessário para tal aperfeiçoamento, necessariamente cuidadoso e demorado. Na realidade, idealizo outras obras, sonhe ter ainda alguns lustros de trabalho, mas reconheço que, após doze anos de safenado [sic], esta máquina já não está dentro da garantia, e não quero correr o risco de levar comigo, para o outro mundo, uma “história” já tão recheada de detalhes... (BARROSO, 2004: 4)

No primeiro fragmento de texto é possível perceber a intenção de justificar a escrita, sendo aquele o primeiro parágrafo de seu prefácio. Além da justificativa, fica clara a vontade de salvaguardar as memórias e as pesquisas com o auxílio do recurso da escrita e da publicação. Tal ação se mostra como uma forma de burlar o possível esquecimento, tanto do sujeito, quanto de suas memórias, pesquisas e vivências. Ao escrever que teme a não concessão de tempo por parte de Deus e aos problemas de saúde já presentes, pode-se dizer que o horizonte de expectativas do autor é o fim da sua existência, ou seja, a morte. Mas além da referida sensação, pode ser percebida na ação de Barroso a intenção de “eternizar” suas memórias e pesquisas por meio da escrita de trabalhos “lustros”.

A ilustração buscada por Barroso pode ser comparada com a intenção dos gregos referidos por Candau (2012) de não caírem no esquecimento. O ato da escrita, por sua vez, retomando Assmann (2011) é uma maneira de registro, salvaguarda e suporte da memória. Nesse sentido, o recurso da escrita utilizado por Barroso teria uma dupla intenção em relação às memórias: de salvaguardar memórias referentes ao Benfica e à Gentilândia e de atrelar as memórias desses lugares a si. Em seu livro, suas memórias são ao mesmo tempo as memórias do bairro. Ao mesmo tempo em que em sua narrativa estão presentes elementos referentes aos espaços, às pessoas, aos moradores, às práticas, entre outras coisas, notam-se também sentimentos e julgamentos próprios do autor em torno do narrado. O Benfica narrado por Barroso parte de sua ligação afetiva com esse espaço e da sua intenção de registrar as memórias desse bairro.

Ao descrever o prédio que fora ocupado pelo Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, no qual passou a ocupar a Faculdade de Ciências Econômicas a partir de 1962, Barroso cita algumas características físicas, metragens de espaços internos e modificações feitas “deixando pouquíssimas áreas livres e sempre com projetos em completo desacordo com o estilo original” (BARROSO, 2004: 154). Descontentamento semelhante pode ser percebido em outro ponto em que o autor descreveu o edifício da Faculdade de Direito:

Foi oficializada e teve sua sede própria inaugurada em 12 de maio de 1938, quando era Governador o Dr. Francisco de Menezes Pimentel. Foi federalizada, e em 1959 foi construído seu anexo, na administração de Juscelino Kubitscheck, como Presidente da República. Esse anexo não guarda a menor compatibilidade arquitetônica com a parte principal; atrás dele arrumou-se um estacionamento, que privatizou grande área. (BARROSO, 2004: 15).

Fotografia 18 – Lateral do prédio da Faculdade de Direito de 1938 e anexo inaugurado em 1959.



Fonte: BARROSO, 2004: 15.

O trecho se completa com a Fotografia 18, feita, provavelmente, num momento próximo ao período da publicação do referido livro. O propósito dessa produção fotográfica era expor, visualizando a imagem, a disparidade dos edifícios que formam a Faculdade de Direito. Acompanhada da fotografia, a seguinte legenda: “É evidente a desconformidade do acréscimo, à direita, em relação à construção original, da Faculdade” (BARROSO, 2004: 15). Seria o autor reforçando e buscando provar que sua afirmação não foi elaborada sem fundamento. A desconformidade no estilo arquitetônico existe, não se pode negar, o prédio anexo da Faculdade segue (ou seguia) os preceitos da Arquitetura Moderna, enquanto o prédio de 1938 estaria mais próximo do Eclético. Surge a questão: por que buscar reproduzir um determinado estilo?

O sentimento de insatisfação é notório nas três passagens citadas, com as mudanças ocorridas nos edifícios mencionados por Barroso. Ambas as mudanças foram operadas por intervenções da administração da então Universidade do Ceará. A vontade do autor era que fossem mantidos os traços originais, por mais que as

intervenções imobiliárias tivessem sido realizadas em período e por sujeitos diferentes. Vale ressaltar que os traços originais correspondem aos traços dos referidos imóveis vistos pelo autor durante um longo período de sua vida, tendo em vista que Barroso nasceu em 1925, o estilo arquitetônico do Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, onde estudou, e da Faculdade de Direito, por muito tempo estiveram presentes em suas vivências. Ou seja, o original para esse sujeito está ligado ao estilo correspondente àquele que foi vivenciado, visto, guardado na memória por ele. Esse sentimento que aflorou por meio da narrativa, demonstra que em suas memórias existem conflitos entre duas imagens, pois ao fazer o julgamento de que não foi mantida a originalidade dos traços arquitetônicos, isso significa que o sujeito guarda em sua memória as duas formas e entre elas define sua preferida. Nesse caso, a preferência se deu pela forma mais antiga, anterior à intervenção realizada pela Universidade do Ceará. Estabelece-se, além de um conflito estilístico, um conflito temporal, tendo em vista que as duas imagens são de um mesmo imóvel em tempos distintos e que o que foi feito nele modificou o que se tinha antes, não só fisicamente, mas mnemonicamente. No conflito, a imagem que se estabeleceu como predominante seria a mais recente, na qual os estilos arquitetônicos são díspares. Essa predominância se deu por pelo menos dois fatores: um seria a continuidade existencial da instituição de ensino; outro seria a necessidade de se buscar uma forma de preservar a memória da forma antiga, sem intervenções e arranjos dissonantes, por meio da escrita e da publicação. Retoma-se o que Aleida Assmann afirmou sobre as formas que as memórias dos sujeitos se ligam aos locais e que isso vai depender da sensibilidade que cada sujeito tem em relação ao local (2011: 318). Não é preciso que o local exale memórias para que ele se torne um espaço cultural de recordação. Ao mesmo tempo em que há o conflito nas memórias de Barroso acerca do estilo arquitetônico da Faculdade de Direito, provavelmente, essa intervenção tenha gerado uma necessidade no sujeito de mudar a forma como ele se relacionava com esse espaço. Se o edifício não tivesse sofrido nenhuma alteração dissonante no que diz respeito à estilística, esse local teria a mesma simbologia para o sujeito? No caso em específico há no imóvel duas temporalidades representadas pelos seus diferentes estilos e duas imagens mnemônicas que vem à tona e entram em conflito no momento da evocação das lembranças para a construção da narrativa.

Pensando nas intenções da produção textual de Francisco Barroso, é possível interpretar que seu livro foi concebido com a intenção de registrar memórias sobre o bairro que poderiam estar se perdendo frente o domínio hegemônico da Universidade nesses espaços. Junta-se a situação de velhice do autor com o período em que o livro foi publicado, 2004. No referido ano a Universidade Federal do Ceará estava completando 50 anos de sua fundação e, muito provavelmente, as festividades e celebrações desse aniversário foram mais uma forma de impor sobre o bairro as dinâmicas e os fluxos estabelecidos pela instituição. Na contramão disso, o livro de Barroso se posicionou como uma forma de registro e de resistência das memórias do bairro. O desagrado que se nota, partindo do autor em direção à UFC, faz-se principalmente se referindo ao que foi demolido ou, segundo Barroso, erroneamente modificado. Seus laços afetivos com a paisagem do bairro vivido em sua infância, juventude e idade adulta transparecem quando ele se refere às modificações operadas principalmente pela UFC. Outro exemplo da oposição de Barroso frente às modificações operadas pela instituição no bairro pode ser visto nessa passagem:

O professor Francisco José Soares, quer em razão do contratempo representado pelas obras do Metrofor – que inviabilizaram o acesso ao antigo endereço, quer pela pressão do Hospital SOS, que queria adquirir a sede anterior, terminou por transferir o Colégio (Agapito dos Santos), aproximadamente em 1994, para a mesma rua nº 1615, e, depois, para a própria **Avenida Visconde de Cauípe (desculpem-me os que preferem chamá-la da Universidade)**. (BARROSO, 2004: 46) (Grifo nosso)

Que sentimentos levaram Barroso a recusar-se a usar o nome Avenida da Universidade, mesmo depois de quase quarenta anos da permuta? Vale ressaltar que ele nasceu e cresceu numa residência que ficava às margens da então Avenida Visconde de Cauípe. É a saudade e o laço afetivo ligado a um tempo que não condizia mais com aquele momento. Francisco de Andrade Barroso, em entrevista concedida à pesquisadora Ilaina Pereira, ressaltou a resistência de alguns moradores frente à Universidade:

De fato, houve uma reação, por que os moradores do Benfica em geral e da Gentilândia, que ainda hoje se conserva com aspecto residencial, mas no Benfica também eram residências, não existiam esses prédios comerciais, os comércios da época eram poucos. Então, havia quem não quisesse que um órgão dessa natureza ocupasse aquele espaço, mas não me lembro quem eram as pessoas que se movimentaram, apenas houve na época quem lembrasse do cuidado com que o coronel José Gentil procurava conservar a natureza, houve ocasião em que ele mandou que desviasse o muro para evitar derrubar uma árvore. (PEREIRA, 2008: 69).

Percebe-se que o referencial que amparou esse relato dado por Francisco Barroso está relacionado à derrubadas das árvores, provavelmente por ação das construções de equipamentos universitários. O uso das práticas de José Gentil no bairro serviu como reforço desse referencial ligado à paisagem natural do bairro. Pode-se dizer que o desacordo que há entre esse sujeito e as mudanças feitas pela Universidade no Benfica e na Gentilândia está relacionado com os laços firmados por ele com a paisagem edificada e com a paisagem natural típica. Esses referenciais remetem a um tempo anterior a instalação dessa instituição nesses espaços. É notória a tensões que existem nas memórias desse sujeito sobre os bairros e sobre a ação da Universidade nesses espaços. Evidencia, de certa forma, que ocupação operada por ela não se deu de maneira totalmente harmoniosa e em acordo com os interesses de alguns moradores.

Na narrativa de Paulo de Aragão, a criação da Universidade do Ceará no Benfica seria um ponto de ruptura, quebrando com uma dinâmica estabelecida de relações e práticas sociais.

Com a criação da Universidade Federal do Ceará [tendo esse nome a partir de 1965], alteraram-se profundamente os usos e costumes do bairro do Benfica e do contíguo bairro da Gentilândia. Nesse contexto de proximidade geográfica e cultural, dava-se a inter-relação de seus moradores que compunham uma comunidade participativa e atuante, envolvida com os mesmos elementos atrativos e dinamizadores. Missas, novelas de rádio, jogos, leilões, corridas de cavalo no Prado, peladas de rua, tudo robustecia o tecido social das trocas contínuas. (ARAGÃO, 2006: 41).

Para Aragão, a criação da UFC teria sido responsável pela modificação dos costumes citados por ele, tendo como principal fator causador dessa mudança a proximidade cultural e geográfica. A “culpa” de todo um processo de mudanças ocorridas nas práticas e formas de se relacionar nos bairros seria atribuída, pelo autor, à instituição de ensino. O processo de modificação que pode ocorrer em costumes e práticas sociais não pode ser entendido como uma ação na qual há somente um responsável. Confrontando o trecho da narrativa citada com o trabalho historiográfico de Gisafran Jucá, pode-se perceber que esse processo de alteração nos usos e costumes no Benfica e na Gentilândia estão em consonância com um movimento maior que estava ocorrendo em Fortaleza desde o fim da Segunda Guerra Mundial (JUCÁ, 2000). Não só a mudança das elites do Jacarecanga e do Benfica para a Aldeota, mas também o rápido crescimento populacional que se deu entre as décadas de 1940 e 1960, período no qual Fortaleza passou de pouco mais de 180 mil

habitantes para mais de 500 mil (DANTAS, 2009: 14). Com o crescimento urbano a reboque vieram problemas de moradia, infraestrutura urbana, distribuição de renda, violência, entre outros.

A noção de que a partir da instalação da Universidade do Ceará, em 1956, os costumes se modificaram no Benfica está relacionada não só à instituição, mas também a um movimento que ocorria em escala maior. Possivelmente por conta da proximidade, grande parte dos moradores tenha em suas memórias que as mudanças ocorridas no contexto mais local do bairro estivessem atreladas à chegada da Universidade, tendo em vista que ocorreram contemporâneas à instalação dela.

Tanto para Barroso, quanto para Aragão, a Universidade Federal do Ceará ter se firmado no Benfica e na Gentilândia provocou diversas modificações. Enquanto o primeiro se ateve mais nas questões espaciais, arquitetônicas e da natureza, o segundo deu maior foco às relações sociais e costumes típicos dos bairros. Em ambos os casos, as lembranças referentes a um período anterior a esse evento são carregadas do sentimento de saudade. Essa sensação normalmente se tem daquilo que se perdeu, principalmente no sentido físico. O morar no Benfica ou na Gentilândia, principalmente, num período anterior à Universidade coloca-se como um ponto sensível para o apego ao solo e aos costumes do bairro.

Ilaina Pereira, em sua dissertação de mestrado, teve como foco o Benfica e contemplou também a Gentilândia. Entre as pesquisas feitas para a realização do seu estudo etnográfico sobre o bairro ela se deparou com a *Confraria da Gentilândia*. Segundo ela, os confrades se reúnem na intenção de compartilhar vivências e memórias sobre o bairro (PEREIRA, 2008: 98-107). “De acordo com os confrades, o Benfica e, em especial, a Gentilândia é um local particular dentro de Fortaleza, destacando-se por ter permanecido com a estrutura de ruas e casas que foram construídas no início da década de 1930” (PEREIRA, 2008: 99). O que torna esse ambiente particular dentro da cidade é a noção de que a Gentilândia manteve seu tradicional clima de vizinhança. Para os confrades, há uma distinção entre Benfica e Gentilândia e ela se dá pelo fato de o segundo manter-se fiel às tradições do morar e da convivência em vizinhança. Esses aspectos tornariam a Gentilândia, de acordo com os membros da confraria, um espaço diferenciado em Fortaleza, um espaço onde o convívio e o sentimento de vizinhança resiste, mesmo que não compartilhado por todos, como é o exemplo de D. Clarisse, que por muito tempo compartilhou desse

sentimento, mas atualmente vê a impossibilidade disso frente a constante ameaça de assaltos. Vale ressaltar que esses aspectos tradicionais compartilhados pelos confrades se fazem enquadrados nessa instituição formada por eles. De maneira que o reclame em torno desse território que é a Gentilândia rendeu como fruto um projeto de lei de 1999, de autoria do então vereador Narcílio Andrade (PMDB) que delimitava e instituía o bairro da Gentilândia. O projeto foi sancionado em julho de 2000 pelo então Prefeito, Jucary Magalhães. Pela Lei de número 8.480 foi sancionada a delimitação da Gentilândia pelas seguintes vias: Av. da Universidade, Av. Treze de Maio, Rua Marechal Deodoro, Rua Paulino Nogueira, Av. dos Expedicionários e Av. Eduardo Girão (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2000). Apesar de sancionada, a lei somente entrou em vigor em 2013 pela solicitação do vereador José Iraguaçu Teixeira (PDT). O que impulsionou a elaboração do referido projeto de lei? A qual demanda o ex-vereador Narcílio Andrade buscou atender? Por que o vereador José Iraguaçu Teixeira solicitou que a referida lei sancionada entrasse em prática?

De certa maneira, a formação dessa confraria e os referenciais (re)afirmados por seus membros criaram uma demanda popular que recorreu ao poder público a demarcação oficial desse bairro. Amparados pelas ideias de tradição em suas relações de vizinhança e tendo nas memórias sobre a Gentilândia o suporte para isso, esses moradores conseguiram a delimitação das fronteiras onde essa tradição é colocada como marca significativa. Segundo Raquel Rolnik (1997), isso pode ser visto como uma forma de apropriação da legislação pública por parte da população que, por sua vez, faz uso dela para atender suas demandas. Lança-se um questionamento sobre essa delimitação: oficializar a demarcação da Gentilândia é também demarcar o espaço das práticas e dos referenciais para os moradores? Pode-se dizer que sim, tendo em vista que essa é a principal justificativa e o principal suporte para isso. As modificações ocorridas a partir da instalação da Universidade do Ceará nesses espaços não ocasionaram o total esquecimento dos referenciais do bairro, tendo em vista que a instituição também passou a integrar esses referenciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se com o desenvolvimento da pesquisa e a escrita da presente dissertação uma contribuição para a historiografia sobre os bairros de Fortaleza, especificamente o Benfica e a Gentilândia. Ao debruçar-se sobre as implicações que a instalação da Universidade (Federal) do Ceará trouxe para esses espaços, fez-se também importante apanhado das intervenções operadas por essa instituição, entendendo-as como forma de afirmação institucional e espacial na cidade e nos bairros. O presente trabalho buscou historicizar, desconstruir e perceber como a Universidade (Federal) do Ceará, ao se instalar no Benfica e na Gentilândia, construiu os seus espaços para além do concreto e de que maneiras essas intervenções quebraram e impuseram dinâmicas diversas aos bairros.

As análises feitas sobre a trajetória que culminou na criação da Universidade do Ceará, no primeiro capítulo, possibilitaram problematizações sobre esse processo, sobre a instituição e sobre a construção da imagem de Antônio Martins Filho enquanto líder, idealizador, fundador e Reitor da Universidade. Serviram também para o entendimento do contexto em que essas movimentações estavam inseridas e das relações estabelecidas que propiciaram a difusão desse ideal. Ao historicizar a formação do Benfica e da Gentilândia enquanto bairros de Fortaleza, permitiu ao leitor conhecer o significado que esses espaços tiveram/têm na cidade, tendo em vista que desde o povoamento a configuração desses bairros foi sendo modificada tanto por políticas públicas, quanto pela ação dos que ali habitaram/habitam.

O segundo capítulo, por sua vez, ao aprofundar nas ações de inserção da Universidade do Ceará nos bairros e na cidade contribuiu para a problematização da expansão, localização e afirmação realizadas pela instituição. Analisando as aquisições imobiliárias, os equipamentos criados, os edifícios construídos e os eventos realizados se percebeu as maneiras que a Universidade foi construindo o seu espaço e impondo no Benfica e na Gentilândia dinâmicas que tornaram esses bairros o espaço da Universidade do Ceará na Cidade. Foi possível identificar como os referenciais ligados a esses espaços foram se moldando, resistindo ou não às configurações imputadas pela referida instituição.

A leitura dos Boletins da Universidade e das memórias de Martins Filho evidenciaram como a instituição e o seu “fundador” e (ex)Reitor construíram suas

imagens por meio do registro escrito e fotográfico. Entende-se esse registro como ações carregadas de simbologias e intenções, tendo em vista que elas são, atualmente, parte significativas no corpo de fontes que baseia qualquer esforço de escrita empreendido sobre a instituição. Desse modo, pode-se dizer que esse registro não somente relatou os acontecimentos, mas também formou memórias sobre a instituição e influencia na escrita da história sobre ela. O presente trabalho buscou problematizar além do conteúdo dos boletins, mas a própria atitude de registrar e a forma de narrar aquilo que se selecionou para constar nessas publicações. Somando-se a isso, os relatos orais de funcionários e ex-funcionários da UFC, produzidos por meio da metodologia da História Oral. Por meio da leitura dessas fontes foi possível identificar aspectos e percepções de sujeitos internos à instituição acerca das ações da Universidade.

As entrevistas orais realizadas com moradores e a produção memorialística de alguns desses, citadas ao longo do texto, permitiram trazer à tona memórias e referenciais sobre o bairro, aspectos do viver, do conviver e das práticas nesses espaços. Essas narrativas não são tomadas simplesmente como opostas à Universidade, buscou-se identificar as permeabilidades das memórias evocadas, como lembranças e referências de um Benfica ou de uma Gentilândia de outras épocas resistem, em alguns casos, e servem de suporte para laços de afetividade e de afirmação de tradições características dos bairros.

Aprofundar-se nessas temáticas possibilitou o entendimento da Universidade Federal do Ceará enquanto parte de um projeto maior de desenvolvimento e exposição nacional do Estado para além do estigma da seca, sendo também um lugar promissor para investimentos em indústria e, posteriormente, turismo. Os sujeitos envolvidos nessa empreitada e os campos ocupados por eles fortalece essa afirmação. Desse modo, o presente trabalho abre caminhos para outros aspectos e interpretações acerca desses grupos e campos formados, principalmente, a partir da década de 1930.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- _____. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.
- ANDRADE, Lia Raquel Vieira de. O Clã de Moreira Campos: aspectos sociais dos contos publicados em revista. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza - CE, 2009.
- ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cesar Dutra (orgs.). A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. História & Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2004.
- BRESCIANI, Stella. Imagens da cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH-SP/Marco Zero, 1994.
- BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. Fortaleza: uma breve história. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.
- ALVES BURLAMAQUE, Cynthia. Direito Administrativo e o domínio público. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, IX, n. 35, dez 2006. Disponível em: < <http://goo.gl/IVtgD0>>. Acesso em abr 2015.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CANO, Wilson. Ensaio sobre a crise urbana do Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (Re)Produção do Espaço Urbano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

- CARRIJO, Elizângela. Degravação de Entrevista – José Maria Bezerra de Paiva. In: (A)Bordar memórias, tecer histórias: fazeres teatrais em Brasília (1970-1990). Dissertação de Mestrado em História. Brasília: PPGHis/UnB, 2006. p. 4.
- CASTRO, José Liberal de. Martins Filho, o Edificador. In: MENEZES NETO, Paulo Elpídio (org.). Martins Filho de Corpo Inteiro. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- _____. Arquitetura Eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 214-297.
- _____. Fatores de Localização e de Expansão da Cidade da Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Quatro vezes cidade. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.
- _____. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.
- CUNHA, Luiz Antônio. A Universidade temporã. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.
- _____. A Universidade crítica. São Paulo: Editora UNESP, 2007b.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p. 281-292.
- ESTRIGAS, Nilo Firmeza. O Salão de Abril: 1943-2009. Fortaleza: La Barca, 2009.
- FARIAS, Maria Auxiliadores de Almeida. Edições e Seduções – Revista Clã: 1946-1957. Dissertação de Mestrado em História. Recife – PE: UFPE, 2003.
- FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 301-342.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- FONSECA, Pedro Cesar Dutra. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. In: BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cesar Dutra (orgs.). A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (orgs.), O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

GOTTDIENER, Mark. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. In: Espaço & Debates – Revista de estudos regionais e urbanos. Nº 16. São Paulo: NERU, 1985.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madrid y Buenos Aires, Siglo XXI de España Editores y Siglo XXI de Argentina Editores, 2002.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro et al. Inventário da arquitetura moderna cearense: o Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará. In: 9 Seminário DOCOMOMO BRASIL, 2011, Brasília. Interdisciplinaridade e experiência em documentação preservação do patrimônio recente. Brasília: UNB, 2011. v. 1. p. 1-18.

_____. et.al.. A Universidade e a Cidade - Por uma história da Arquitetura Moderna da Universidade Federal do Ceará. In: 8 Seminário DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e paradoxo das Artes. Rio de Janeiro: Klan Multimídia, 2009. v. 1. p. 01-20. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/028.pdf>> Acesso em abril de 2015.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A oralidade dos velhos na polifonia urbana. 2. ed. Fortaleza: Premius, 2011.

_____. A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960. In: DAMASCENO, F. J. G. (Org.) ; SILVA, Marco A.F. da (Org.) . Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s). 1. ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará / Fund. Demócrito Rocha, 2004. p. 109-133.

_____. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960). São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007

_____. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História. Trabalhos da memória. Nº 17. São Paulo: PUC-SP, 1998. p. 63-201.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MATOS, Fábio de Oliveira. A cidade de papel: cartografia e fotografia na formação do espaço litorâneo de Fortaleza. Dissertação de Mestrado em Geografia. Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia. Fortaleza: CCT/UECE, 2009.

MOTA, André. A invenção de uma tradição: Arnaldo Vieira de Carvalho e os lugares de sua memória (1920-2008). In: DANTES, M. A. M.; SILVA, M. R. B. da (orgs.). Arnaldo Vieira de Carvalho e a história da medicina paulista (1867-1920). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MUNIZ, Altermar da Costa. Estado Novo e colaboracionismo estudantil na manutenção da ordem social e política de Fortaleza. In: DAMASCENO, F. J. G. (Org.) ; SILVA, Marco A.F. da (Org.) . Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s). 1. ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará / Fund. Demócrito Rocha, 2004. p. 79-107.

NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUZA, Simone de (org.). Uma nova história do Ceará. p. 76-102. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

NOGUEIRA, A. G. R. et al. Benfica em três tempos: patrimônio, inventário e memória local. In: CHUVA, Márcia & NOGUEIRA, A. G. R. (org.). Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012. p. 220-243.

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Vasconcelos. Tempo, progresso, memória: um olhar para o passado na Fortaleza dos anos trinta. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2006.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Joaquim Aristides de. A Universidade e seu território: um estudo sobre as concepções de campus e suas configurações no processo de formação do território da Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado em Arquitetura – São Paulo: FAU-USP, 2005.

PADILHA, Nino (org.). Cidade e Urbanismo: história, teorias e práticas. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, 1998.

PARENTE, Francisco Josênio C. O Ceará dos “coronéis” (1945 a 1986). In: SOUZA, Simone de. Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 381-408.

PECHMAN, Robert Moses (org.). Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. Lugares no bairro: uma etnografia do Benfica. Dissertação de Mestrado em Geografia. Fortaleza: PPGG/UFC, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.

PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Époque – reforma urbana e controle social (1860 – 1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

- PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- RICŒUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RYKWERT, Joseph. A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2012a.
- _____. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2012b.
- _____. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2012c.
- _____. A Urbanização Brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SENNETT, Richard. Carne e pedra. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E. W. C. (org.). A cidade e o urbano: temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997.
- SILVA, James Roberto. A celebração da imagem: Arnaldo Vieira de Carvalho e o retrato fotográfico. In: DANTES, M. A. M.; SILVA, M. R. B. da (orgs.). Arnaldo Vieira de Carvalho e a história da medicina paulista (1867-1920). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza (1930-1950). Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- _____. Fortaleza: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará, 2004.
- SOULAGE, François. Estética da fotografia: perda e permanência. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.
- SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza. p. 13-86. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- SOUZA, Simone de (org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUZA, S.; RIBEIRO, F. M.; PONTE, S. R.; ORIÁ, R.; JUCÁ, G. Fortaleza: a gestão da cidade (Uma história político-administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995.

VIANA, Carlos Negreiros. José Gentil Alves de Carvalho e o Banco Frota Gentil. In: Revista do Instituto do Ceará p. 201-208. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2007.

VIANA JÚNIOR, M. M.; BARBOSA, C. H. M.; ALVES, R. da S. (org.). Fortaleza sob Outros Olhares: Cultura & Cidade. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

VIEIRA, Sofia Lerche. História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 195-216.

FONTES

ALMANAQUE DO CEARÁ 1953. A. Batista Fontenele & Leopoldo C. Fontenele. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

ALMANAQUE DO CEARÁ 1956. A. Batista Fontenele & Leopoldo C. Fontenele. Fortaleza: Tipografia Royal, 1956.

ARAGÃO, Paulo Maria de. Rua Carapinima: ecos e ícones. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.

BARROSO, Francisco de A. O Benfica de ontem e de hoje. Fortaleza, 2004.

CATÁLOGO do XIV Salão de Abril. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958. Disponível em < <http://www.salaodeabrilfortaleza.com.br/1958.html> > Acesso em abril de 2015.

CLÃ – Revista de Cultura nº 2 – abril 1958. Fortaleza: Imprensa do Instituto do Ceará, 1948.

CLÃ – Revista de Cultura nº 3 – junho 1958. Fortaleza: Imprensa do Instituto do Ceará, 1948.

CLÃ – Revista de Cultura nº 4 – agosto 1958. Fortaleza: Imprensa do Instituto do Ceará, 1948.

ENTREVISTA 1. Entrevistado: Cristiano de Oliveira Santos. Duração: 0:43:39. Data da entrevista: 23/07/2012. Recurso: áudio e vídeo.

ENTREVISTA 2. Entrevistado: Francisco de Assis Martins. Duração: 01:39:29. Data da entrevista: 22/08/2012. Recurso: áudio e vídeo.

ENTREVISTA 3. Entrevistado: Raimundo Nonato de Oliveira. Duração: 0:29:51. Data da entrevista: 22/08/2012. Recurso: áudio e vídeo.

ENTREVISTA 4. Entrevistados: Maria do Socorro Monteiro Ventura e João Monteiro Ventura. Duração: 01:09:25. Data da entrevista: 14/01/2015. Recurso: áudio.

ENTREVISTA 5. Entrevistado: José Liberal de Castro. Duração: 02:17:23. Data da entrevista: 13/10/2014. Recurso: áudio.

ENTREVISTA 6. Entrevistado: José Neudson Braga. Duração: 01:40:28. Data da entrevista: 29/01/2015. Recurso: áudio.

ENTREVISTA 7. Entrevistado: Ítalo Gurgel. Duração: 01:20:29. Data da entrevista: 15/01/2015. Recurso: áudio.

ENTREVISTA 8. Entrevistada: Clarisse Costa. Duração: 01:24:23. Data da entrevista: 14/01/2015. Recurso: áudio.

GAZETA DE NOTÍCIAS 26/06/1956, páginas 1, 2 e 8.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. VI Recenseamento Geral do Brasil. Censo Demográfico (1º de julho de 1950). Estado do Ceará. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. VII Recenseamento Geral do Brasil. Censo Demográfico de 1960. Estado do Ceará. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1961.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. VIII Recenseamento Geral do Brasil. Censo Demográfico de 1970. Estado do Ceará. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1971.

MARTINS FILHO, Antônio. Uma Universidade para o Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004a. (Fac-similar da edição de 1949 da Editora do Instituto do Ceará).

_____. Depoimentos para a História da UFC. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004b.

_____. História abreviada da UFC: 1944 a 1967. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1996.

_____. Memórias – Maioridade II. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1994.

_____. Memórias – Maioridade I. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993.

_____. Memórias – Menoridade. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1991.

_____. UFC &BNB: educação para o desenvolvimento. Fortaleza, UFC/Casa de José de Alencar, 1990.

_____. O Outro lado da história. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

O POVO 15/10/1948 página 2.

O POVO 25/06/1956 página 1 e 2.

O POVO 26/06/1956 página 1 e 4.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Lei nº 8.480 de 24 de julho de 2000. Denomina de Gentilândia um Bairro de Fortaleza e dá outras providências.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 2.373 de 16 de dezembro de 1954. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L2373.htm (acessado em 09/04/2014 as 13:52).

GOMES, Misael. Recepção dos Srs. A. Martinz Filho, Joaquim Alves, Demócrito Rocha e Luiz Sucupira. In: Revista do Instituto do Ceará – ANNO LVII. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1943. p. 234-246.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. A Gentilândia e o bairro do Benfica (A Vila Gentil. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 2010. p. 9-48.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 1 (julho). Vol. 1. Nº 1. 1956. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 2 (agosto – setembro). Vol. 1. Nº 1. 1956. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 5 (março – abril). Vol. 1. Nº 1. 1957. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 7 (julho – agosto). Vol. 1. Nº 1. 1957. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 8 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1957. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 11 (março – abril). Vol. 1. Nº 1. 1958. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 12 (maio – junho). Vol. 1. Nº 1. 1958. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 14 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1958. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 17 (março – abril). Vol. 1. Nº 1. 1959. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 20 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1959. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 21 (novembro – dezembro). Vol. 1. Nº 1. 1959. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 25 (julho – agosto). Vol. 1. Nº 1. 1960. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 30 (maio – junho). Vol. 1. Nº 1. 1961. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 32 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1961. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 57 (novembro – dezembro). Vol. 1. Nº 1. 1965. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 59 (março – abril). Vol. 1. Nº 1. 1966. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 64 (janeiro – fevereiro). Vol. 1. Nº 1. 1967. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Plano de desenvolvimento. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.